



SABRINA HENZ

**DA INVISIBILIDADE AO MULTICOLORIDO: MEMÓRIAS DE MARCAS
IDENTITÁRIAS DA EMEF PROFESSOR GUILHERME SOMMER – TEUTÔNIA/RS**

CANOAS, 2022

SABRINA HENZ

**DA INVISIBILIDADE AO MULTICOLORIDO: MEMÓRIAS DE MARCAS
IDENTITÁRIAS DA EMEF PROFESSOR GUILHERME SOMMER – TEUTÔNIA/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle – Unilasalle, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Orientação: Prof^a Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa
Coorientação: Prof^a Dra. Rute Henrique da Silva Ferreira

CANOAS, 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H528d Henz, Sabrina.
Da invisibilidade ao multicolorido [manuscrito]: memórias de marcas
identitárias da EMEF Professor Guilherme Sommer - Teutônia/RS /
Sabrina Henz. – 2022.
123 f.; il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Memória Social e Bens Culturais) –
Universidade La Salle, Canoas, 2022.
"Orientação: Prof^a. Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa".

1. Memória. 2. Identidade. 3. Espaços de memória. 4. Escola Municipal
de Ensino Fundamental Professor Guilherme Sommer. I. Rosa, Lúcia
Regina Lucas da. II. Título.

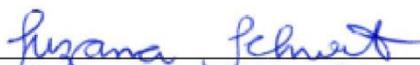
CDU: 316.7

Bibliotecário responsável: Michele Padilha Dall Agnol de Oliveira - CRB 10/2350

SABRINA HENZ

Trabalho Final aprovado como requisito parcial para obtenção do título de mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

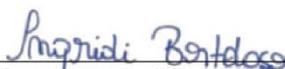
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Suzana Feldens Schwertner
Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Profa. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin
Universidade La Salle



Profa. Dra. Ingridi Vargas Bortolaso
Universidade La Salle



Profa. Dra. Rute Henrique da Silva Ferreira
Coorientadora – Universidade La Salle



Profa. Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa
Orientadora e Presidente da Banca – Universidade La Salle

Área de concentração: Memória Social e Bens Culturais

Curso: Mestrado em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 30 de agosto de 2022.

Aos meus pais, Celso e Carmen, pelo incentivo
e apoio incondicionais no estudo e na vida.
À tia Janete, por despertar o desejo da carreira
docente e acadêmica em mim.
Ao Cristiano, maior incentivador desta pesquisa
e em quem me espelho e inspiro
academicamente e na vida.

AGRADECIMENTOS

Apesar desta pesquisa ser de caráter individual, sua realização dependeu de uma teia de pessoas e instituições que, direta ou indiretamente, a fomentaram ou viabilizaram.

Agradeço, primeiramente, aos meus familiares – pais, irmão, tio e tias, primos e primas, avó – por sempre me incentivarem a buscar mais conhecimento, acreditar no meu potencial e se orgulharem da minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica.

Em segundo, agradeço ao Cristiano, por me instigar a cursar um mestrado, convencido de que eu faria uma pesquisa original e significativa para projetar a Sommer para além da Vila Popular. Ele acreditou neste projeto antes mesmo de sua concepção! E em mim, como tem feito desde que Teutônia nos apresentou.

Agradeço ao meu namorado, por ser aconchego e calma em meio ao turbilhão acadêmico em que me encontrou.

Agradeço às minhas muitas professoras e meus professores, desde a Educação Básica até os cursos de Pós-Graduação. Vocês são incansáveis em compartilhar e promover saberes! Em especial, agradeço à professora Lúcia, que trilhou comigo este caminho de pesquisa desde minha primeira aula no PPG, enriquecendo-o com poesia e leveza além de todo conhecimento partilhado. E, também de forma especial, agradeço à professora Rute, por seu olhar cuidadoso e preciso durante esta caminhada acadêmica e por sua disponibilidade (e paciência) em me ensinar, inclusive, a gerar gráficos no Excel.

Agradeço aos colegas da Sommer – os “Guerreiros da Ponte”, pelos quase quinze anos de partilha diária de sonhos, frustrações e projetos audaciosos. Obrigada por me incentivarem, apostarem nesta pesquisa e vibrarem comigo a cada etapa vencida. Em especial, agradeço às equipes diretivas à frente da instituição durante os dois anos deste estudo – representadas aqui pelas diretoras Arminda Regina Mariani Hepp e Camila Backes, por consentirem com a proposta e, principalmente, cooperarem para a realização de todas etapas de pesquisa, inclusive, na realização do produto técnico. Do mesmo modo, não posso deixar de agradecer a incansável Marcinha, por TUDO – dos documentos separados aos abraços recheados de afeto, sempre.

Agradeço às amigas – Mirian, Camila R., Shana, Aline, Lisângela, Vaneza, Clemilda – pela compreensão (ou frustração contida) diante de tantas ausências e ranços decorrentes do cumprimento do calendário acadêmico e do cronograma de pesquisa. Mas as agradeço, principalmente, pela vibração diante das minhas conquistas e por serem apoio nos momentos adversos. Em especial, a Denise, que esteve sempre ao meu lado.

Agradeço a todas colegas do setor pedagógico da Secretaria de Educação de Teutônia, representadas aqui pela Secretária Fabiana Lampert e pela Subsecretária Shana Müller Vogel, pelo incentivo constante e orgulho deste trabalho.

Agradeço a todos parceiros, apoiadores e colegas que, num esforço coletivo e voluntário, me auxiliarem a organizar e realizar a instalação artística: Lucas, Zélia, Camila B., Karine M., Fernanda, Márcia, Daniela, Joice, Fabiana, Shana, Alana, Francine, Maria Eduarda, Priscila, Alácia, Clécio, Andressa, Adriana, Émerson, Wilson, Karine B., Letícia, Francine, Artêmio, Júlio, Romárcio, Anderson, Luciano, Osvino, Luana, Graciana, Andreia, Leandra, Daniel. Além deles, estendo meu agradecimento aos alunos que emprestaram as camisetas do uniforme, a todos que aceitaram participar das entrevistas digitais e orais e a todos trabalhadores da EMEF Professor Guilherme Sommer. Sem a cooperação e o envolvimento de vocês, a instalação artística seria apenas um projeto no papel.

Agradeço à Prefeitura Municipal de Teutônia, pelos serviços prestados pelo setor de imprensa em divulgar a instalação e fazer a cobertura do momento inaugural. E agradeço à EMEF Professor Guilherme Sommer pela cedência do espaço para a instalação.

E, finalmente, meu sincero agradecimento à Universidade La Salle pela bolsa institucional concedida, imprescindível para a realização deste mestrado.

RESUMO

Esta pesquisa investiga as marcas identitárias emergentes das memórias de representantes da comunidade escolar da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Guilherme Sommer, de Teutônia – RS. Busca também materializar as descobertas e percepções desses sujeitos através da realização de uma instalação artística aberta à comunidade local e regional e, com isso, apresentar uma imagem mais positiva do educandário a toda população. Trata-se de um estudo de campo de caráter qualitativo e apoiado numa abordagem metodológica histórico-cultural, inserido nas linhas de pesquisa de Memória e Linguagens Culturais e Memória, Cultura e Gestão. Como metodologia, fez-se uso da análise documental e da coleta de depoimentos escritos e orais dos sujeitos que fizeram e fazem parte da história da referida escola. A memória constitui a identidade do grupo, como indicam muitos dos autores basilares deste estudo. A base teórica é alicerçada em Halbwachs (1990) e Assmann (2011) no que compete à memória; em Candau (2019) e Pollak (1989; 1992) no que se refere à relação entre memória e identidade; em Oliveira (2008) e Medeiros e Bastos Júnior (2015) em relação à memória e identidade institucional; em Freire (1996; 2001), Larossa (2018) e Masschelein e Simons (2021) no que tange à escola e à educação; e em Carvalho (2005), Nardin (2004) e Silva (2012) no que diz respeito à instalação artística. A análise dos documentos e depoimentos evidenciaram as marcas constituintes da identidade da instituição: a precariedade dos primeiros tempos; a carência do público atendido; a estigmatização da vila; o esforço coletivo e o trabalho em equipe; as cores da diversidade e do respeito; a transformação, a acolhida e o pertencimento; o constructo de família; a ponte como elo entre escola e família; para citar algumas. Essas marcas identitárias elucidadas no estudo apresentam a percepção dos membros internos, resultando na organização e realização da instalação artística no ambiente escolar. Apenas a longo prazo será possível avaliar o impacto dessa ação na imagem externa da instituição, mas se percebe que a interação com a obra causou um movimento reflexivo interno acerca de aspectos da identidade da escola e da importância da preservação das memórias como conservação da história da instituição a partir do seu patrimônio imaterial, gênese identitária e mecanismo de coesão dos grupos que a compõem.

Palavras-chave: escola; EMEF Professor Guilherme Sommer; memória; marcas identitárias; instalação artística.

ABSTRACT

This research investigates the identity marks emerging from the memories of representatives of the school community of the Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Guilherme Sommer, in Teutônia – RS. It also searches to materialize the discoveries and perceptions of these subjects through the realization of an artistic installation open to the local and regional community and, therefore, present a more positive image of the school to the entire population. This is a qualitative field study supported by a historical-cultural approach, inserted in the research line of Memory and Cultural and Memory Languages, Culture and Management. As a methodology, we used document analysis and the collection of written and oral testimonies of the subjects who were and are part of its history of said school. Memory constitutes the identity of the group, as indicated by many of the main authors of this study. The theoretical basis is based on Halbwachs (1990) and Assmann (2011) in what concerns memory; in Candau (2019) and Pollak (1989; 1992) regarding the relationship between memory and identity; in Oliveira (2008) and Medeiros and Bastos Júnior (2015) in relation to memory and institutional identity; in Freire (1996; 2001), Larossa (2018) and Masschelein and Simons (2021) regarding school and education; and in Carvalho (2005), Nardin (2004) and Silva (2012) with regard to artistic installation. Analysis of documents and testimonies highlighted the constituent marks of the institution's identity: the precariousness of the early days; the lack of the public served; the stigmatization of the village; collective effort and teamwork; the colors of diversity and respect; the transformation, welcoming and belonging; welcoming and belonging; the family construct; the bridge as a link between school and family; to name a few. These identity marks elucidated in the study present the perception of internal members, resulting in the organization and realization of the artistic installation in the school environment. Only in the long term will it be possible to assess the impact of this action on the institution's external image, but it is clear that the interaction with the work caused an internal reflexive movement about aspects of school identity and the importance of preserving memories as conservation of the institution's history from its intangible heritage, identity genesis and cohesion mechanism of the groups that compose it.

Keywords: school; EMEF Professor Guilherme Sommer; memory; identity marks; artistic installation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Uma das publicações da página Voz da Sommer em 2021.....	23
Figura 2 - Mapa mental sobre a instalação artística.....	37
Figura 3 - Percurso metodológico	44
Figura 4 - Linha do tempo da escola 1990 - 2020.....	51
Figura 5 - Visão da escola a partir dos Planos Políticos Pedagógicos.....	52
Figura 6 - Elementos formadores da identidade em construção	59
Figura 7 - Hashtag "família Sommer" em 2015	70
Figura 8 - Planta baixa da nova edificação escolar	76
Figura 9 - Projeto gráfico da instalação (parte inicial)	78
Figura 10 - Projeto gráfico da instalação (parte final).....	78
Figura 11 - Convite impresso para a inauguração da instalação artística	80
Figura 12 - Ponte colorida, o logotipo da EMEF Professor Guilherme Sommer.....	83
Figura 13 - Foto montagem da visitação à instalação artística.....	96

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - As cores no projeto arquitetônico da nova edificação	62
Fotografia 2 - Corredor, o sítio da instalação artística	77
Fotografia 3 - Alunos da EMEF Dom Pedro I em visitação � instalação artística	81
Fotografia 4 - Título da obra na entrada da instalação	82
Fotografia 5 - Estação Verde.....	85
Fotografia 6 - Estação laranja	87
Fotografia 7 - Estação azul.....	88
Fotografia 8 - Estação vermelha	90
Fotografia 9 - Estação Amarela.....	92
Fotografia 10 - Estação rosa (primeira parte).....	94
Fotografia 11 - Estação Rosa (segunda parte).....	95
Fotografia 12 - Ressignificação da ponte-logotipo	98
Fotografia 13 - Representação da instalação no estande da Festa de Maio 2022..	100

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Publicações sobre Escola e Identidade	20
Quadro 2 - Publicações sobre Escola e Memória	21
Quadro 3 - Atos legais e normativos da EMEF Professor Guilherme Sommer	49
Quadro 4 - Relatório dos depoimentos orais	67
Quadro 5 - Relação de apoiadores e/ou parceiros da instalação artística	79
Quadro 6 - Descritivo da estação verde	84
Quadro 7 - Descritivo da estação laranja	86
Quadro 8 - Descritivo da estação azul	89
Quadro 9 - Descritivo da estação vermelha	90
Quadro 10 - Descritivo da estação amarela	91
Quadro 11 - Descritivo da estação rosa	93

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Tipo de vínculo com a escola	54
Gráfico 2 - Faixa etária dos participantes	55
Gráfico 3 - Período total de permanência na escola	56
Gráfico 4 - Ano do primeiro ingresso na escola.....	57
Gráfico 5 - Característica mais relevante da escola na lembrança dos entrevistados	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 Da docência à pesquisa.....	16
1.2 Por que a Sommer? Os caminhos da pesquisa	18
1.3 Publicações sobre o tema	20
2 REVISÃO CONCEITUAL	23
2.1 Escola: instituição social e local de memória	23
2.2 Noção de grupo	26
2.3 Memória e identidade: uma espiral de reciprocidade	27
2.3.1 Memória, fenômeno social e coletivo	27
2.3.2 Comunidade afetiva e outras questões relativas à memória	28
2.3.3 Da memória à identidade	29
2.3.4 Identidade institucional.....	32
2.4 Instalação artística, algumas considerações.....	34
3 PERCURSO METODOLÓGICO	39
4 UMA INSTALAÇÃO ARTÍSTICA NA EMEF PROFESSOR GUILHERME SOMMER	46
4.1 Objeto de análise: a escola	48
4.2 Perspectivas sobre a identidade da escola	53
4.2.1 Discussões sobre os depoimentos escritos.....	53
4.2.1.1 Perfil dos sujeitos da pesquisa	54
4.2.1.2 Características da escola	57
4.2.1.3 Descrição da escola	60
4.2.1.4 Dificuldades e desafios.....	63
4.2.1.5 Episódios inesquecíveis	64
4.2.2 Reflexões acerca dos depoimentos orais.....	66
4.2.2.1 Precariedade e marginalização	67
4.2.2.2 O constructo de família.....	69
4.2.2.3 Um projeto para a transformação	70
4.2.2.4 A metáfora das cores	72
4.2.2.5 Origem do nome.....	73
4.3 A instalação: da concepção à execução	74
4.3.1 O espaço, elemento fundamental.....	75

4.3.2 A viabilidade do projeto	77
4.3.3 Realização da obra	79
4.3.4 Por dentro da obra	81
4.3.4.1 Estação Verde - “A escola dos pobres lá da vila”	83
4.3.4.2 Estação Laranja - “Um sonho de escola, que nasceu e cresceu dentro da comunidade da Vila Popular”	85
4.3.4.3 Estação Azul - “Todo mundo junto, trabalhando junto, todo mundo (importante) igual”	87
4.3.4.4 Estação Vermelha - “Uma nova escola surgia naquele dia”	89
4.3.4.5 Estação Amarela - “Colorida por causa da diversidade”	91
4.3.4.6 Estação Rosa - “O saber como ponte para a transformação”	92
4.3.4 Perspectivas pós-instalação.....	95
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	106
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA.....	110
APÊNDICE B - PLANO DE NEGÓCIO	112

1 INTRODUÇÃO

Em 2020, ano que ingressei no Curso de Mestrado em Memória Social e Bens Culturais (MSBC) da Unilasalle que culmina com este trabalho, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Guilherme Sommer, onde trabalhava à época e localizada no município de Teutônia – RS, completava 30 anos de existência.

A escola, situada no coração da Vila Popular e conhecida pelas muitas cores que a caracterizam seja no logotipo, no uniforme ou na estrutura física de suas dependências, apresenta-se, para seus membros, como símbolo de diversidade, pertença e transformação no âmbito educacional da rede municipal, ainda que seu reconhecimento nas diferentes esferas sociais do município seja controverso. Além disso, possui a estranha magia de cativar aqueles que por ela passam e se permitem deixar envolver. “Uma vez Sommer, sempre Sommer!” é frase das mais ouvidas em discursos, muitas vezes inflados, sobre a instituição.

Mas isso não é unanimidade... Paradoxalmente, a mesma escola que conquista a muitos com tamanho fervor é alvo de depreciação por quem a desconhece ou traz em suas memórias apenas acontecimentos ou episódios problemáticos da instituição. Para seus membros internos, muitos dos comentários externos soam como preconceito e rejeição, prejudicando o reconhecimento do valor da instituição no cenário municipal.

Para superar essa invisibilidade e, ao mesmo tempo, consolidar uma imagem mais positiva, esta dissertação tem a pretensão de narrar a contínua trajetória de construção da identidade dessa unidade escolar, destacando suas marcas identitárias, emergentes a partir das memórias dos sujeitos que fizeram e fazem parte da sua história. Busca também materializar as descobertas e percepções desses sujeitos através da realização de uma instalação artística aberta à comunidade local e regional.

1.1 Da docência à pesquisa

A trajetória desta pesquisa, por sua vez, surge do desejo desta professora em transformar seu ambiente de trabalho em objeto de estudo. Fui docente da instituição de 2007 a 2021, e, em alguns momentos distintos, também fiz parte da equipe diretiva. Nesse período, enquanto me constituía como docente, participei de projetos e

estratégias para o estreitamento das relações entre a escola e a comunidade local, visando ao desenvolvimento do sentimento de pertencimento e à valorização das multiplicidades (social, cultural e intelectual) que a compõem.

Inspirada por uma tia professora de Língua Portuguesa e Inglesa e fascinada com seus afazeres pertinentes à docência, desde a infância eu soube que seria professora na vida adulta. Ainda nos meus primeiros anos de escolarização, brincava de dar aulas para minhas bonecas e reproduzia as atividades das minhas adoradas professoras no pequeno quadro negro que tinha em casa; mais tarde, ao ingressar nas séries finais do 1º Grau (hoje, Anos Finais do Ensino Fundamental), lembro-me de auxiliar minha tia a preencher as presenças (pontinhos) nos seus inúmeros cadernos de chamada e revisar as provas, testes e redações dos seus alunos sempre que podia passar um tempinho com ela. Finalmente, já no 2º Grau (atual Ensino Médio), fui referência em auxiliar os colegas em complementar as explicações dos professores aos que tinham mais dificuldades. Assim, cursar o Magistério no Ensino Médio foi uma decisão automática e prazerosa e, ainda em curso, já substituía professoras titulares em algumas escolas de Estrela/RS quando estas precisavam se ausentar.

Em 2002, recém formada no Curso Normal, iniciei minha carreira em uma escola da rede privada de Estrela e tornei-me funcionária pública efetiva numa cidade vizinha, Westfália. Após cerca de cinco anos de docência, e em fase final de cursos de graduação concomitantes – Letras e Pedagogia –, fui nomeada para a rede pública municipal de Teutônia, local em que almejava trabalhar desde o início de minha carreira. A EMEF Professor Guilherme Sommer foi, nesse contexto, a escola para a qual fui designada na rede municipal de Teutônia, em julho de 2007. Em pouco tempo, me senti encantada pela energia e pelo diferencial pedagógico e social da instituição.

No início da minha trajetória ali, fui advertida que seria um local difícil de trabalhar, dada sua localização, histórico e clientela. Realmente! A docência foi um grande desafio nos primeiros tempos – estrutura precária, conflitos diários (e, por vezes, violentos) entre alunos, depredações do patrimônio escolar, pouco envolvimento familiar no processo de escolarização, episódios recorrentes de indisciplina, qualidade de ensino e de aprendizagem inferior às minhas experiências e realidades anteriores... No entanto, percebi num determinado grupo de professores mais antigos ali o desejo de mudança, a consciência do seu papel social e um carinho muito especial por aquela realidade tão distinta de outras escolas da rede.

Rapidamente, me tornei um deles – um dos “guerreiros da ponte”, como se reconheciam quando lá ingressei, e juntos sonhamos projetar a Sommer a um local de prestígio e valorização na rede municipal. Dessa forma, prestei novo concurso e tive nova nomeação na rede em 2013, pedindo transferência para a escola no ano seguinte. Desde 2014, portanto, a Sommer passou a ser a escola exclusiva do exercício da docência para mim. Minha formação enquanto pesquisadora, a propósito, foi fomentada em seus corredores, em momentos de trocas pedagógicas e partilha de sonhos, ao longo dos anos em que ali lecionei. Instigada por colegas de profissão e encanto pelo educandário, desafiei-me a descobrir e a comunicar as histórias e memórias dessa escola que tanto amamos e nos moldou enquanto docentes.

1.2 Por que a Sommer? Os caminhos da pesquisa

Apesar do orgulho e do afeto que nós e boa parte dos membros da comunidade escolar nutrem pela instituição, uma imagem depreciativa do educandário ainda paira no senso comum de quem não o conhece de fato, onde ainda é apontado como uma das “piores escolas” do município por se localizar numa região de classes mais populares e, por isso, presume-se, possivelmente passível de mais altos índices de violência e vulnerabilidade, pouco investimento público e baixa qualidade de ensino. Essa visão limitada é um problema que precisa ser solucionado e merece, na minha opinião, ser abordado por alguém que ultrapasse seu engajamento pessoal para o comprometimento e a responsabilidade acadêmica e, portanto, social.

Conforme Cruz Neto (1993, p. 64), “[...] as inquietações que nos levam ao desenvolvimento de uma pesquisa nascem no universo do cotidiano”, e a EMEF Professor Guilherme Sommer foi meu cotidiano profissional por cerca de quinze anos. Assim, aproveitando o marco comemorativo dos 30 anos e percebendo a necessidade de consolidar uma imagem mais positiva da escola no cenário municipal, surgiu a ideia de investigar o processo de construção de identidade dessa instituição de ensino ao longo de sua história, a partir de registros memoriais.

Desse modo, as marcas identitárias emergentes das memórias de representantes da comunidade escolar constituem-se o tema deste estudo de campo, que integra as linhas de pesquisa de Memória e Linguagens Culturais e Memória, Cultura e Gestão, do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais. Esse estudo objetiva, portanto, identificar as marcas identitárias da unidade

escolar a partir da percepção de membros internos, para comunicar de forma significativa e inovadora, primeiramente, à própria comunidade escolar atual e, por extensão, aos demais segmentos da sociedade teutoniense.

Ainda que o campo da pesquisa seja parcialmente conhecido por mim, busco ultrapassar o conhecimento opinativo e muitas vezes intuitivo sobre a instituição. Freire (2001, p. 8), reconhecendo o conhecimento como uma produção social, resultado da constante curiosidade humana, atenta para superação da “[...] curiosidade ingênua [...] à curiosidade exigente, metodizada com rigor, que procura achados com maior exatidão”. A pesquisa acadêmica requer métodos e etapas capazes de garantir mais eficiência nos processos de ação e reflexão que resultam em conhecimentos. Seguindo esses princípios, surgiu como problema norteador deste estudo a seguinte questão: Quais as marcas identitárias da EMEF Professor Guilherme Sommer que emergem dos registros de memória documentados e das narrativas dos sujeitos que fizeram parte da sua história?

A análise documental implicou a revisão dos documentos institucionais (Planos Políticos Pedagógicos, Regimentos Escolares, Planos Anuais, Planos de Ação, Livros de Atas, Cadernos de Chamada), relatórios, fotografias, filmagens e reportagens do acervo escolar. Já a coleta de dados com os sujeitos – aqui entendidos como docentes, diretores, estudantes e funcionários que passaram pela escola - foi feita através da aplicação de um questionário digital (via Google Formulário). A partir desses relatos escritos, selecionou-se um representante de cada segmento para uma narrativa mais esmiuçada de sua relação com a instituição, feita através de uma entrevista semiestruturada, em formato de depoimento oral, realizada nas dependências da própria instituição para evocar as memórias.

Quanto ao produto técnico, considerando que a identidade está sempre em movimento, em contínua (re)construção, busquei um que, em sua essência, remetesse a essa transitoriedade. Além disso, considerando o público-alvo como a comunidade escolar, composta por atores de distintas faixas etárias e graus de instrução, procurei um produto que fosse visual, concreto, palpável e acessível a todos. Também considerei meu desejo pessoal de aproximar a pesquisa acadêmica do universo pedagógico, valendo-me de recursos parecidos com os já utilizados pela escola para comunicar temas em estudo aos familiares. Finalmente, levei em consideração o tempo disponível para a construção do produto e a sua viabilidade financeira. Assim, cheguei ao conceito de instalação artística, algo que ainda não fora

feito, mas remetesse às mostras pedagógicas e exposições realizadas no educandário em outros momentos de integração com a comunidade escolar.

1.3 Publicações sobre o tema

Com o intuito de apresentar publicações referente às temáticas centrais desta pesquisa, realizei um levantamento de estudos em formato de artigos científicos, teses e dissertações. Os artigos científicos foram procurados na plataforma Scielo, enquanto as teses e dissertações foram examinadas em três repositórios distintos – no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e no Repositório Institucional da Universidade La Salle – Coleções de Dissertações e de Teses do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais (PPGMSBC).

Esse levantamento considerou os seguintes descritores: “Escola e Identidade” e “Escola e Memória”. Busquei apenas publicações em Língua Portuguesa. Os quadros a seguir (QUADROS 1 e 2) apresentam o quantitativo de publicações encontradas até o presente ano, conforme cada descritor utilizado na investigação.

Quadro 1 - Publicações sobre Escola e Identidade

Base de Dados	Artigos	Dissertações	Teses
Scielo	249	0	0
CAPES	0	2.438	584
BDTD	0	37	0
Repositório PPGMSBC	0	3	1
Total	249	2.478	585

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Para refinar a busca de dissertações e teses, especialmente no Catálogo da CAPES, que é gigantesco, além dos descritores “Escola e Identidade”, eliminei os termos “racial”, “raça” e “gênero”; uma vez que esta pesquisa trata da construção da identidade de uma instituição e sua comunidade interna. Ainda assim, os dados aqui apresentados não foram filtrados por área de conhecimento, por se tratar de um

levantamento amplo neste momento e apresentar pesquisas com possibilidade de semelhança e embasamento para esta.

Mesmo que o número de dissertações desta busca chegou num total de 2.478, pelos títulos rapidamente analisados, a lista de temas associados é vasta - trabalho, inclusão, meio rural, meio ambiente, arte, lazer, leitura, literatura, letramento, povos indígenas, professor, formação docente, para citar alguns. Dessa forma, esta pesquisa, num primeiro momento de temática ampla, tem como diferencial a prerrogativa de voltar-se a um grupo específico, a uma determinada unidade escolar, para quem este estudo original e único até o momento pode ter um valor imensurável.

Quadro 2 - Publicações sobre Escola e Memória

Base de Dados	Artigos	Dissertações	Teses
Scielo	136	0	0
CAPEL	0	1.924	512
BDTD	0	7	1
Repositório PPGMSBC	0	5	1
TOTAL	136	1.936	514

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Em se tratando da busca por “Escola e memória”, como ilustra o Quadro 2, há menos dissertações encontradas – 1.936, e também associadas a outras diferentes temáticas: carnaval, museu, saúde, cinema, comunicação, prisão, planejamento, entre outros. A fim de prestigiar a produção de colegas do PPGMSBC e considerando a facilidade de acesso a essas dissertações, li o resumo das encontradas no Repositório da Universidade La Salle neste levantamento prévio.

Nesse sentido, destaco duas dissertações cujas temáticas de pesquisa se alinham ao estudo aqui desenvolvido: “Colégio Espírito Santo: narrativas de memória”, de Kornelia Veronika Wasing (2020), e “Escola Estadual de Ensino Fundamental 20 de Maio - Memória e Identidade”, de Izabel Cristina Martins da Rosa Schneider (2020). Logo, o estudo de suas produções na íntegra inspira e joga luz às reflexões tecidas por mim no processo de construção de identidade da EMEF Professor Guilherme Sommer.

“A memória de uma Comunidade é a presença do passado para o presente que não existe mais”, afirma Wasing (2020) seu resumo. A pesquisadora investiga as

narrativas como parte das celebrações do 60º aniversário do Colégio Espírito Santo, para preservar a memória do educandário para a comunidade local. “A memória dos grupos reforça a recordação da comunidade que dão testemunhos sobre a vida de uma instituição”, aponta ainda a autora em seu resumo, baseando-se em Halbwacks (2006), que também é autor basilar da minha pesquisa.

Já o estudo de Schneider (2020) foca no sentimento de pertencimento dos estudantes da Escola Estadual de Ensino Fundamental 20 de Maio, entrelaçando memória e identidade nesse processo. Segundo resumo da pesquisadora, seu trabalho investiga a “[...] construção de pertencimento dos alunos, enquanto sujeitos constituintes de um mesmo lugar [...]”, considerando as “[...] vivências relatadas sob a perspectiva das memórias, respeitando-as como processo de construção estabelecido pelo grupo e pela comunidade” (SCHNEIDER, 2020, p. 09). Sendo assim, além da temática afim, o público-alvo de sua pesquisa – comunidade interna – assemelha-se a esta investigação.

2 REVISÃO CONCEITUAL

Enquanto instituição social, diariamente, circulam pela EMEF Professor Guilherme Sommer cerca de 430 pessoas, entre alunos, professores e funcionários, que vivenciam e partilham acontecimentos e experiências memoráveis e, assim, constroem a história do educandário, desenhando sua identidade. Os murais, as publicações nas redes sociais (FIGURA 1), as fotografias, os próprios espaços escolares (pátio, salas, corredores, ginásio), as interações sociais cotidianas, tudo suscita, produz ou materializa memórias.

Figura 1 - Uma das publicações da página Voz da Sommer em 2021



Fonte: Facebook/Voz da Sommer (2021).

2.1 Escola: instituição social e local de memória

A escola é uma das mais sólidas instituições sociais desde sua origem, e seu poder em reproduzir ou modificar a sociedade é inquestionável. Segundo Costa (1997), as instituições são frutos de demandas sociais variadas que acontecem. Têm por característica romper com processos de relações sociais entendidos como comuns – trazem o novo – e retornar com processos modificados para o mesmo espaço coletivo de forma a tornar comum novamente.

Como descreve a autora,

Uma instituição é, pois, obra coletiva, criação social, cultural, acontecimento. São agenciamentos coletivos que se instituem no seio das relações sociais. As instituições são construídas historicamente e trazem embutidos, em seu processo instituinte, mecanismos de controle social, estabelecendo regras e padrões de conduta que venham a garantir o seu funcionamento e o exercício de suas funções reprodutoras, que tendem à estabilidade e que obedecem a uma certa regularidade. Trata-se de reproduzir uma determinada ordem alcançada, com a intenção da manutenção dessa ordem. (COSTA, 1997, p. 80)

Assim, uma instituição implica a descontinuidade nos processos das relações sociais num primeiro momento e a regularidade dos novos processos instituídos depois. Segundo Oliveira (2008) com base nos estudos de Costa (1997), uma complexa rede de relações estabelecidas através de práticas habituais, fundamentadas em valores e normas do grupo que nela atua, é o que compõe uma instituição.

Desde seu surgimento nas cidades-estados gregas, a escola foi uma “ [...] fonte de conhecimento e experiência disponibilizada como um ‘bem-comum’” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2021, p. 10). Em sua etimologia, escola significa tempo livre – para sair do seu ambiente social convencional, para tornar público o mundo, para a aprendizagem e para o estudo, para a possibilidade de renovação ou superação desse mesmo mundo que se descortinou diante de seus olhos. (MASSCHELEIN; SIMONS, 2021; LAROSSA, 2018). São qualidades da escola ser democrática, pública e de renovação.

Conforme Larrosa (2018, p. 11), o termo “[...] escola designa o lugar ou estabelecimento público destinado ao ensino”, onde público evidencia a possibilidade do conhecimento para todos; e sua função essencial, segundo Masschelein e Simons (2021, p. 159), é “[...] a renovação da sociedade por meio da nova geração”. A escola institui novas ordens, percursos e acontecimentos na sociedade na qual se insere. E é democrática:

[...] no sentido que “cria” tempo livre para todos, independentemente de antecedentes ou origem, e, por essas razões, instala a igualdade. O mundo é tornado público pela escola. [...] Com a invenção da escola, a sociedade oferece a oportunidade de um novo começo, uma renovação. (MASSCHELEIN; SIMONS, 2021, p. 157)

Ainda que anterior a esses pensadores de reflexões tão atuais alinhadas e conceitos tão basilares, Freire (2001) também defende uma escola consciente desse papel – que seja democrática, popular, libertadora e, assim, transformadora do mundo. Uma educação que transgrida o modelo bancário e acarrete em mudanças.

Atento à condição de ser histórico-social do ser humano, Freire (2001, p. 11) o reconhece enquanto indivíduo “[...] ininterruptamente em busca, naturalmente em processo [...]” de conhecimento, de ação, de transformação, de construção e reconstrução. “O inacabamento do ser [...] é próprio da experiência vital” (FREIRE, 1996, p. 21), estando o indivíduo continuamente em formação. Nesse contexto, a escola aparece como uma das possibilidades de práticas educativas e apresenta-se, na sociedade, como instituição formal de educação, historicamente reconhecida por isso. Ainda que não possa tudo, a educação pode alguma coisa, preconiza o estudioso. À medida que cumpre seu papel social, a escola produz histórias, gesta culturas e evoca memórias.

Dada sua relevância histórico-social, a escola pode se constituir um local de memória. Os locais de memória, segundo Assmann (2011, p. 318), “[...] fazem parte da construção de espaços culturais da recordação muito significativos”. São locais simbólicos, locais para se recordar com carinho, e se estabilizam como memoráveis por meio das narrativas que se fazem sobre ele.

O que torna determinados locais com força de memória é sua forte ligação com as histórias do grupo, a colaboração dos afetos em prol de recordações e o interesse em preservar essas lembranças. Ou seja, são locais cuja memória ultrapassa a existência do indivíduo. E isso só é possível se as pessoas (do grupo) assim o desejarem e fizerem esforço de mantê-la. “Espera-se dos locais da recordação [...] onde quer que se localizem, um aumento da intensidade da recordação por meio da contemplação sensorial” (ASSMANN, 2011, p. 351). Para além do valor informativo, são locais que aprofundam, através da concreção sensorial e a conexão afetiva a apreensão das narrativas ali vividas.

Em síntese, um local em que se consolidem fortes vínculos de um grupo ao longo de sua história de tal maneira que resistam para além da relação daquele grupo com o espaço, através das memórias que seguirão sendo narradas. “A memória não apenas guarda, mas reproduz, estende, comunica-se às gerações que chegam” (FREIRE, 2001, p. 14), se assim for o esforço do grupo que a sustenta. As escolas,

por sua natureza histórico-social, apresentam um potencial inato para serem locais de memória.

2.2 Noção de grupo

A força e a existência de locais de memória estão diretamente ligadas às histórias dos grupos. Em se tratando de uma escola, o grupo de pessoas que a compõe envolve alunos, professores, demais profissionais do magistério, funcionários, gestores, estagiários e familiares dos estudantes. Aquilo que, em se tratando desta instituição social específica, convencionou-se chamar de comunidade escolar.

O conceito de comunidade, nesta pesquisa, apoia-se, nas contribuições de Maffesoli (2018), para quem o indivíduo não existe isolado, é sempre pertencente a um grupo que se fundamenta no sentimento partilhado de si mesmo: “A experiência do vivido em comum é o que fundamenta a grandeza da cidade” (MAFFESOLI, 2018, p. 223). Trata-se, portanto, de entender a comunidade como sentimento de pertencimento, desejo de estar junto e reunião de laços afetivos em comum (preocupações, ideias, representações, sentidos, significados) que ultrapassem o individualismo da existência e possibilitem a coesão ao grupo.

A partir do conceito de comunidade enquanto compartilhamento e identificação, este estudo volta-se à forma de organização de um grupo de um espaço determinado – o ambiente escolar da EMEF Professor Guilherme Sommer, valorizando o seu entorno. Assim, entendo a comunidade escolar como a unidade dos diferentes indivíduos que compõem a escola – alunos, professores, funcionários e pais – em prol da sustentação e reconhecimento do sentimento que têm de si mesmos enquanto grupo. Um esforço coletivo para a construção de um sentimento identitário que distinga o grupo de uma determinada escola dos demais.

Para Masschelein e Simons (2021, p. 85), defensores da escola pública, no ambiente escolar, as diferenças existentes entre os sujeitos (cultura, religião, gênero, conjuntura familiar) desaparecem temporariamente e “[...] uma comunidade é formada com base na participação conjunta”. A escola, desse modo, contribui para a construção da comunidade em si; é tempo e lugar de experiência coletiva que produz história, cultura, memória e identidade para seu grupo enquanto bens comuns. E essa característica, pontuam os autores, constitui o significado social da escola.

Isso significa dizer que, além do seu caráter institucional de gênese, a escola aqui será entendida também como um grupo que escolheu ou foi destinado a existir junto. Um grupo de pessoas afins em sua trajetória por um determinado período de tempo, que optaram por sustentar ou suprimir memórias a fim de definir a identidade que querem apresentar da instituição escolar a qual pertencem, a partir das suas percepções do fenômeno, ou, retomando Masschelein e Simons (2021), que querem construir enquanto “bem comum”.

2.3 Memória e identidade: uma espiral de reciprocidade

Ao analisar a relação entre memória e identidade social, Candau (2019, p. 19) afirma: “Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade”, tanto no plano individual como para o grupo. Em se tratando da escola uma instituição social, a constituição mútua de memória e identidade faz com que aquela sirva de fundamento para esta. (OLIVEIRA, 2008). “A memória apresenta o que fomos, para melhor consolidar as nossas construções acerca do que somos”, afirma Oliveira (2008, p. 96).

Para melhor entendermos a espiral de reciprocidade entre memória e identidade, vamos, sucintamente, conceituar esses fenômenos tanto no âmbito social, por tratarmos de um grupo de pessoas, quanto institucional, por este grupo específico compor uma instituição escolar.

2.3.1 Memória, fenômeno social e coletivo

O indivíduo é sempre pertencente a grupos, e é considerando essa natureza histórica e social do indivíduo que Halbwachs (1990, p. 26) define a memória como um fenômeno coletivo e social – “[...] em realidade, nunca estamos sós” afirma. Ainda que uma lembrança possa ser entendida como individual, ela só é possível graças aos quadros sociais em que se insere e que, em boa parte, precedem a existência individual. Os quadros sociais referem-se às representações coletivas ou contextos sociais em que lembranças são produzidas. Conforme Graeff e Graebin (2018, p. 62), consistem em “[...] categorias de entendimento que enquadram toda existência humana: a linguagem, o tempo e o espaço”, sendo incorporados pelo sujeito desde seu nascimento. “Não podemos esquecer de que o que somos guarda algo que foi e

que nos chega pela continuidade histórica de que não podemos escapar, mas sobre que podemos trabalhar, e pelas marcas culturais que herdamos”, corrobora Freire (2001, p.13) com os estudiosos de memória coletiva ao elucidar a força da história vivida pelo grupo na trajetória do sujeito.

Assim, a memória é sempre construída no contexto de grupos sociais: “Tudo o que nos lembramos do passado faz parte de construções coletivas do presente”, ou seja, está diretamente relacionado ao grupo, ao tempo a que se pertence (SANTOS, 1998, p. 153) e a imagem que se quer de si naquele momento. Dessa forma, uma memória nunca é pura, essencialista ou imutável. Pelo contrário, é sempre um fragmento, um processo, uma construção. A lembrança de um acontecimento não é a reprodução fidedigna do ocorrido.

Não há também, segundo Halbwachs (2019, p. 143), “[...] memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial, [...] o espaço é uma realidade que dura”. Isso significa que é sobre o espaço que ocupamos que nosso pensamento e, portanto, nossas lembranças se detêm. Só podemos recuperar o passado porque ele se conserva no meio material que nos cerca: “Nossos sentimentos e nossos pensamentos mais pessoais buscam sua fonte nos meios e nas circunstâncias sociais definidas” (HALBWACHS, 1990, p. 34). Ao pesquisar as memórias emergentes ao longo dos seus mais de 30 anos de existência da EMEF Professor Guilherme Sommer, as lembranças levantadas constituem um retrato da memória daquele grupo específico, de uma determinada comunidade escolar, neste momento da sua história.

2.3.2 Comunidade afetiva e outras questões relativas à memória

Para que haja memória coletiva, outra característica é evidenciada por Halbwachs (1990, p. 33): a “[...] necessidade de uma comunidade afetiva”. É preciso que haja pontos de contato e relevância entre as memórias de pessoas de um mesmo grupo, um fundamento comum que justifique a reconstrução e o reconhecimento de uma lembrança que é compartilhada simultaneamente entre os integrantes do grupo, enquanto ele existir. Ou, retomando Freire (2001), que justifique comunicar às gerações vindouras.

A memória coletiva “[...] retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (HALBWACHS, 1990, p. 80-81). Só nos recordamos daquilo que importa, que faz sentido, que dialoga com as

necessidades do grupo ao qual pertencemos. Ao discorrer sobre os locais de memória – um dos meios de se recuperar o vivido, Assmann (2011, p. 332), como já dito anteriormente, também evidencia “[...] colaboração de afetos [...]” como requisito para a preservação e recordação.

Reafirmando a necessidade de interação de um grupo para a construção da memória coletiva, os testemunhos figuram como uma importante ferramenta de comunicação. Halbwachs (1990) destaca a importância dos testemunhos dentro de um grupo social para a validação de um acontecimento que se tornará uma memória. “A história vivida [...] tem tudo o que é preciso para constituir um quadro vivo e natural em que um pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado” (HALBWACHS, 1990, p. 71). Nesse sentido, podemos afirmar que a duração de uma memória está condicionada à duração do grupo. É preciso fortalecer e preservar a coesão do grupo para que a memória permaneça.

Outra questão importante da memória é que reencontrar a imagem do passado não significa descrevê-lo puramente como aconteceu, uma vez que as perspectivas do presente o reformulam, como já visto aqui, e por isso incide em processos metafóricos. Não há como falar em recordação sem falar em metáforas, atenta Assmann (2011). Ao recordar, retomamos uma imagem do passado apresentando intrinsecamente a percepção que fazemos dela, apresentamos uma interpretação do real. “Recordações não têm caráter factualmente objetivo” (ASSMANN, 2011, p. 177), não são reproduções *ipsis litteris*. Recordações são recortes que mesclam ausências e presenças de um tempo passado, reconstruído no presente de acordo com o contexto histórico, a necessidade cultural e os padrões de interpretação, esclarece a estudiosa.

2.3.3 Da memória à identidade

Pollak (1992, p. 203) também afirma que memória é “[...] um fenômeno construído [...]” e, portanto, em contínua transformação. Acontecimentos, pessoas e lugares são os elementos constitutivos de uma memória, sendo eles vividos ou experimentados pelo sujeito ou conhecidos através da coletividade em que se sinta pertencer (herdados). Assim, ainda que não haja uma fixidez na memória em si, a existência de marcos ou pontos de referência duradouros e estáveis numa memória é inquestionável. Ao priorizar a coleta de narrativas, seja através do questionário seja

com a história oral como fonte de pesquisa, esses critérios de memória tendem a ficar mais evidentes e transparecem os episódios coletivamente marcantes para o grupo ao longo da sua história.

Embora existam pontos sólidos na memória, esta caracteriza-se por ser seletiva (não se pode lembrar tudo) e representativa (apresentar uma percepção da realidade), estando diretamente ligada às preocupações e aos interesses do grupo no momento de sua constituição. É, de forma sutil, uma escolha do que se quer preservar e narrar, condizente com a imagem que se almeja apresentar. É a “[...] operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar”, a fim de definir e preservar “[...] o sentimento de pertencimento e de fronteiras sociais em relação a outras coletividades” (POLLAK, 1989, p. 09). Aquilo que nos caracteriza e identifica nos difere dos demais.

Assim, a memória apresenta-se como importante “[...] elemento constituinte do sentimento de identidade” (POLLAK, 1992, p. 204), pois é através dela que o grupo “[...] toma consciência de sua identidade através do tempo” (HALBWACHS, 1990, p. 87). A memória modela a identidade. O sentimento de identidade a que Pollak (1992, p. 204) se refere é “[...] o sentido da imagem de si, para si e para os outros”. A construção da identidade é uma questão que se produz nas relações com os outros, implicando questões de aceitabilidade, credibilidade, negociação e diferenciação entre os indivíduos.

Quanto às identidades coletivas (ou culturais), o sociólogo define como os esforços que o grupo faz ao longo do tempo para manter “[...] o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência” (POLLAK, 1992, p. 206) de cada membro que o compõe. Apesar da identidade do grupo, Halbwachs (1990) atenta que o essencial é manter a existência dos traços que o diferencia dos outros grupos e que estes estejam evidenciados em todo seu conteúdo – nas ações, relações, formas de organização, ideologia, crenças, costumes e comemorações.

À semelhança de Pollak e Halbwachs, Candau (2019) também ancora sua noção da identidade como uma construção social baseada na relação dialógica com o outro e indissociada da questão da memória.

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir a trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. (CANDAU, 2019, p. 16)

Ao mesmo tempo em que a identidade de um grupo implica um repertório compartilhado de acontecimentos, experiências, valores e crenças que, conseqüentemente, geram memórias, a memória é responsável por consolidar, desfazer ou refazer esse mesmo sentimento de identidade de um determinado grupo social com o passar do tempo. A memória “[...] é a identidade em ação” (CANDAU, 2019, p. 30), enquanto o desenrolar dessa ação provoca novas memórias, numa contínua espiral de correlação.

Tal qual os pensadores anteriores, Candau (2019, p. 09) considera imperioso entender a memória como “[...] uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo [...]”. No entanto, reflete criticamente sobre o emprego de conceitos como memória coletiva e identidade cultural, os quais define como “[...] retóricas holistas [...]”, por sua incapacidade de representar a totalidade dos membros do grupo quanto a esses fenômenos e por causar uma falsa impressão de estabilidade. Ainda que uma memória seja comunicada a todos os membros de um determinado grupo, não há garantias de que seja compartilhada por todos. Nesse sentido, toda memória é social, mas nem sempre coletiva. Do mesmo modo, Candau (2019) entende que a identidade se refere a algo exclusivo, individual e não recorrente. E, mesmo metaforicamente, para referir-se a um grupo, esclarece que isso não garante o mesmo sentimento de todos que o compõe.

Assim, tanto memória quanto identidade tratam-se de representações. A memória tida como resultado de uma relação complexa entre lembranças e esquecimentos, nunca recuperando a totalidade dos acontecimentos de maneira essencialista. Mais que isso, ela organiza os “[...] traços do passado em função dos engajamentos do presente e logo por demandas de futuro” (CANDAU, 2019, p. 63). Nesse sentido, a memória é “[...] uma maiêutica da identidade, renovada a cada vez que se narra algo” (CANDAU, 2019, p. 76). Como não é possível se rememorar tudo que constitui uma identidade, a memória apresenta “[...] uma narrativa de identidade [...]” (CANDAU, 2019, p. 70, *grifo nosso*), uma forma de organizar as lembranças para configurar uma apresentação consciente, coerente e satisfatória de si.

Stuart Hall (2006), sociólogo que se debruçou nas concepções de identidade do homem ao longo da história, observa a transitoriedade, impermanência e fluidez do sujeito pós-moderno como marcas de identidade cultural. Para Freire (1996, p. 18), a questão da identidade cultural tem a ver com a “[...] assunção [...]” de si mesmo, do

reconhecimento e projeção de quem se é para a sociedade, de assumir sua condição de ser histórico e social, pensante, comunicante e transformador. Transpondo essas percepções no plano individual para a noção de grupo, foco deste estudo, não se quer engessar a identidade da escola como absoluta e única. Pelo contrário, buscamos, com isso, demonstrar ciência de que o levantamento e a análise que ora se faz apresentam marcas identitárias que expressam a percepção de identidade que o grupo faz de si mesmo, neste momento da história.

Delinear a identidade passa pela apreensão do que Teves (1992, p. 7) define como realidade social do grupo, precisando estar ciente de que essa visão é sempre um recorte, “[...] uma dimensão dela mesma e nunca em si mesma, [...] historicamente determinada, instituída seletivamente e constituída por sujeitos que a representam, a simbolizam”. Neste estudo, atenta-se para o fato de que, nesse sentido, a identidade é captada a partir da percepção que os membros do grupo fazem de si mesmos e que, com o avançar do tempo, as circunstâncias e as representações podem alterá-la. A identidade, por mais sólida que se apresente, molda-se continuamente.

Santos (1998, p. 160) corrobora com essa ideia de identidade em movimento ao destacar que “[...] memórias, imagens, identidades construídas são sempre inacabadas [...]”, uma vez que correspondem a uma pluralidade de experiências vivenciadas por grupos sociais “[...] que não se encontram parados no tempo”, mas em contínuos movimento e transformação. Trata-se, portanto, de reconhecer a identidade como inacabada, em constante processo de (re)construção, e apresentá-la até aqui como fragmento – ou marcas identitárias, em reconhecimento a sua importância na comunidade em que se insere.

2.3.4 Identidade institucional

A identidade é fator de coesão de um grupo, de uma comunidade ou de uma instituição. Em se tratando do objeto deste estudo ser uma escola, logo uma instituição social, é preciso considerar que, enquanto na definição das identidades coletivas (ou culturais) evidencia-se o caráter representativo e inacabado do fenômeno, as identidades institucionais delineiam padrões repetitivos, estáveis e, até certo ponto, duráveis para manutenção e reprodução da instituição na sociedade (padrão), ainda que também apresentem transformações com o passar do tempo (criação). “É da natureza das instituições [...] preservar os saberes que deseja reproduzir para sua

manutenção” (COSTA, 1997, p. 94), e, havendo mudanças que rompam com a continuidade, são movimentos complementares aos até então existentes.

A construção de identidade de uma organização, ou mais precisamente de uma instituição, está alicerçada em costumes, tradições e valores que influenciam seus integrantes, repercutem na imagem que fazem de si e na reputação que é percebida pelos outros. Quando falamos em instituição, o senso de identidade e pertencimento do grupo se redefine, alinhando-se à memória institucional que é evocada constantemente e aos processos que marcaram sua trajetória histórica (MEDEIROS; BASTOS JÚNIOR, 2015).

A identidade institucional é fonte de legitimidade de sua atuação social e mantenedora de sua continuidade existencial (MEDEIROS; BASTOS JÚNIOR, 2015). Ela também é moldada por uma memória seletiva e construída historicamente, apresentando percepções tanto da comunidade interna quanto externa (COSTA, 1997). E, segundo Oliveira (2008, p. 95), “[...] forma-se garantindo sua continuidade através da identidade de seus membros”.

Nas palavras de Santos (1998, p. 152), “[...] o sentido de continuidade e permanência presente [...] em um grupo social ao longo do tempo” – e, aqui, inclua-se também em uma comunidade e em uma instituição – “[...] depende tanto do que é lembrado, quanto o que é lembrado depende da identidade de quem lembra”. O discurso da instituição compreende o discurso de quem a compõe; e esse discurso é produzido a partir da construção de significados dentro de um sistema de representações (OLIVEIRA, 2008). A produção de significados, possível através da memória (representação), implica a produção de identidades.

Ao estudar a construção identitária de uma universidade – instituição educacional semelhante em sua constituição à escola básica, Oliveira (2008, p. 97) destaca que há uma identidade inerente à instituição – já dada – e outra que é adquirida ao longo da sua trajetória. Transpondo sua teorização para a EMEF Professor Guilherme Sommer, temos como identidade dada a que a define e caracteriza como escola – traços que a liga às outras de “[...] mesma natureza [...]” – e adquirida, em relação à imagem que começou a construir de si – “[...] traços e características que a identificam em suas particularidades”, como, por exemplo, acolhedora, colorida e valorizadora da diversidade.

A investigação dessas particularidades (ou marcas identitárias) da EMEF Professor Guilherme Sommer mescla as teorizações sobre as construções das

identidades coletivas e definição de identidades institucionais, à medida que busca nos membros (grupo) que compõem a comunidade escolar a percepção de identidade que fazem de si. Ou seja, trata-se da construção identitária a partir dos diferentes atores que a constituem internamente, de forma horizontal, não apenas tomando como fonte os responsáveis esperados – educadores e gestores – por solidificar a organização e legitimar a instituição no âmbito social. É entender a identidade da escola como obra coletiva, buscando as representações que significam para o grupo investigado e marcam a construção identitária na visão deles.

Para isso, a tomada de consciência de si ou percepções de identidade evidenciadas nas marcas identitárias passa pela reconstituição do passado e pela (res)significação das lembranças ou rastros que permanecem dessa trajetória, para compreender o significado para sua coletividade no presente e, quiçá, prospectar suas perspectivas para o futuro. Com a intenção de materializar essa narrativa de identidade do educandário, emergente a partir de registros de memórias, a instalação artística surge como possibilidade estética e acessível à diversidade da composição da comunidade escolar.

2.4 Instalação artística, algumas considerações

A instalação é uma linguagem artística em que a obra é composta pela disposição, montagem ou construções de diversos elementos (objetos) em um determinado espaço que, por sua vez, também se constitui elemento fundamental da obra (SILVEIRA, 2011). É organizada em caráter temporário e proporciona que o espectador se relacione com ela para além da observação. Conforme Silveira (2011, p. 43), nas instalações, o local deixa de ser apenas suporte e incorpora o conceito da obra – “[...] os objetos, as imagens e o ambiente dialogam”. A instalação depende do espaço para sua existência ou, nas palavras de Silva (2012), “O espaço onde a obra se instala é essencial à própria conformação da obra”.

Para Carvalho (2005), instalações são obras que se vinculam, física e simbolicamente, ao recinto da exposição. Os aspectos históricos, culturais, sociais e simbólicos do espaço da instalação importam. Ainda que, em princípio, toda obra ao ser exposta se relaciona com o sítio de exposição, esclarece a pesquisadora que a instalação apresenta essa preocupação desde sua concepção, “[...] como uma questão artística e estética, parte de toda a obra [...]” já na origem (CARVALHO, 2005,

p. 30). Nesse sentido, para a autora, a instalação, dentre outras noções, pode ser definida como “[...] objeto contextual [...]” (CARVALHO, 2005, p. 30), uma vez que tanto a concepção como a recepção da obra envolvem o entorno. Isso não significa que uma instalação não possa ser transportada para outros espaços, mas, sempre que isso acontecer, estaremos diante de uma nova criação, ou seja, de uma outra instalação, simbolicamente diferente da primeira.

De fato, a instalação foi se consolidando como um arranjo específico de objetos em unidades próprias e compartilhadas num espaço. Sua configuração é dependente do próprio espaço que ocupa, independentemente se sua concepção se origina deste mesmo espaço. Enquanto espaço manipulado, a instalação, também, torna-se um sítio vinculado ao corpo do espectador, seja na sua condição interacional, seja na condição espectadora. (OLIVEIRA, 2018, p. 4)

Além da dependência do espaço para composição da obra, notam-se aí duas questões relevantes a uma instalação artística: a mudança no perfil do espectador de arte e a importância dos objetos que a compõem. Quanto ao visitante, observa-se que evolui de uma posição mais passiva (exercendo papel de receptor e observador) para ativa (quando interage ou é absorvido) em sua relação com a obra, o que se constitui uma das características primordiais dessa manifestação artística, desde suas origens. Quanto aos objetos, são dotados de valor ou significado para que provoquem sensações e mobilizem ações desse visitante durante a apreciação da obra. Os objetos, quando de natureza simbólica, “[...] geram determinadas sensibilidades [...]” (ASSMANN, 2011, p. 318) e podem despertar a impressão de unidade. Isso acontece quando um objeto ou mesmo local contém significado por si mesmo, como acontece com um determinado espaço do ambiente escolar, por exemplo, transcendendo a lembrança individual para coletiva.

Carvalho (2005) atenta para o caráter miscigenado da instalação, integrando diferentes objetos e campos artísticos (escultura, pintura, desenho, fotografia, música, vídeo) e os ressignificando nesse encontro entre si e com o local. Mesmo se composta por um único tipo de objeto instalado – fotografias, por exemplo – teremos a relação com o espaço; logo, pelo menos dois elementos: fotografia e sítio. Destaca a pesquisadora: “Grande parte das instalações envolve uma dimensão espacial que extrapola a possibilidade de visualização simultânea da totalidade de seus elementos [...]”, que não se restringe à percepção visual (CARVALHO, 2005, p. 13). Isso acontece numa instalação por, além de imagens ou outras artes visuais estáticas,

envolver elementos sonoros, olfativos, táteis, luminosos e, muitas vezes, estarem relacionados a dispositivos de tempo.

As instalações surgem enquanto linguagem artística a partir da década de 60, como o questionamento de artistas aos suportes tradicionais de arte e protesto contra as relações de poder exercidas por eles (SILVA, 2012). À época, segundo Fabris (2016, p. 59), eram conhecidas como ambientações que, ao se relacionar com o espaço ao redor, “[...] constituíam uma rejeição flagrante às práticas da arte tradicional porque ao incorporarem o espaço exterior integravam ou absorviam também o próprio observador à obra”. Além de crítica, a arte deveria ser democrática, daí a preocupação em mexer com os sentidos do espectador, instigando-o a experimentar sensações (agradáveis ou incômodas) como completude da versão final da obra (SILVA, 2012).

A despeito da disposição espacial dos objetos, das imagens e dos demais materiais e elementos numa instalação artística, de forma a garantir essa provocação e imersão do espectador à obra, Nardin (2004) destaca que o espaço “[...] atua como elemento ativo, propositivo e catalisador de interatividades”. Por isso, Oliveira (2018, p. 5) pontua a necessidade de uma “[...] ética de montagem [...]”, cujo processo exige marcações de tempo e de espaço, e sugere a realização de registros de sua história enquanto linguagem expositiva para fins de recriações ou mesmo documentação. Nesse sentido, croquis, anotações e registros visuais da obra, ainda que incapazes de absorver toda a experiência, assumem grande importância documental.

Como o mais comum numa instalação é a obra ser temporária, a efemeridade é outra de suas características, que, a propósito, dialoga com a fluidez do indivíduo pós-moderno de Hall (2006) e o inacabamento do ser humano destacado por Freire (2001). Carvalho (2005), considerando essa condição de existência transitória da obra, compôs a noção de instabilidade de uma instalação – é instável quanto ao período de permanência no recinto tanto como à possibilidade de desmontagem e nova instalação. Enquanto objeto artístico, a experimentação da obra é mais importante que sua permanência (SILVA, 2012) e, toda vez que ela é instalada, há um processo de recriação que não tem como ser igual ao anterior, já que um de seus elementos determinantes – o espaço – se alterou.

O mapa mental (FIGURA 2) a seguir ilustra as principais características desse tipo de obra, segundo Silva (2012), em que o espaço, o tempo e a relação com o outro são os atores principais.

Figura 2 - Mapa mental sobre a instalação artística



Fonte: Elaborado pela autora (2021).¹

Tal qual a relação entre identidade e memória, uma instalação, quando multiplicada, é uma criação que se renova a cada montagem. Como foi planejada para existir em local e tempo determinado, conclui Silva (2012), a experiência transitória é intrínseca a sua poética:

A Instalação como poética, nos permite sempre nova experimentação sensorial, nos conecta com nossa memória afetiva, e nos faz vivenciar a obra de forma plena. A Instalação inaugura assim, novos mundos, os quais são vivenciados em tempo e espaço específicos, de forma efêmera, passageira. Permanecendo sempre de forma peregrina apenas na memória. (SILVA, 2012, p. 231)

É justamente considerando sua transitoriedade e sua conexão com a memória afetiva do espectador que a instalação artística surgiu como possibilidade de materialização das percepções de identidade desta pesquisa de memória e linguagens culturais. O recinto da exposição, neste caso o corredor da escola, “[...] trata-se de um espaço (com)partilhado com o espectador e suas disposições culturais” (CARVALHO, 2005, p. 06), afetando suas percepções do próprio objeto artístico e da narrativa de identidade ali composta. Finalmente, é preciso considerar que “há uma

¹ Elaborado com base na tese de Silva (2012). As imagens que aparecem na figura foram coletadas da página Facebook/Voz da Sommer.

pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço [...]”, como nos lembra Freire (1996, p. 20) acerca do poder do discurso formador e construtor implícito na estrutura e organização do ambiente escolar e, aqui, planejado para impactar e ressignificar a construção identitária através da instalação.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Para planejar e realizar uma instalação artística que verse sobre as memórias de marcas identitárias da EMEF Professor Guilherme Sommer, propus-me a realizar uma pesquisa inicialmente exploratória, de cunho qualitativo, que depois se constituiu numa pesquisa descritiva. Trata-se de um estudo de campo. Conforme Gil (2002, p. 53), “O estudo de campo focaliza uma comunidade [...] que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana”. Yin (2016) destaca que o campo é um ambiente da vida real, com pessoas realizando suas rotinas reais. Assim, cenários institucionais, como a escola, são ambientes favoráveis para pesquisas desse tipo.

Esta pesquisa qualitativa apoia-se numa abordagem histórico-cultural, buscando descrever não apenas a aparência do objeto de estudo – a identidade da EMEF Professor Guilherme Sommer –, mas compreender sua essência a partir da percepção de seus membros: a origem, a relação com o contexto, as mudanças que sofreu, os atores envolvidos e intuir as consequências de sua permanência (TRIVIÑOS, 2017). Vai além da compreensão dos significados, pois:

Buscou as raízes deles, as causas da sua existência, suas relações num quadro amplo do sujeito como ser social e histórico, tratando de explicar e compreender o desenvolvimento da vida humana e de seus diferentes significados no devir dos diversos meios culturais. (TRIVIÑOS, 2017, p. 130)

Por isso, num primeiro momento busquei documentos e outros registros do acervo escolar – álbuns de fotografias, relatórios, projetos – que desenhavam a organização, a estrutura e o modo de funcionamento da escola, evidenciando sua relevância social e trajetória histórica. É preciso conhecer bem seu objeto de estudo para elaborar a pesquisa. Nesse sentido, esse conjunto de documentos “[...] serve de apoio para a investigação e de instrumento de análise [...]” das narrativas coletadas (ALBERTI, 2013, p. 39).

Considerando as características da memória elencadas no embasamento teórico – fragmentada, seletiva, representativa, mutável e coletiva, optei por fazer a coleta de dados através de relatos escritos e registros de história oral, em etapas distintas da pesquisa. Esse método, presumo, dá mais liberdade para transparecer os esforços do grupo em constituir e manter o sentimento de pertencimento e unidade de si, fazendo

emergir elementos da construção da identidade – as marcas identitárias – ao longo dos mais de 30 anos de história.

Preocupada com o processo tanto quanto com o resultado final (como uma pesquisa qualitativa deve ser), mas ciente da impossibilidade de ouvir a totalidade de sujeitos que passaram pela instituição e analisar ano por ano da trajetória escolar, foi preciso organizar e selecionar recortes temporais. Assim, a primeira etapa de coleta de dados com os participantes, que consistiu na aplicação de um questionário digital, foi organizada em recortes de intervalo a cada 5 anos de história da instituição. A opção por intervalos de cinco anos considerou minha disponibilidade de tempo para realizar a análise do material coletado.

Desse modo, ficaram os intervalos de recorte assim definidos: 1990 - 1994, 1995 - 1999, 2000 - 2004, 2005 - 2009, 2010 - 2014, 2015 - 2019 e 2020 - atual, preferencialmente buscando as fontes de pesquisa no primeiro ano de cada intervalo. A cada intervalo desses, coletamos narrativas curtas, por escrito, de representantes de cada um dos atores do processo de construção da identidade – estudante, professor, funcionário ou diretor. Por conta da dificuldade de contato com pais no curto período de tempo destinado à seleção dos sujeitos, à época da organização do projeto para a qualificação, optamos por deixar de fora essa categoria neste momento. Os sujeitos da pesquisa foram selecionados na segunda quinzena de junho de 2021.

Conforme Triviños (2017), a seleção da amostra ou sujeitos da pesquisa é uma decisão intencional do pesquisador que considera uma porção de fatores: relevância para o tema em estudo, facilidade de acesso ao participante, tempo disponível, grau de instrução (e compreensão) compatível com a ferramenta de coleta utilizada, posição desempenhada, entre outros. A escolha dos participantes não deve, portanto, ser orientada por critérios quantitativos, mas pelo “[...] significado de sua experiência” (ALBERTI, 2013, p. 40).

Para selecionar o público da pesquisa, busquei os nomes de professores em Cadernos de Chamada, tentando equilibrar a quantidade de representantes de anos iniciais e finais; pesquisei os diretores e vices nos Livros de Atas do Círculo de Pais e Mestres da Escola; nos Livros-Ponto selecionei os funcionários; e nas Atas de Resultados Finais dos Alunos encontrei os estudantes a serem acionados, optando por nomes que já não possuem mais vínculo diário com a escola. Como critérios para essa seleção, considerei, primeiramente, a preferência por terem estado na escola no primeiro ano do intervalo de cada recorte, depois, pela possibilidade de contato,

através de rede social ou telefone, e, finalmente, pelo tempo de vínculo com a instituição.

Para tentar garantir a coleta dos dados de cada intervalo de tempo com todos atores que compõem o público de cada grupo, meu levantamento prévio contou, sempre que possível, com dois nomes possíveis de abordagem, sendo um titular e um suplente, que não serão divulgados nas publicações, preservando o sigilo acordado no momento do aceite. Caso o primeiro participante abordado não fosse localizado ou não aceitasse participar da pesquisa, havia uma segunda opção para tentar a maior representatividade dos sujeitos da pesquisa.

De 1990 a 2000, a EMEF Professor Guilherme Sommer não contava com o cargo de vice-diretor, que, em Teutônia, está vinculado ao número de estudantes matriculados na escola, havendo, portanto, apenas o nome do titular no segmento dos diretores dessa listagem. Outra lacuna será a ausência de contribuição de uma funcionária que trabalhou na escola no primeiro quinquênio: não há registro dela em Livro-Ponto pois, à época, a contratação era feita pelo Círculo de Pais e Mestres e não havia vínculo direto com a prefeitura municipal.

Ao final da listagem oficial para entrevistados, o grupo de participantes contou com sete representantes de cada segmento da comunidade escolar em pauta, exceto no grupo de funcionárias, do qual só encontrei seis, totalizando vinte e sete participantes potenciais a responderem um questionário digital misto encaminhado por WhatsApp. O questionário, além de dados de identificação e contextualização necessários, trazia questões abertas sobre as percepções do participante em relação à escola – características, dificuldades e fatos memoráveis – fundamentais para o estudo do objeto (APÊNDICE A).

Alberti (2013, p. 20) afirma que o mais precioso da história oral, e aqui estendo essa observação para a história narrada também por escrito nas questões abertas e subjetivas do questionário, é “[...] a possibilidade de reconstituir a história através de suas múltiplas versões [...]”, valorizando o significado trazido pelos atores envolvidos. O significado é a preocupação fundamental da pesquisa qualitativa (TRIVIÑOS, 2017).

O questionário foi encaminhado e respondido no período de 03 a 08 de julho de 2021, havendo apenas dois segmentos em um intervalo específico sem participação na partilha de lembranças: faltou o depoimento de funcionário no intervalo de 1990 a 1994, por, como já dito, não ter encontrado nome nos registros oficiais buscados (Livros Ponto); e de uma diretora (ou vice) no período de 2010 a 2014, de forma que,

mesmo concordando em participar da pesquisa na abordagem inicial, nem titular nem suplente responderam ao questionário no prazo estabelecido. Os demais participantes foram todos os titulares da listagem oficial, e a abordagem inicial deu-se por contato via aplicativo WhatsApp. Nos casos que não dispunha do registro telefônico, o contato foi feito através da rede social Facebook e interação pelo aplicativo Messenger.

A partir das respostas dos questionários, pela qualidade das narrativas ali expostas, selecionei um dentre os representantes de cada segmento para a realização de um relato de história oral de suas memórias durante uma visita ao ambiente escolar da EMEF Professor Guilherme Sommer. Logo, quatro pessoas foram selecionadas para a segunda etapa. Propus-me fazer uma entrevista aberta, que se configurou como um bate-papo carregado de intenção, a fim de deixar os participantes mais seguros e à vontade. Com autorização do participante através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o diálogo foi gravado e transcrito na íntegra para ser analisado à luz dos documentos escolares e dos teóricos que embasam esta dissertação.

As entrevistas orais foram realizadas nas dependências da escola entre o final de fevereiro e a primeira semana de março de 2022, a maioria em horário regular de aula, em deslocamento pelos diferentes espaços da instituição de ensino, para evocar memórias do tempo em que os entrevistados fizeram parte daquela história. A escola, enquanto local de memória, proporciona “[...] um aumento da intensidade da recordação por meio da contemplação sensorial” (ASSMANN, 2011, p. 349). E a história oral, por sua vez, “[...] privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu”, por isso biografia e memória são inerentes à sua prática (ALBERTI, 2017, p. 31). Esse método, ao reconstruir e totalizar os acontecimentos, aproxima o pesquisador ainda mais do seu objeto de estudo.

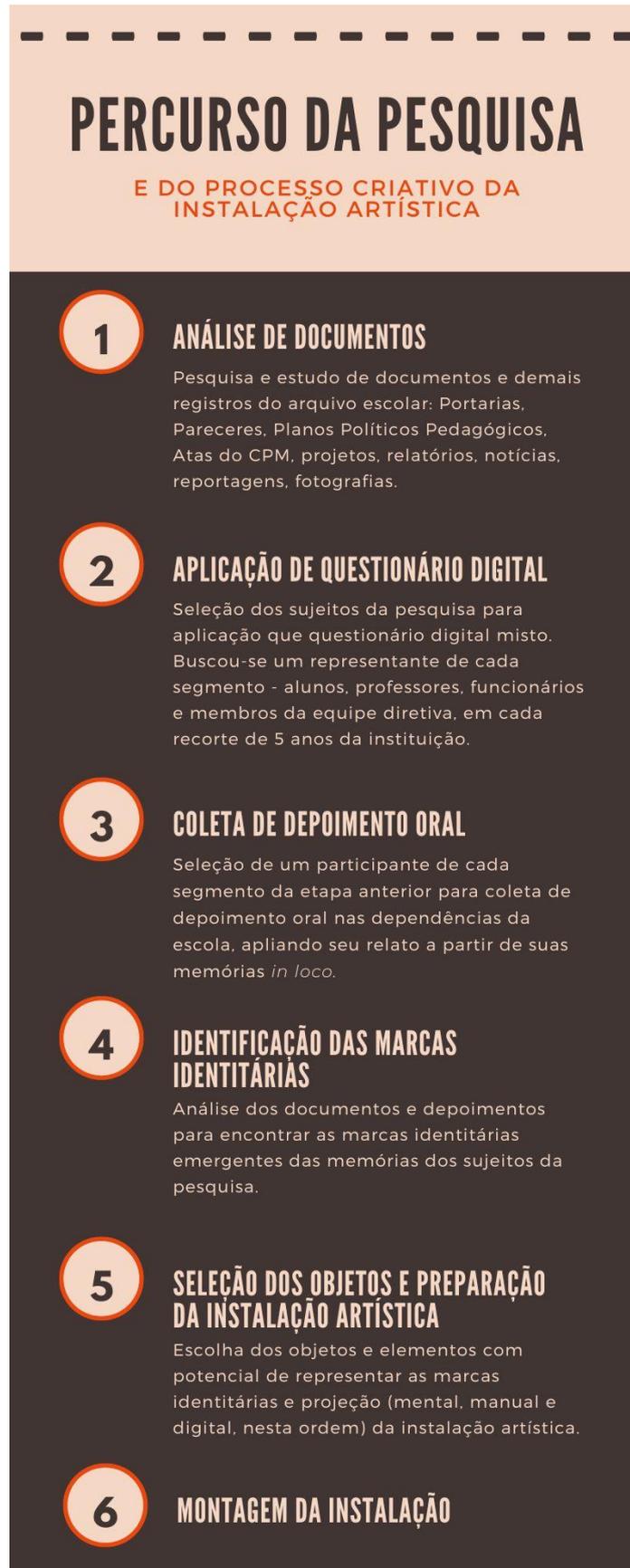
Convém salientar que, no início deste projeto, a ideia era que a metodologia utilizada fosse somente a história oral, quando o escopo dos entrevistados incluiria apenas diretores e docentes selecionados. Porém, à medida que o trabalho de campo foi-se desenvolvendo, percebi que a incompletude representativa dos integrantes que diariamente convivem e atuam no ambiente escolar prejudicaria o resultado final da pesquisa, por desconsiderar os significados de parte relevante no processo. É preciso dar escuta a todos integrantes da comunidade escolar que circulam diariamente pelo educandário, ainda que de forma representativa apenas, como prática de educação

libertadora, exercício da democracia (FREIRE, 2001) e compromisso ético e social com a análise do objeto de estudo.

Por isso, foi preciso diversificar o máximo dos informantes acerca do tema estudado, respeitando os limites para a realização de uma análise com qualidade, o que deixou, momentaneamente, o grupo dos pais fora desta coleta de dados. Assim, tive de reorganizar os métodos utilizados, optando pelo questionário digital misto como possibilidade de coletar narrativas, ainda que curtas, com a totalidade dos representantes, e ficando a história oral como método a ser aplicado a apenas um representante de cada um dos grupos anteriormente questionados num segundo momento.

Todo esse percurso metodológico é responsável pelo apontamento de marcas identitárias da EMEF Professor Guilherme Sommer trazidas aqui, a partir das memórias emergentes no processo da coleta dos dados, implicando a seleção dos objetos que constituirão a instalação artística e na disposição e uso do espaço como elemento fundamental da obra. O infográfico (FIGURA 3) a seguir ilustra esse caminho da pesquisa que culmina com a realização da instalação:

Figura 3 - Percurso metodológico



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Ao mesmo tempo em que desenha o caminho da pesquisa, a Figura 3 apresenta o processo criativo do produto técnico deste estudo, que é a instalação artística. Ao revisar essa imagem, ainda que intuitivamente num primeiro momento, percebe-se as etapas do processo criativo de Wallas (1926 apud SANTOS, 2019). Para Santos (2019), Graham Wallas foi um dos pioneiros em propor etapas do processo criativo ao apresentar quatro básicas: “preparação, incubação, iluminação e verificação” (SANTOS, 2019, p. 9492).

A preparação, segundo Wallas (1926 apud SANTOS, 2019) consiste na etapa de exploração de ferramentas técnicas e conceituais que servirão de base para o trabalho criativo. No caso desta pesquisa, corresponde à etapa de investigação dos documentos da EMEF Professor Guilherme Sommer, a fim de conhecer ao máximo o objeto, mas também do momento de coleta dos depoimentos.

O período de incubação para Wallas (1926 apud SANTOS, 2019) trata-se de deixar as informações em *stand by*, de forma a possibilitar inesperadas conexões. É o momento que consciente e subconsciente exercem seu trabalho no processo de criação. Neste caso, compreende o período de elucidação das marcas identitárias que ficaram pairando em meus pensamentos por um bom tempo antes da projeção da instalação. Um período de reflexões acerca dos objetos a serem selecionados, mas também de alienação, quando ideias inesperadas surgiram em momentos despropositados.

A iluminação é o momento da criação em si, enquanto a verificação é a etapa que avalia se uma ideia pode ser colocada em prática da maneira pensada inicialmente ou se precisa sofrer ajustes e adequações. A escolha dos objetos, a projeção mental e em croqui manuscrito, a avaliação do projeto, a projeção digital e a montagem da instalação em si ilustram essas duas últimas fases do processo criativo de Wallas (1926 apud SANTOS, 2019). Ao descrever em minúcias as etapas da organização da instalação artística, no item 4.3 do próximo capítulo, essas etapas de criação ficarão ainda mais evidentes.

4 UMA INSTALAÇÃO ARTÍSTICA NA EMEF PROFESSOR GUILHERME SOMMER

A trajetória de pesquisa elucidada no capítulo anterior compõe etapa fundamental para a organização do produto final deste curso de mestrado profissional: a realização inovadora de uma instalação artística nas dependências da EMEF Professor Guilherme Sommer. Sob o título “Da invisibilidade ao multicolorido: memórias de marcas identitárias da EMEF Professor Guilherme Sommer”, a projeção da obra foi feita a partir dos registros e das narrativas memoriais que apresentaram, na percepção de seus membros internos, os elementos mais marcantes da identidade dessa instituição. Considerando que a identidade está sempre em movimento, em contínua (re)construção, busquei um produto que, em sua essência, remetesse a essa transitoriedade. Conforme Candau (2019, p. 77), o sentimento de identidade é alimentado por “[...] um tecido memorial coletivo [...]” que, no caso da escola, é tramado, principalmente, pelos atores que a compõem: professores e demais profissionais da educação, funcionários, estudantes e suas famílias.

O público-alvo deste produto é, assim, primeiramente a comunidade escolar da EMEF Professor Guilherme Sommer, entendida aqui como alunos e seus familiares e os trabalhadores da educação (professores, supervisor escolar, orientador escolar, funcionários e estagiários). Desse modo, calculou-se impactar diretamente cerca de mil pessoas. Porém, por se tratar de um evento público, o projeto alcançou também, por extensão, autoridades locais, representantes do Executivo e Legislativo Municipal, imprensa local, demais munícipes de Teutônia e visitantes de outros municípios convidados a prestigiar a obra. O resultado esperado, portanto, incluiu atingir também visitantes não pertencentes ao nicho do público-alvo imediato no período de visitação da instalação. E, assim, poder comunicar a trajetória de construção de identidade da escola, destacando suas marcas mais evidentes a indivíduos que desconhecem sua história de forma a reduzir ou eliminar, futuramente, o preconceito em relação à instituição, muitas vezes, oriundo de indivíduos que desconhecem a íntegra da sua história.

A opção por este produto considerou justamente a diversidade do público-alvo, atentando para as distintas faixas etárias e graus de instrução de quem integra a comunidade escolar e buscando aproximar a pesquisa acadêmica do universo pedagógico, ao planejar um recurso semelhante aos já utilizados pela escola para comunicar temas em estudo. A instalação artística, algo que ainda não fora feito na

escola, remete às mostras pedagógicas e exposições já realizadas no educandário em outros momentos, quando grupos de alunos dispostos pelo ambiente escolar divulgaram para os familiares seus estudos e pesquisas, através de exposições, comunicações orais ou organização de murais, painéis, cartazes, portfólios e afins.

Além disso, estimo que o produto pode projetar a escola para um espaço referencial na rede municipal em termos de promoção e produção de cultura, garantindo uma prática significativa para o desenvolvimento de uma das competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 09) – a que versa sobre a ampliação do repertório cultural e determina “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais.” Com isso, projetou-se dar mais visibilidade ao educandário como importante ator cultural no cenário regional, inspirando outras escolas, principalmente públicas, a extrapolarem as fronteiras educacionais para o vasto universo artístico e cultural.

O objetivo geral deste produto foi comunicar, de forma visual e inovadora no contexto escolar, as marcas identitárias da EMEF Professor Guilherme Sommer emergentes a partir de memórias narradas por membros da comunidade escolar. Ao fazer isso, como objetivos específicos, destacamos:

- consolidar uma imagem mais positiva (ou com menos preconceitos) quanto ao educandário ao comunicar sua trajetória para quem desconhece sua história;
- projetar a escola para um espaço referencial na rede municipal em termos de promoção e produção de cultural;
- dar mais visibilidade ao educandário como importante ator cultural no cenário regional, inspirando outras escolas, principalmente públicas, a extrapolarem as fronteiras educacionais para o vasto universo artístico e cultural.

Os custos, as etapas e as estratégias previstas para a execução do projeto estão descritas no Plano de Negócios (APÊNDICE B). Inicialmente prevista naquele momento, a participação de apoiadores externos com visibilidade de mercado foi inexpressiva, mas a quantidade de parceiros da área educacional permitiu que o projeto fosse executado de acordo com sua concepção e não houvesse prejuízos no resultado do produto final. A descrição detalhada da instalação consta nos próximos subcapítulos.

Sobre a realização deste produto, tomo a liberdade de compartilhar que a oportunidade de pesquisar as marcas da identidade da escola em que atuei por tanto tempo, a partir de estudos de memória social, e poder comunicar isso para além das fronteiras da escola com um produto cultural é a realização de um projeto pessoal. Projeto que, apesar disso, não é individual; pelo contrário, foi compartilhado com alguns colegas de jornada e gestado há alguns anos na coletividade. Entregar um produto nesse formato permite transportar o universo acadêmico, centralizado na pesquisa científica, para o espaço onde o início do desejo pelo conhecimento inesgotável acontece – a escola regular de Educação Básica, aproximando e mostrando a interdependência entre esses dois polos de saberes.

4.1 Objeto de análise: a escola

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Guilherme Sommer localiza-se na Avenida 1 Leste, 2775, no bairro Centro Administrativo, município de Teutônia, situado no Vale do Taquari, estado do Rio Grande do Sul. Distancia-se aproximadamente 110 quilômetros da capital gaúcha. É uma das seis escolas de ensino fundamental da área urbana do município de Teutônia. Atende, como já mencionado, cerca de 400 a 430 alunos a cada ano, desde a Pré-Escola (Educação Infantil) até o último ano (9º ano) do Ensino Fundamental, nos turnos matutino e vespertino. É considerada uma escola de porte médio na rede municipal, tendo uma boa estrutura (EMEF PROF. GUILHERME SOMMER, 2007; 2014; 2019).

Sua inauguração data de 03 de março de 1990, mas os documentos de fundação antecedem a isso. A criação da instituição de ensino e sua denominação foi feita através do Decreto Municipal nº 215, de 17 de maio de 1988, sendo designada Escola Municipal de 1º Grau² Incompleto Professor Guilherme Sommer. O parecer favorável ao seu funcionamento – Parecer CEE nº 1.274/88, foi expedido pelo Conselho Estadual de Educação em 23 de dezembro de 1988. A portaria estadual que autorizou seu funcionamento, Portaria nº 757/90, data de 1º de junho de 1990. Finalizando esses primeiros atos legais e normativos, o Decreto Municipal nº 340, de 10 de maio

² Até a promulgação da Lei Federal Nº 11.274/06, a nomenclatura para designar a etapa do ensino fundamental era 1º Grau, e os anos escolares eram séries, que iam da 1ª a 8ª.

de 1990, outorga o Regimento Escolar às escolas municipais. O quadro a seguir (QUADRO 3) sintetiza esses atos legais e instituintes da escola em sua origem.

Quadro 3 - Atos legais e normativos da EMEF Professor Guilherme Sommer

Documento	Órgão Expeditor	Descritivo
Decreto Nº 215, de 17 de maio de 1988	Prefeitura Municipal de Teutônia	Cria e denomina a Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Professor Guilherme Sommer.
Parecer nº 1.274, de 15 de dezembro de 1988	Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul	Autoriza o funcionamento, a partir de 1889, da Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Professor Guilherme Sommer.
Ata de Inauguração, de 03 de março de 1990	Secretaria Municipal de Educação	Registra a hora cívica realizada por ocasião da inauguração da Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Professor Guilherme Sommer.
Decreto Nº 340, de 10 de maio de 1990.	Prefeitura Municipal de Teutônia	Outorga Regimento Escolar e Grade Curricular de 1ª a 4ª séries às escolas municipais.
Portaria Nº 757, de 1º de junho de 1990.	Governo do Estado do Rio Grande do Sul	Autoriza o funcionamento da Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Professor Guilherme Sommer.
Decreto Nº 791, de 18 de janeiro de 2000.	Prefeitura Municipal de Teutônia	Denomina a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Guilherme Sommer.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O nome da escola, segundo texto redigido pela Secretária Municipal de Educação no ano da inauguração (1990) - Sra. Cliza Wallauer - e arquivado em pasta específica do acervo escolar, é uma homenagem ao professor Heirich Friedrich Wilhelm Sommer pelos serviços prestados na área da educação. Conforme o registro, o professor Guilherme Sommer, como era chamado no Brasil, veio da Alemanha em 1885 e lecionou em localidades que hoje pertencem ao município de Teutônia, contabilizando 45 anos³ dedicados ao magistério. Não há registros de que tenha

³ Embora o texto da Sra. Cliza Wallauer indique 45 anos de docência, em maio deste ano a bisneta do Professor Guilherme Sommer, a Sra. Mirian Sommer, informou a Secretaria de Educação de Teutônia, através de um e-mail, que o tempo de docência exercido na região foi de 48 anos.

exercido seu ofício na região onde atualmente a escola se localiza, pois não havia uma comunidade ali na época. Ainda de acordo com a autora, essa homenagem reconhece e valoriza o trabalho do docente, que deixou “[...] enriquecida nossa Teutônia, com seus exemplos de trabalho e dedicação, contribuindo decisivamente para que Teutônia ostentasse o título de município mais alfabetizado⁴ do Brasil” (WALLAUER, 1990).

Inicialmente, a escola Professor Guilherme Sommer foi construída para atender crianças residentes no “[...] Conjunto das Casas Populares [...]” (CÍRCULO DE PAIS E MESTRES, 1990, f. 3), descritos, conforme a Ata do Círculo de Pais e Mestres (CPM) Nº 04/90, como um público de pessoas carentes e moradoras no entorno escolar. À época de sua fundação, conforme abertura do livro de Atas do CPM, seu logradouro era Avenida Um “O”, bairro Canabarro, e atendia apenas alunos de Séries Iniciais (1ª a 4ª séries), em turmas multisseriadas conforme os achados nos Cadernos de Chamada dos docentes.

O atual nome da escola foi instituído pelo Decreto Municipal nº 791, de 18 de janeiro de 2000, conforme referido em Ata Nº 02/01 do CPM da Escola. A partir de 2001, conforme observado ao analisar os Cadernos de Chamada do arquivo escolar, a escola amplia suas turmas de atendimento, passando, gradativamente, a oferecer as classes de 5ª e 6ª séries, em 2002; 7ª série, em 2003; e 8ª série, em 2004. É a partir dessa ampliação de público atendido, presume-se, que aparece a função do vice-diretor escolar. Ou seja, até 2000, havia apenas uma diretora na função da gestão da unidade escolar. Segundo os Livros-Ponto, até 2008 a escola contava apenas com uma vice-diretora, desempenhando suas funções em tempo integral, mas, a partir de 2009, registram-se duas profissionais ocupando essa função, uma em cada turno de atendimento da escola.

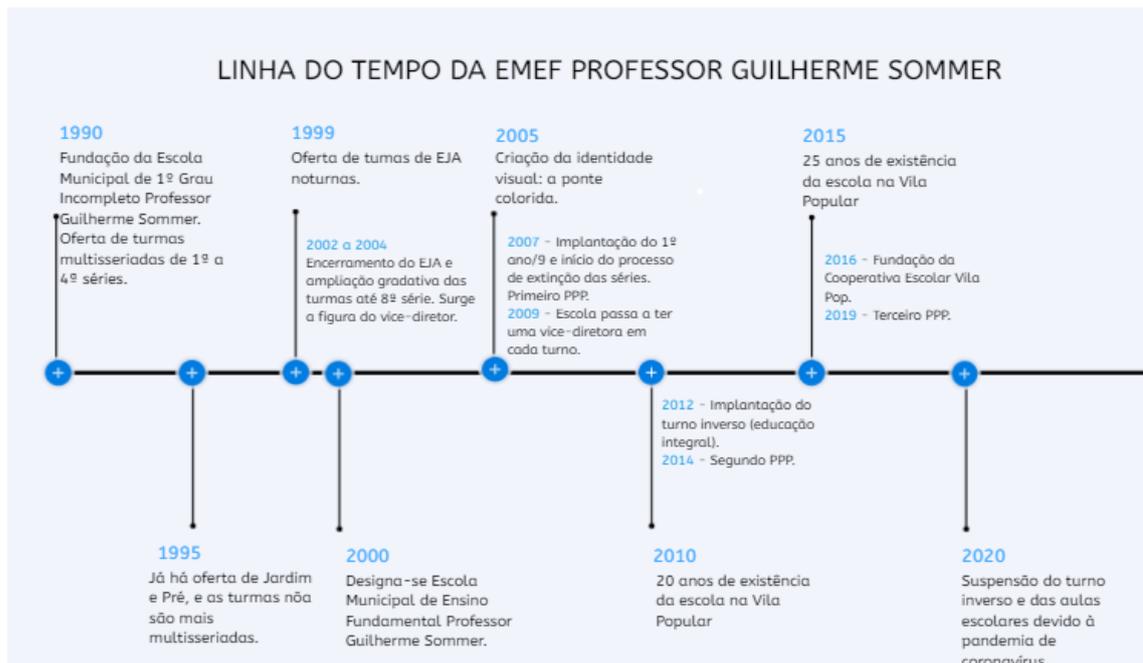
A inserção da primeira turma de 1º ano do ensino fundamental deu-se em 2007, conforme o arquivo das Atas de Resultados Finais, com implementação progressiva a cada ano subsequente, enquanto que o Fundamental de 8 anos sofria, também gradativamente e paralelo à implantação do novo regime, seu processo de extinção. Ainda em termos de oferta de ensino, cabe pontuar que, de 1999 a 2002, a escola dispunha de classes noturnas de Ensino de Jovens e Adultos (EJA), e, de 2012 a

⁴ A origem e o ano do título de município mais alfabetizado do Brasil, que aparece em discursos de sujeitos da área da educação no início dos anos 90, não foram encontrados no arquivo documental da Secretaria Municipal de Educação.

2020, oferecia um número limitado de vagas para turno inverso, possibilitando a educação integral. Essa oferta está temporariamente suspensa devido aos protocolos de prevenção à Covid-19.

Para ilustrar as principais alterações e mudanças na estrutura organizacional e funcionamento da escola, organizei uma linha do tempo da instituição (FIGURA 4).

Figura 4 - Linha do tempo da escola 1990 - 2020



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Os principais documentos norteadores do fazer pedagógico da escola e, portanto, constitutivos de características identitárias suas, são o Regimento Interno, que trata especificamente sobre a funcionalidade da escola e cuja atualização data de 2020, e o Projeto Político Pedagógico (PPP), cuja última versão é de 2019 e apresenta a proposta política em conformidade com as percepções e necessidades da comunidade escolar. O PPP é o “marco referencial para uma nova escola, mais competente, mais atraente e socialmente mais segura de seus passos em direção à transformação social necessária ao pleno desenvolvimento da cidadania” (EMEF PROF. GUILHERME SOMMER, 2007; 2014), tendo sido construído e revisto nos anos 2007, 2014 e 2019.

Segundo esses documentos, para os diferentes segmentos que a compõem (professores, alunos, responsáveis e funcionários), a EMEF Professor Guilherme Sommer significa, além de um espaço de promoção de conhecimento e saberes,

acolhida e pertencimento (FIGURA 5). Destaca-se a preocupação em integrar-se à comunidade e ser agente de transformação social, tal qual proposto em seu lema: “O Saber como Ponte de Transformação” (EMEF PROF. GUILHERME SOMMER, 2007).

Figura 5 - Visão da escola a partir dos Planos Políticos Pedagógicos

Visão da escola expressa nos PPPs			
CONFORME CADA SEGMENTO QUE A COMPÕE			
	2007	2014	2019
PROFESSORES	AMBIENTE ACONCHEGANTE, TRANQUÍLO, ALEGRE, BEM CUIDADO, ACOLHEDOR, INTEGRADO COM A COMUNIDADE, UMA GRANDE FAMÍLIA EM BUSCA DA CIDADANIA.	AMBIENTE ACOLHEDOR E ORGANIZADO, BOM DE TRABALHAR. PRECUPADA COM A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL. DESTACA-SE O TRABALHO EM EQUIPE. COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO.	ACOLHIDA E ABRAÇADA PELA SUA COMUNIDADE. DE ACOLHIDA E EMPATIA ÍMPAR NA REDE MUNICIPAL. ESPAÇO DE AFETOS MAS TAMBÉM DE DESAFIOS. GRUPO UNIDO, PERSISTENTE, COESO E HUMANO.
FUNCIONÁRIOS	AMBIENTE HARMONIOSO, ONDE SE MANTÉM BOM RELACIONAMENTO. COMPARADO A UMA FAMÍLIA.	HÁ AMOR, PAIXÃO E MOTIVAÇÃO NO TRABALHO DE TODOS. ESPAÇO DE VALORIZAÇÃO E REALIZAÇÃO PROFISSIONAL.	ESPAÇO DE BOAS RELAÇÕES, MAS GOSTARIAM DE OCUPAR MAIS ESPAÇOS E TER VOZ MAIS ATIVA.
PAIS OU RESPONSÁVEIS	COMPROMETIDA COM A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO E COM A COMUNIDADE. AMBIENTE ACOLHEDOR E ORGANIZADO.	COMPROMETIDA COM A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO. PROXIMIDADE DAS PRÁTICAS ESCOLARES ÀS REALIDADES DA COMUNIDADE. BONITA, ORGANIZADA E LIMPA. EM CONSTANTE EVOLUÇÃO.	EDUCAÇÃO DE QUALIDADE, BEM CONCEITUADA NA COMUNIDADE, ÓTIMA ACOLHIDA, IGUALDADE NO TRATAMENTO DAS PLURALIDADES. LOCAL DE BOAS LEMBRANÇAS.
ESTUDANTES	UMA BOA ESCOLA, CUJA PARTICIPAÇÃO É FUNDAMENTAL PARA A VIDA. ESPAÇO DE ESTUDOS, MAS TEM BANGUNÇA. TEM PROFISSIONAIS RESPONSÁVEIS E QUE GOSTAM DO QUE FAZEM.	LUGAR ONDE SÃO ACOLHIDOS, SENTEM-SE BEM E QUEREM ESTAR. ESCOLA BONITA, COLORIDA E ORGANIZADA, PODE SER AINDA MAIS AGRAVÁVEL SE TODOS COOPERAREM E CUMPIREM AS REGRAS.	SEGUNDO LAR, PORÉM MAIS REGRADO. LUGAR BOM DE ESTAR, DE FAZER AMIGOS, PREPARAR-SE PARA O FUTURO, SOCIALIZAR, APRENDER A VIVER EM COMUNIDADE E RESPEITAR.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Ao projetar a realização de uma instalação artística nas dependências da própria escola, promovo algo ao mesmo tempo inovador, em termos de manifestação artística e promoção cultural na instituição, e próximo de práticas pedagógicas já utilizadas para comunicar e envolver a comunidade local, como no caso de exposições de trabalhos e mostras pedagógicas quando os alunos apresentam seus estudos (descobertas, projetos, pesquisas, construções) para seus familiares. Destaco, assim, a valoração da instituição para o grupo a que pertence e possibilito o (re)conhecimento da identidade do educandário em toda sociedade teutoniense.

4.2 Perspectivas sobre a identidade da escola

Para começar o levantamento das marcas de identidade da EMEF Professor Guilherme Sommer que serviu de base para o produto aqui proposto, no início do mês de julho de 2021, apliquei o questionário digital escrito junto aos representantes de cada segmento da comunidade escolar, selecionados conforme recorte explicitado previamente para compor o grupo da pesquisa. Depois, a partir do potencial de aprofundamento ou ampliação de seu depoimento, o que Alberti (2013) definiu como o significado da experiência, selecionei um integrante de cada um dos grupos representados para a realização de uma entrevista aberta. A coleta dos depoimentos orais foi realizada em fevereiro de 2022, em circulação pelas dependências da escola.

A fim de preservar o sigilo dos participantes, para analisar os resultados e desenvolver as reflexões aqui propostas, em caso de transcrição do entrevistado, usarei a seguinte designação para me referir a eles: D para diretores e vices, F para funcionários, P para professores, E para estudantes, acrescida dos números de 1 a 7 para diferenciá-los e substituir seus nomes reais. Quando for o caso de um integrante ter tido mais de um vínculo com a escola, combinarei as duas iniciais, como em EP1 para referir ao primeiro estudante e professor. Outro aspecto importante quanto às transcrições é que optei pela cópia literal das respostas dos entrevistados nas questões abertas, sem fazer as adequações ortográficas ou sintáticas, para preservar a fidedignidade dos depoimentos e garantir a idoneidade da pesquisa. E, finalmente, para diferenciar as citações dos entrevistados das de autores referenciados, utilizei a letra itálica para a transcrição dos sujeitos da pesquisa.

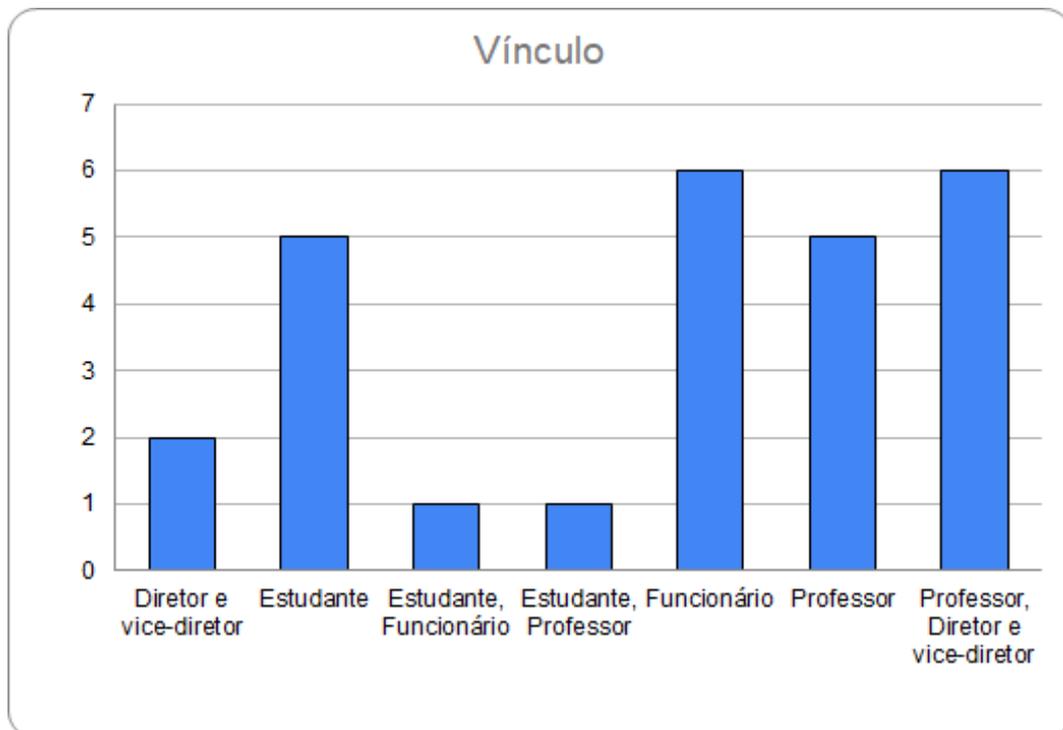
4.2.1 Discussões sobre os depoimentos escritos

As primeiras análises incluem dados de identificação dos entrevistados para fins de contextualização da pesquisa, portanto versam sobre dados quantitativos. Depois tratarei das percepções das marcas de identidade evidenciadas nas narrativas memoriais registradas pelos sujeitos.

4.2.1.1 Perfil dos sujeitos da pesquisa

Dos 28 participantes selecionados para essa etapa, sendo 7 de cada segmento, 2 não participaram – um do grupo dos funcionários por eu não ter descoberto, em tempo hábil, nos documentos da secretaria escolar quem desempenhou essa função no primeiro quinquênio da escola; e um do grupo dos diretores, por nem titular nem suplente terem respondido no prazo estabelecido, embora tivessem aceitado participar no momento da minha abordagem. Ou seja, a coleta de dados conta com 26 participações totais, ficando assim definidos os vínculos:

Gráfico 1 - Tipo de vínculo com a escola



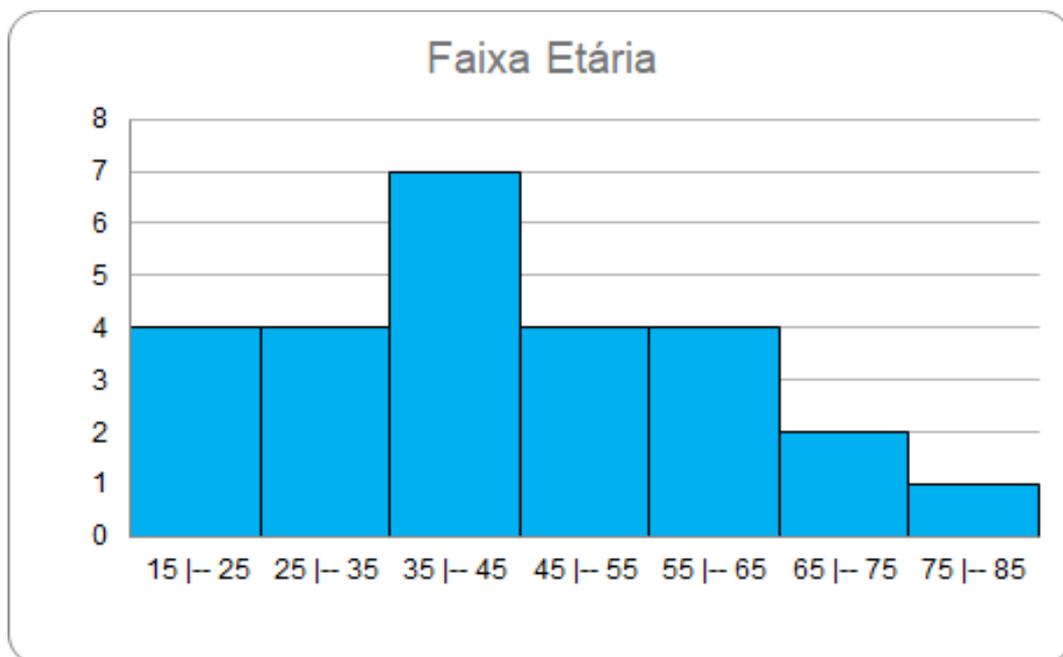
Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Como se pode observar no Gráfico 1, há dois participantes que foram estudantes da escola na infância ou juventude e depois retornaram para desempenhar outras funções – de funcionário e professor, o que, ainda que com uma amostra pequena, corrobora com as percepções elencadas pelos alunos nas elaborações dos PPPs sobre ser um lugar bom de se estar. Do mesmo modo, nota-se que quase a totalidade dos diretores e vices também desempenhou funções de docência na instituição, sobre o que podemos inferir uma preocupação da Administração em selecionar os dirigentes

já pertencentes à comunidade escolar ou aproximá-los ao máximo dela com sua inserção em tempo integral. Mas, mais do que isso, ganhamos o privilégio de encontrar lembranças de indivíduos que exerceram mais de uma função no grupo, podendo, assim, reunir uma mesma memória com visões de diferentes ângulos.

Quanto à idade dos entrevistados (GRÁFICO 2), a idade média é de aproximadamente 42 anos, com uma variabilidade de cerca de 18 anos em torno da média, decorrentes das diferenças de idade conforme o perfil do segmento. Além disso, no momento de selecionar os intervalos temporais de recorte, priorizei os integrantes do primeiro ano de cada quinquênio, logo, possivelmente os mais velhos, além de, no segmento dos estudantes, ter sido opção minha selecionar para amostra aqueles que concluíram sua etapa de estudo na escola, pensando no seu grau de maturidade e instrução.

Gráfico 2 - Faixa etária dos participantes

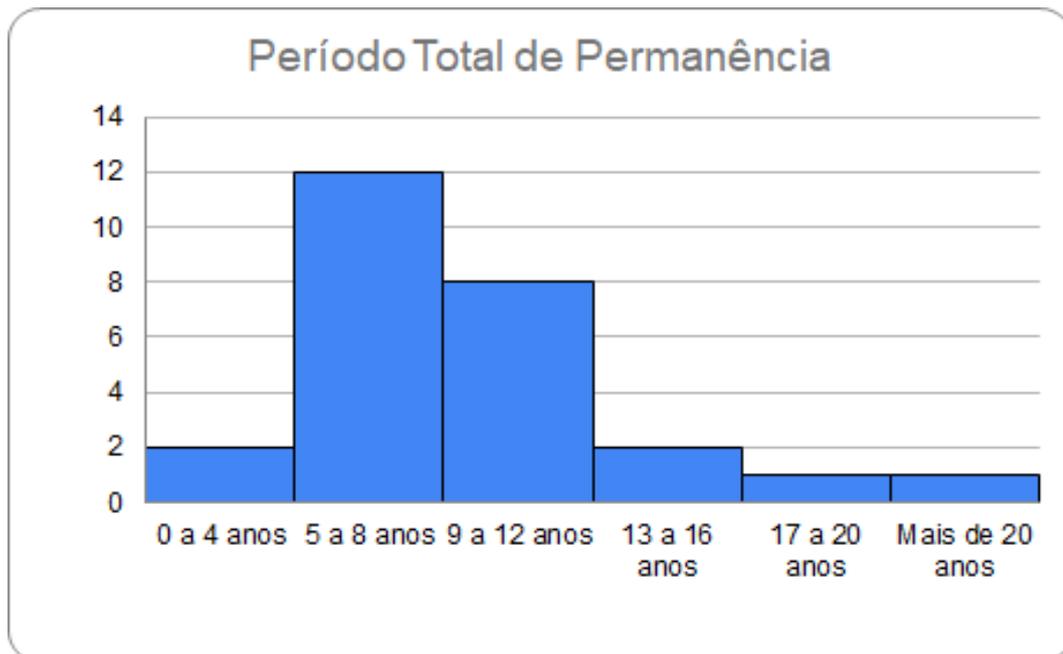


Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Para facilitar a análise, organizei as faixas etárias em grupos de 10 anos, considerando a amplitude de 61 anos entre o entrevistado mais jovem e o mais velho. De forma que, conforme o histograma acima, a faixa de idade com mais entrevistados foi de 35 a 44 anos, e poucos foram os entrevistados acima de 65 anos, já que a instituição que é meu objeto de estudo possui um curto período de existência, tendo recentemente – em 2020 – completado 30 anos.

Outro dado relevante à pesquisa é o tempo de permanência total do entrevistado na escola, ilustrado pelo Gráfico 3. Seja ininterruptamente, seja com intervalos de afastamento em momentos distintos, quanto mais anos pertencente ao grupo, maior a abrangência de suas lembranças e, portanto, sua contribuição quanto às marcas identitárias do educandário ao longo de sua história.

Gráfico 3 - Período total de permanência na escola



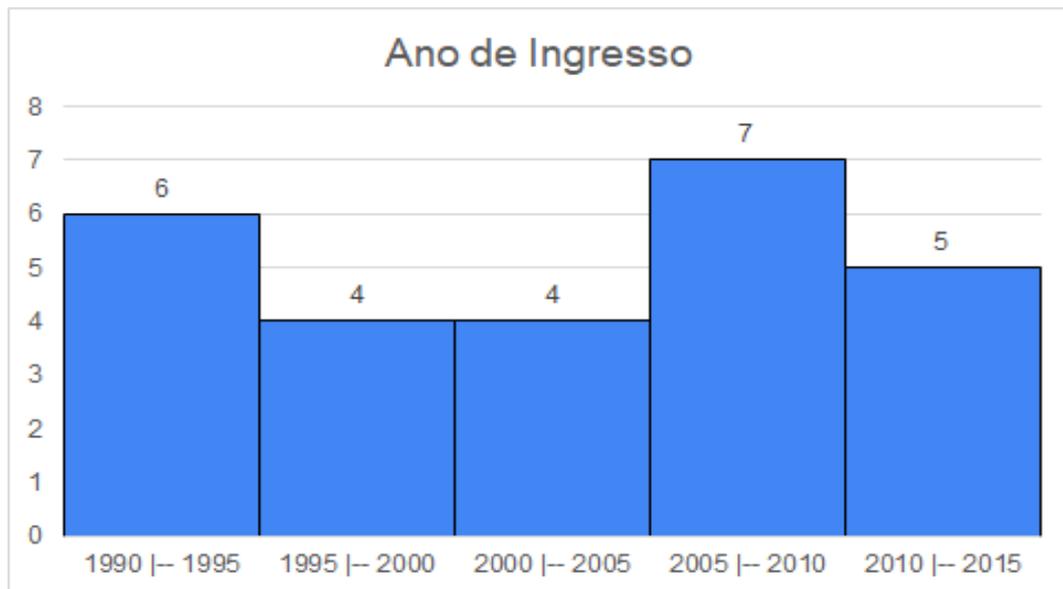
Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Em se tratando do tempo de existência total da escola, apenas 4 entrevistados têm ou tiveram sua permanência na escola próximo ou além da metade da existência dela, constituindo-se achados preciosos para esta pesquisa de memória social. A maioria deles têm um período de permanência considerável – de 5 a 12 anos – para perceber marcas de identidade do grupo ao longo do tempo. Isso se deve, principalmente, por uma parte da amostra ser composta de estudantes que, em sua maioria, permanecem de 8 a 9 anos na escola para concluir o Ensino Fundamental, mas também por ser uma escola pública cujo ingresso profissional, via de regra, é feito por nomeação, o que acarreta estabilidade e permanência por um bom tempo, se assim for o desejo da mantenedora e do funcionário.

Para verificar se o questionário atingiu plenamente todo o período de história da escola, para, de fato, a pesquisa dar conta da trajetória de construção da identidade do educandário, compilei apenas os anos do primeiro ingresso na EMEF Professor

Guilherme Sommer (GRÁFICO 4). Muitos dos entrevistados, ao responderem essa questão, mostram insegurança quanto à precisão das datas de ingresso e saída, e 11 deles estiveram na escola em mais de um período de sua vida, isto é, saíram mas retornaram, seja na mesma função, seja desempenhando papéis diferentes, como evidenciado no primeiro gráfico.

Gráfico 4 - Ano do primeiro ingresso na escola



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

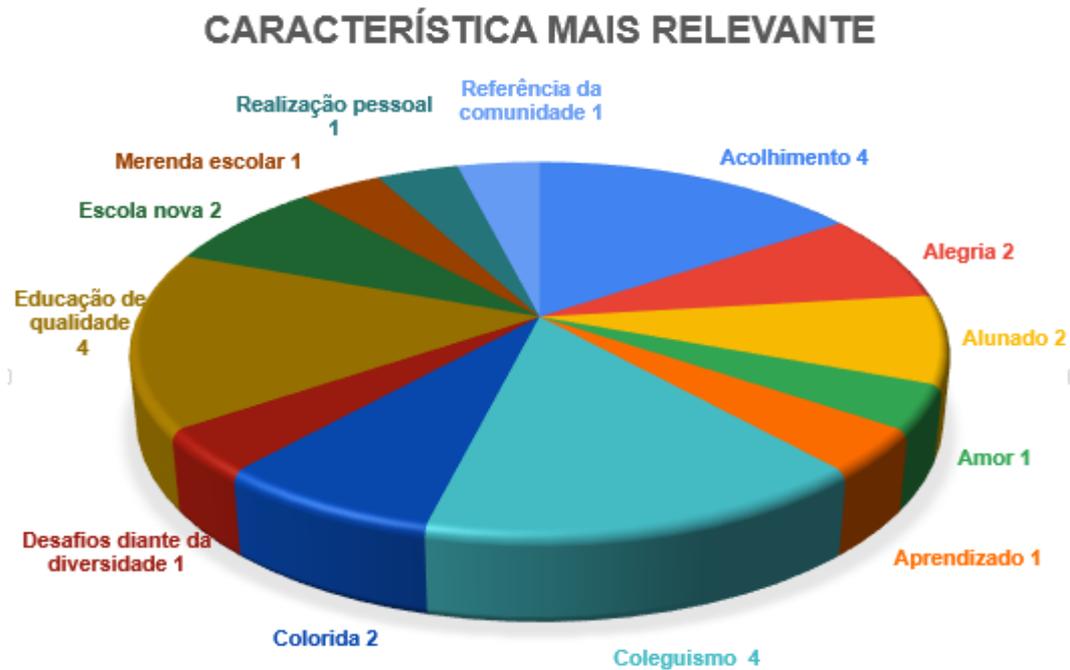
Novamente, para facilitar a análise, organizei os dados em grupos de cinco anos, considerando a amplitude de 24 anos entre o primeiro ano (1990) e o último (2014). Como registrado no Gráfico 4, há uma equidade nos anos de ingresso dos entrevistados, garantindo lembranças de todos os períodos da escola. O fato de não haver nenhum entrevistado que ingressou após 2015 denota que, mesmo os entrevistados selecionados no último recorte intervalar de tempo – 2020 até agora – possuem um bom tempo de permanência no educandário, cumprindo um dos critérios de seleção que era justamente de priorizar fontes com mais tempo de conhecimento de causa.

4.2.1.2 Características da escola

Adentrando nas questões de cunho qualitativo, elenquei, ainda através de um gráfico (GRÁFICO 5), a característica mais relevante da escola trazida pelos

entrevistados num levantamento sobre cinco delas em ordem de importância. Para fins desta análise, fiz a limpeza de dados e a classificação de alguns termos de significado aproximado ou correlato. A classificação “coleguismo” abrange as noções de família, amizade e clima favorável entre o corpo docente. Alegria foi empregada como sinônimo de folia. “Educação de qualidade” compreende o amor à educação, o fazer pedagógico e a menção à educação apenas. “Escola nova” referiu-se ao início das atividades escolares em 1990 naquela localidade. As demais percepções foram mantidas na íntegra.

Gráfico 5 - Característica mais relevante da escola na lembrança dos entrevistados



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

O gráfico apresenta, igualmente, três conceitos com mais relevância para a comunidade escolar: o acolhimento, o coleguismo e a educação de qualidade, dados estes já referenciados nos Projetos Político Pedagógicos da unidade escolar, conforme ilustrado na Figura 5. “Um lugar bom de estar, lugar de aprendizado, prática de esportes, onde se faz amigos e prepara para o futuro, se aprende a viver com a comunidade, a socializar e respeitar”, relatam os alunos no último PPP (EMEF PROFESSOR GUILHERME SOMMER, 2019, p. 16 - 17). Um lugar onde se ensina o básico para a vida, para viver em sociedade e exercer a cidadania, onde seus filhos são bem acolhidos e há preocupação com a qualidade do ensino, na visão dos

responsáveis. Um espaço “[...] *de acolhida e empatia ímpar na rede municipal*”, apesar dos desafios impostos pela diversidade cultural e social, para os professores (EMEF PROFESSOR GUILHERME SOMMER, 2019, p. 11).

Para fazer a análise das respostas na íntegra, ou seja, considerando todas as características mencionadas, fiz um mapeamento (FIGURA 6) daquelas que mais foram apontadas para as de menor frequência, desconsiderando a ordem de classificação de cada participante, pois, neste caso, independentemente da ordem subjetiva, temos elementos da objetivação da realidade do educandário ao longo de sua existência. Trata-se de reconhecer historicamente essa realidade a partir das representações reveladas pelos sujeitos entrevistados, como referido por Teves (1992). Por isso, organizei a compilação dos dados no seguinte infográfico:

Figura 6 - Elementos formadores da identidade em construção



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Entendamos essa representação como uma construção de tijolos capazes de formar uma parede segura, constituída por elementos formadores da identidade da escola ao longo de sua trajetória. Na base, temos aquelas características que, nesta coleta, revelaram-se mais sólidas, ou seja, foram apontadas por mais participantes, computando entre 6 e 10 menções. À medida que as camadas vão subindo na ilustração, o número de menções vai diminuindo gradativamente, mas ainda assim são apresentadas por parcela do grupo. Como se pode perceber, a maior parte das

características atribuídas denotam aspectos positivos, mas os desafios decorrentes da diversidade social e intelectual foram mencionados, bem como o surgimento de conflitos a partir disso. Em consequência disso, P1 evidencia o preconceito a que a escola é submetida no âmbito municipal, em comparação a outras escolas da rede.

Chama atenção a quantidade de vezes em que o caráter transformador da escola é mencionado, seja em relação ao ambiente físico, seja na prática social e pedagógica. Parece-me que o lema – “o saber como ponte para a transformação” – foi materializado nas ações rotineiras. A ideia da escola enquanto família e comunidade também é bem latente. Algumas observações foram unitárias, mas nem por isso menos significativas, como as referências a ser um espaço de paz, fé e luz própria.

4.2.1.3 Descrição da escola

Ao solicitar a descrição da escola no seu tempo de convívio, os participantes foram incentivados persistentemente a rememorar como o ambiente escolar se apresentava para a coletividade que o compunha, trazendo aí preciosas contribuições sobre a dinâmica, logística e cultura escolar para reencontrar e conservar as imagens do passado (HALBWACHS, 1990). Primeiramente, aquelas que estiveram vinculados a ela na primeira década de sua existência, demonstram a situação precária das instalações – uma escola pequena, composta por um só prédio e um amplo pátio, construída para atender as famílias deslocadas para aquela região que se tornou a Vila Popular, quando receberam pequenas casas populares para moradia. Havia poucos alunos e a maioria era carente. *“A Escola além da aprendizagem servia de lugar para acolher e aconselhar os conflitos das famílias e da comunidade. Um lugar de muitos vínculos afetivos. [sic] Crianças carentes de limites, alimentação e de amor”*, relata P5.

Sempre foi um lugar acolhedor, apesar de estar inserida, inicialmente, numa comunidade onde as pessoas não "criavam raízes", iam e vinham para outras cidades com bastante frequência. Com o passar dos anos essa característica foi mudando, as famílias foram fixando moradia, criando vínculos o que se reflete no cuidado e zelo por nossa Sommer. Os alunos, professores e colaboradores são extremamente afetuosos e comprometidos com suas funções (há excessões) [sic] e apaixonados pela escola. (PD1, Google Forms, 2021, questão 7)

Quando a escola foi aumentada, aproveitou-se uma construção que havia nos fundos do terreno, uma fábrica de pepinos que, ao ser desapropriada, passou a acomodar salas de aula adaptadas àquele espaço. Apesar da estrutura física precária e dos desafios impostos pela situação de carência financeira das primeiras famílias, a maior parte dos participantes evidencia que sempre foi um bom lugar para trabalhar, comprometido com a aprendizagem e integrado à comunidade escolar. Alguns, inclusive, definem a escola como sua segunda família ou casa.

Quando comecei [sic] a escola tinha o prédio bem simples com muito improvisos mas com o passar dos anos ficou renovada as instalações mais colorido mas nunca [sic] mudou o entusiasmo do educar, admiro e levo comigo muitas inspirações de trabalhos que foi feito com o mínimo que se tinha a [sic] disposição, trabalhos desenvolvidos por professores comprometidos com o aprender dos alunos não so [sic] escolares mas para vida, como cidadão. (F6, Google Forms, 2021, questão 7)

As mudanças na estrutura física e a melhoria no ambiente escolar são citadas por muitos, ainda que boa parte deles desconheçam as novas instalações - a ampliação de uma das edificações, entregue no período de mais restrição de circulação da pandemia de coronavírus. Quanto a outras dificuldades de trabalho ao longo da trajetória, um professor relata uma certa resistência da equipe diretiva à época da sua chegada por não aceitar mudanças nas propostas pedagógicas e um funcionário que menciona os conflitos entre colegas. Em geral, nesta questão – a número 7 do formulário –, as recordações transcritas são neutras ou positivas, evidenciando o caráter seletivo e representativo da memória em detrimento do que se quer salvaguardar:

Um sonho de escola, que nasceu e cresceu dentro da comunidade da Vila Popular, que trás [sic] no seu DNA uma escola viva, cheia de encantos. [...] Um espaço único de aprendizagem, que estebele [sic] um vínculo forte com sua comunidade escolar. Não conheço outro lugar igual, envolvimento e e [sic] entrega dos professores e funcionárias, que se tornaran [sic] uma equipe consistente, engajada e FELIZ. (PD2, Google Forms, 2021, questão 7)

Uma escola maravilhosa, ótimos professores sempre dispostos a te ajudar em qualquer situação. Várias oficinas para ajudar as crianças a aprender e ver onde se encaixar, e o que a fazia mais feliz na escola. Aprendi muito sobre o respeito com todos. A Guilherme Sommer ajudou muito a mim e a minha turma a se tornar [sic] pessoas melhores. (E4, Google Forms, 2021, questão 7)

A integração com a comunidade escolar, já evidenciada nas Atas do CPM do ano de fundação da escola, aparece, diretamente, em cerca de um quarto das respostas do público da pesquisa. Em 2005, essa característica foi transposta para a identidade visual da escola, criada coletivamente pelo corpo docente do período: uma ponte colorida. “*Representava a diversidade e a ligação entre a escola e a comunidade, cuja ideia foi incorporada pelos alunos, pais, professores e funcionários (com raras exceções)*”, esclarece P1. Era a materialização do elo que se iniciou quinze anos antes e, pelos relatos nos questionários, se intensificou a partir de então. A identidade colorida da escola, uma de suas características mais marcantes, incorporada até na arquitetura da nova edificação (FOTOGRAFIA 1), tem sua origem aí.

Fotografia 1 - As cores no projeto arquitetônico da nova edificação



Fonte: Acervo da autora (2020).

Cores estas que constituem também o uniforme escolar da EMEF Professor Guilherme Sommer. O uniforme escolar de uso recomendado (não há obrigatoriedade), cabe esclarecer, é a camiseta com o logotipo da escola, embora

também exista um abrigo cinza com listras amarelas e moletons nas cores cinza e preta disponíveis para a aquisição. Cada estudante pode escolher a cor da sua camiseta entre todas as opções de cores de malhas disponíveis na confecção que a produz, desde que o logotipo seja aplicado na parte central da frente da camiseta. Assim, os estudantes podem optar pela cor com a qual mais se identificam para representá-los pertencente a este grupo.

4.2.1.4 Dificuldades e desafios

Calculando a possibilidade de as histórias narradas nos questionários implicarem o esquecimento de aspectos não tão positivos e, portanto, resultarem numa narrativa memorial apenas de sucesso, já que a identidade está vinculada à imagem satisfatória que se almeja ter de si, incluí uma questão reflexiva acerca das dificuldades encontradas na trajetória escolar. Sobre isso, os estudantes foram bem distintos: relataram sofrimento de *bullying*, perda de exame final por rigorosidade da professora, infiltrações no prédio, quedas de luz, calor excessivo, estrutura precária, desrespeito, agressividade por parte de algumas famílias e gravidez na adolescência. Os funcionários apontaram agressão de uma família à diretora, destelhamento do prédio diante de intempéries naturais, infiltrações, cozinha pequena e inadequada, carência afetiva extrema de alguns alunos, faltas excessivas de colegas de trabalho e limites na oferta da merenda escolar de forma a não ser suficiente para as necessidades da clientela. Houve funcionário que não mencionou dificuldade alguma e alguns deles trouxeram também as soluções tomadas para essas situações relatadas.

Os professores e diretores relatam situações de depredação do patrimônio público (como vidros quebrados), situações de drogadição e violência, agressividade de alunos e familiares aos educadores, “*turmas desafiadoras e carentes de conhecimento e amor*” (P3), estrutura física pequena, precária ou inadequada, convivência entre os alunos (conflitos, desrespeito), desobediência das regras escolares, famílias pouco participativas ou mesmo relapsas no processo de escolarização, abuso infantil e baixo rendimento de aprendizagem (IDEB).

Um aluno usuário de drogas, passou a "ensinar" os colegas a usar cheirar giz, fazendo menção [sic] a cocaína. Nos assustamos muito, pois ele tinha passagem por várias vezes por institutos de detenção para menores. Ele era

violento e perigoso, procuramos ajuda dos órgãos responsáveis e passamos a atender o aluno remotamente. Enviávamos [sic] as atividades para casa semanalmente. (PD2, Google Forms, 2021, questão 8)

Desafios não faltaram, mas alternativas eram encontradas e a situação da escola ia progredindo. Diante das adversidades, pelos relatos, parece que o grupo foi ficando cada vez mais coeso e uno, e mais alinhado à comunidade do entorno. Há um sentimento de orgulho que perpassa boa parte dos depoimentos. E há quem reconheça que esses desafios foram determinantes na construção de sua identidade profissional e no seu crescimento pessoal: “No final deu tudo certo!” (F6)

No meio da dificuldade encontra-se uma oportunidade. 2014 – Criação da turma, intitulada, classe de aceleração. Uma turma de alunos em situação de defasagem escolar, idade x ano. Foi sem dúvida a turma mais difícil, desafiadora, provocadora, agressiva, radical que encontrei ao longo da minha caminhada na educação. Mas posso afirmar que em meio a tantos desafios fizemos o melhor e oportunizamos aos alunos que concluíssem o ensino fundamental em um período mais curto com o intuito de inserir esses alunos no mercado de trabalho, pois era grande interesse desses alunos na época. Com a formação dessa turma, constatou-se uma melhora significativa nas outras turmas, pelo fato que estes alunos estavam deslocados nos grupos que antes faziam parte. (P4, Google Forms, 2021, questão 8)

Passamos por muitas dificuldades [sic] vários [sic] sustos, queda de luz, alagamento, muito calor, precariedade na estrutura material [sic], e isso tudo mudou depois da reforma, os alunos tinham gosto de estudar lá [sic], se tornou um orgulho pra nós que já [sic] estudamos e passamos por tudo isso na Guilherme Sommer [sic]. (E2, Google Forms, 2021, questão 8)

Empatia e solidariedade. Presenciei um período em que alunos menores mencionavam que não possuíam alimentos para tomar seu café da manhã antes de ir para a escola e então, foi disponibilizado para os alunos, minutos antes do horário de aula, passarem no refeitório e fazerem seu café da manhã! (E3, Google Forms, 2021, questão 8)

4.2.1.5 Episódios inesquecíveis

A última etapa do questionário versou sobre o relato de uma memória individual, porém “só temos a capacidade de nos lembrar quando nos colocamos de um ponto de vista de um grupo” afirma Halbwachs (1990, p. 34). Na ocasião, foi solicitado aos participantes que narrassem um episódio inesquecível vivenciado durante seu período de vínculo com a EMEF Professor Guilherme Sommer. Das 26 respostas, 6 evidenciaram momentos desafiadores ou desconfortáveis, enquanto as demais trouxeram situações prazerosas, emocionantes ou mesmo engraçadas.

Apareceram alguns relatos de vulnerabilidade social e violência que, até então, estavam silenciados – caso de uma família, embriagada e agressiva, que procurou a escola para saber os resultados de aprendizagem de seus filhos (PD2), agressão de uma mãe à diretora (P5), briga durante uma festividade (PD5) e medida protetiva de um grupo de irmãos recolhidos de sua família por ameaça de morte por parte da mãe (PD1). A maior parte dos depoimentos, entretanto, trouxe palavras ou termos que denotam a colaboração de afetos mencionada por Assmann (2011) como requisito para a preservação e recordação: “[...] *Foi emocionante! Lembro ainda hoje.*” (F3); “[...] *onde houve uma conexão muito grande com todos da turma*” (E3); “[...] *dia de mta [sic] emoção e alegria para o novo desafio.*” (PD4).

Embora a escolha dos episódios significativos para cada sujeito da pesquisa seja subjetiva, apresentam, em sua maioria, situações que fazem parte do cotidiano escolar do grupo ou envolveram parte considerável deste – piqueniques, jogos escolares, festividades, homenagens, aulas, reformas do ambiente escolar – e, portanto, representam possivelmente lembranças compartilhadas entre o restante da comunidade escolar. Essa análise reforça a construção coletiva de um tecido memorial (CANDAU, 2019) que sirva como base para o reconhecimento de uma identidade.

Para além das contribuições das narrativas em si, observou-se a forma nominal como os sujeitos se referem à instituição, esclarecendo a identificação habitual do educandário no contexto local: apenas Sommer. “[...] *Naquele momento, a **Sommer** passou a ser vista de forma diferente pelo município.* [...] - P1; “*Tantas histórias, mas uma das mais marcantes aconteceu nos meus primeiros anos de **Sommer** [...] - PD1; “*Minha história foi ter eu estudado na **sommer** [sic] e hoje em dia ser funcionária.*” - EF1; “*O professor que lá trabalha fica encantado com a **Sommer** [...] - PD6. (Grifos nossos).**

Além dessa relevante questão quanto ao nome como marca identitária, o depoimento de P1 trouxe dados do processo de criação da identidade visual da escola: a ponte multicolorida, como o ano de criação, o formato de apresentação para os munícipes e o objetivo da ação.

Em 2005, quando apresentamos a identidade visual da escola num evento de formação continuada para todo o município. Naquele momento, a Sommer passou a ser vista de forma diferente pelo município. Ouvimos dançam [sic] professora que "uma nova escola surgia naquele dia". Foi um momento muito significativo na trajetória da escola e na minha carreira docente, pois percebi

que a criatividade pode transformar a realidade. Mas essa construção é constante e nunca chega a um grande final. A história da Sommer mostra que a vida é feita de vários grandes finais, mas que tudo recomeça no dia seguinte. A dialética que somente a alteridade nos permite conhecer e experienciar. (P1, Google Forms, 2021, questão 9)

Outro episódio inesquecível narrado permite inferir que o trabalho ali desenvolvido ou os estudos de aperfeiçoamento docente podem ter sofrido influências do educador José Pacheco. “*A visita do grande pensador e educador da escola da Ponte, José Pacheco*” é memória partilhada de D2. Fato é que essas contribuições atentaram para um aprofundamento dessas questões na etapa seguinte da pesquisa, quando foi realizada uma entrevista oral com um representante de cada um desses grupos da comunidade escolar que compuseram os sujeitos da pesquisa.

4.2.2 Reflexões acerca dos depoimentos orais

A etapa de coleta de depoimentos orais elucidou questões importantes sobre hipóteses levantadas, aprofundou discussões realizadas e ratificou constatações obtidas desde o momento da análise documental. A entrevista foi realizada em deslocamento pelos diferentes ambientes escolares, preferencialmente em momento de pleno funcionamento, ou seja, horário de aula, para que o espaço escolar, um local de memória, exercesse o máximo de estímulo sensorial e possibilitasse a conexão afetiva. O fluir da conversa foi ditado pelas memórias do entrevistado e sua capacidade de oratória e pela minha instigação em articular suas narrativas aos anseios da pesquisa, de forma que cada participante teve o tempo que julgou necessário para compartilhar suas lembranças.

O quadro a seguir (QUADRO 4) apresenta o tempo total de duração dos relatos orais, que, por conta da capacidade de armazenamento do aparelho utilizado para a gravação – meu aparelho telefônico –, foi organizado em blocos sem prejuízo à integralidade do conteúdo. Além disso, traz as datas de realização das entrevistas.

Quadro 4 - Relatório dos depoimentos orais

Segmento representativo	Participante (sigla)	Data do depoimento	Tempo total de depoimento
Professor	PD4 ⁵	23 de fevereiro de 2022	32 min e 34 seg
Diretor ou vice-diretor	PD5	02 de março de 2022	19 min e 39 seg
Estudante	E3	24 de fevereiro de 2022	22 min e 10 seg
Funcionário	F2	23 de fevereiro de 2022	19 min e 43 seg

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Para propiciar um clima descontraído e acolhedor, assim que ingressaram no espaço da escola, as entrevistadas eram desafiadas a compartilhar a primeira lembrança que lhes vinha à mente. Três delas destacaram as relações interpessoais vividas com os pares, com discursos que transparecem afeto e saudosismo. Uma, porém, lembrou a depredação e o pouco cuidado e respeito com o ambiente escolar por parte da comunidade, no período em que esteve na escola. Todas compartilhando percepções já impressas na primeira etapa da pesquisa com os sujeitos.

Assim, os depoimentos orais enriqueceram com detalhes histórias e percepções já compartilhadas no questionário escrito, mas principalmente trouxeram narrativas inéditas sobre elementos constituintes da identidade da escola, como o projeto elaborado para a transformação, o processo de criação da identidade visual (logotipo e uniforme), hipóteses sobre a origem do nome da instituição e a composição da escola em meio aos espaços existentes (a vila, o pátio amplo, a fábrica dos fundos). Para fins de analisar as contribuições sobre as marcas identitárias trazidas nesses relatos, organizei categorias temáticas para discussão.

4.2.2.1 Precariedade e marginalização

A precariedade do espaço, a carência do público atendido e os desafios da escola nos primeiros tempos, corroborando com impressões dos questionários escritos, apareceram nas percepções de todas as entrevistadas: *“A Sommer, é uma comunidade assim, [...] era muita carência, pais muito, bastante difíceis, com*

⁵ Algumas entrevistadas apresentam duas letras na sigla pois, embora tenham sido selecionadas como sujeito de pesquisa de um segmento, ao longo da sua trajetória na escola, acabaram desempenhando também outra função. Suas memórias não estão restritas a uma de suas funções ou período de vínculo, mas à integralidade de sua experiência na instituição.

problemas familiares [...]”, relata PD4. Em outro trecho, reiterando a carência das famílias atendidas, esclarece a situação da comunidade e apresenta o descaso do chefe do executivo com ela: *“na época assim tinha poucas casas, aqui a Villa era pouco, o que chamava a atenção do então anterior prefeito tinha posto um cemitério do lado da escola”* (PD4, 2022). A escola era bastante bagunçada e o comportamento de muitos alunos era difícil, segundo PD5. E3 compartilha que a população, em geral, via *“a escola como ruim [...] Não tinha nenhum ponto positivo para colocar os filhos aqui.”* E F2 reforça ao dizer *“[...] que todo mundo tinha medo de entrar até né, porque era ‘vila popular’ né? Era só a casinha popular”*.

Segundo as narrativas, a escola possuía um pátio amplo com um pavilhão de fábrica nos fundos. Conforme F2, o prédio acomodou uma fábrica de calçados, na qual chegou a trabalhar. Essa informação difere do registro na etapa anterior, quando foi mencionada como indústria de pepinos em conserva, não havendo como precisar pelas narrativas se houve algum equívoco de memória ou se o prédio serviu para fábricas de produtos distintos em momentos diferentes. Inicialmente, não havia cercamento no pátio e depois, quando passou a ter, há relatos de cortes para invasão. A propósito, os depoimentos evidenciam que eram costumeiras as situações de depredação do patrimônio escolar, principalmente em finais de semana:

Nós, quando vínhamos em segundas-feiras, muitas vezes, a gente primeiro tinha que ver se as salas não tinham sujeira, muitas vezes era invadida, pulavam a cerca, cortavam a cerca. Um ano nós chegamos [...] numa segunda de manhã, a dire e eu, e tinham cortado a cerca na frente e tinham depredado todos os banheiros, tavam [sic] sujos, quebrada uma pia e essas coisas. (PD4, 2022)

[...] foi bem complicado naquele tempo porque o pessoal parecia que não tinha respeito, e esse prédio aqui embaixo como ele tava parado assim, vazio. Aí, o pátio também era tomado quando ele tava mal cercado e quando ele tava cercado. Quando a prefeitura cercava, vinham e cortavam a cerca e entravam e faziam aquela bagunça. [...] Daí geralmente em segundas-feiras quando a gente chegava... tu chegava, tu tinha que cuidar, ou tu tava pisando em vidro, ou tava pisando em porcarias e tudo mais. Era sempre aquela bagunça, pior eram às segundas-feiras [...] (F2, 2022)

Além disso, os relatos contribuíram para o entendimento da visão estigmatizada que tem a escola aos olhos de quem desconhece sua história e atuação, conforme denotam trechos de todas participantes dessa etapa da pesquisa: *“Na época a Sommer sempre era, assim, ‘a escola dos pobres lá da vila’”* (PD4, 2022); *“[...] muita gente falava ‘ah, que aquela escola é uma escola difícil, com muitos alunos com*

problemas de comportamento, mal educados” (PD5, 2022); “[...] *eles achavam que quem estudava aqui [na Sommer] era rebelde*” (E3, 2022); “[...] *aquela escolinha tipo meio abandonada no meio duma vila popular*” (F2, 2022). Ao mesmo tempo que desenham um cenário simples de pessoas carentes e uma estrutura precária nos primeiros tempos da instituição, esses depoimentos apresentam a marginalização a que a escola e seu entorno eram submetidos pelo olhar dos demais indivíduos da população, incluindo alguns dirigentes. Este complemento de F2 ilustra essa situação: “[...] *é aquele conceito de vila popular, tudo gente meio assim [...] sem confiança, isso e aquilo, mal educados assim, e daí muitos não queriam os filhos no meio disto, né?*”.

4.2.2.2 O constructo de família

Apesar das dificuldades, perpassa nos depoimentos um sentimento de carinho, orgulho e saudosismo predominam em relação às histórias ali vividas e compartilhadas. Ciente das dificuldades (carência e comportamento) da comunidade em que se insere, a escola, através de seus educadores e colaboradores, fez um esforço para estreitar vínculos e desenvolver o sentimento de acolhida e pertencimento, construindo uma unidade de afetos expressa no constructo de família – a família Sommer. É consenso nas falas das entrevistadas essa marca identitária da solidez das relações já evidente nos questionários escritos, como esclarece F2 – “*Para mim era uma família [...] Sempre me senti família*” – e complementa PD5:

[...] a gente como equipe sentia que cada um realmente fazia parte dessa escola, amava estar aqui e quem não ama cai fora logo, isso a gente logo vê né? Então assim, nós nos sentíamos realmente parte, família da Sommer né? Integrantes da família da Sommer. (PD5, 2022)

Pelas maneiras de se expressar dessas entrevistadas, percebi que essa designação não se trata de confundir ou tentar igualar a instituição escola à instituição família, mas de enaltecer o fortalecimento das relações desenvolvidas ali, capazes de aproximar indivíduos tão distintos e singulares como somente acontece no seio familiar. É uma maneira carinhosa, parece, da comunidade escolar demonstrar a unidade e coesão desenvolvida pelo grupo em seu processo de identidade. Convém salientar que, ao se explorar a página da escola na rede social Facebook, a *hashtag* “família Sommer” aparece desde sua criação em 2015 (FIGURA 7).

Figura 7 - Hashtag "família Sommer" em 2015



Fonte: Facebook/Voz da Sommer (2022).

4.2.2.3 Um projeto para a transformação

O lema “o saber como ponte para a transformação” (EMEF PROFESSOR GUILHERME SOMMER, 2007), expresso no primeiro PPP e transformado em filosofia no PPP 2014, foi resultado de um projeto coletivo realizado na escola entre os anos de 2005 e 2007, segundo os relatos de PD4, PD5 e F2. Diante das dificuldades de disciplina, aprendizagem e comprometimento dos estudantes, e motivados pela equipe diretiva e pedagógica da época, os professores da escola sentiram a necessidade de mudanças. Para isso, durante um ano realizaram grupos de leitura, estudo e discussões das obras de Paulo Freire.

[...] na época nós estudamos muito o Paulo Freire. [...] depois a gente fez um seminário e a partir disso a gente se empolgou nessa transformação e a gente foi pensando, reunimos pais, os alunos, fizemos assembleia de pais e no fim numa reunião de professores a gente foi juntando as palavras. Eu me lembro hoje, fizemos um painel e colocamos todas as palavras. (PD4, 2022)

Esses estudos suscitaram um movimento de mais integração com a comunidade escolar para estreitamento de vínculos e despertaram o desejo de transformação social daquela comunidade. PD5 relata que houve um movimento da escola em ir conhecer as famílias dos alunos, bem como os pais foram convidados (e responsabilizados) a participar mais do processo de escolarização de seus filhos: “[...]”

Realmente todo mundo pegou junto e todo mundo acreditou na escola, de que a gente poderia fazer ela melhor, um espaço melhor. A comunidade merecia isso, né?”

O trabalho e engajamento da equipe docente, o respeito à pluralidade de ideias, culturas e identidades, o propósito de promover o sentimento de pertença são marcas pontuadas pelas entrevistadas em seus discursos. Fica evidente que o objetivo era mudar para, de fato, promover um bem comum a todos, tal qual defendem Masschelein e Simons (2021) em seus estudos.

Os estudos freireanos também foram inspiradores para a criação de um logotipo e um uniforme escolar:

[...] depois a gente chegou a essa conclusão de fazer ponte, a escola ponte de transformação, mas, eu acho que assim, ele [Freire] nos motivou muitas vezes. Eu lembro que no dia do professor naquele ano a diretora [...] fez o slogan na camiseta da escola e deu de presente para todos os professores uma camiseta vermelha com o slogan da escola. [...] os alunos também foram aderindo isso. (PD4, 2022)

Criadas essas marcas, foi preciso apresentá-las aos demais integrantes da comunidade para que as acolhessem, validassem e incorporassem à identidade existente. O relato de PD5 complementa as falas da outra professora e apresenta um resumo do processo:

Fizemos vários grupos de estudo com os professores, reuniões com pais. E essa construção da identidade da Guilherme Sommer, ela foi muito bacana porque, como eu disse, a gente envolveu toda comunidade. Nós envolvemos os funcionários, os professores, os alunos, a comunidade, os pais. Foi [sic] momentos assim de muito estudo que a gente fez com professores que nem estão mais aqui também, não fazem mais parte desse grupo de profes, mas cada um foi importante para construção dessa identidade. [...] Tanto é que o slogan da escola é “saber como ponte de transformação” e em cima desse slogan [...] a gente construiu a ponte [...] com as letras da palavra escola [...]. E em cada letra a gente colocou na época [...] uma pessoinha importante tanto da comunidade, aluno, professor... Cada um fez parte de uma letra e aí se construiu essa ponte colorida, colorida porque [sic] causa das diversidades que aqui existem, diferenças que existem. (PD5, 2022)

A F2 foi uma das “pessoinhas” escolhidas para o momento de apresentação da nova identidade – “[...] Um início de ano nós fizemos, ou foi final do ano, um, tipo uma apresentação assim, que eu inclusive eu também participei, que cada cor, cada letra né?”, algo que soou como uma das lembranças mais marcantes dessa entrevistada. A propósito, além desta apresentação, em diversos pontos de suas falas F2 retoma a importância dos momentos artísticos e culturais promovidos pelo educandário para a

comunidade, principalmente as festas natalinas que, pelo depoimento dela, eram grandes espetáculos envolvendo os diferentes integrantes da comunidade escolar:

É que parece assim que os pais já esperavam o ano inteiro para aquela festa de final de ano que foi muito bem falada, a festa de final de ano da Sommer. [...] E era, era mais assim porque envolvia todas as crianças, professores e funcionários naquele teatro. [...] Que a comunidade já esperava isso ali, já era sempre comentado. [...] A gente ia para rua, aí por outubro, novembro, já tavam perguntando, daí sabiam que a gente já tava meio ensaiando, isso e aquilo, né... Daí perguntavam “oh, que dia vai ser, que dia vai ser? Nós estamos esperando a festa!” Olha eu já até truxe [sic] gente do interior de Estrela para cá, para essa apresentação. (F2, 2022)

A aproximação das famílias na escola, em momentos festivos como esse, mas também em reuniões para conversar sobre comportamento e aprendizagem dos estudantes foi uma estratégia para a mudança. Isso transparece também nos relatos de PD4 e PD5.

4.2.2.4 A metáfora das cores

O relato de PD5 transcrito na seção anterior apresenta rapidamente o significado das cores da ponte do logotipo, mas esse colorido pouco habitual nas identidades visuais das escolas de Teutônia extrapolou a categoria gráfica e foi incorporado em outros objetos e elementos da EMEF Professor Guilherme Sommer, como no uniforme escolar e na arquitetura de suas instalações. “*Acho que é a única escola que possui mais cores, né?*”, destaca E3 em seu discurso. As cores materializam o projeto de transformação da relação entre escola e comunidade acima descrito, incluindo, respeitando e valorizando as diferenças ao mesmo tempo em que desenvolvem o sentimento de pertencimento.

A ponte foi criada e inclusive a escola [tem] esse colorido com o sentido de que eu me lembro da diretora na época disse ‘vamos fazer uma coisa diferente, não o tradicional, porque a nossa cor... nós queremos que a nossa escola Sommer seja realmente de transformação, de mudanças para nossa vila’ como nós chamávamos. (PD4, 2022)

Conforme relata PD4, houve o objetivo de diferenciar a EMEF Professor Guilherme Sommer das demais do município ao se pensar esse logotipo. Em um trecho de seu depoimento, PD5 complementa a escolha de cores variadas como marca identitária. Antes disso, porém, convém esclarecer que, nas etapas de pesquisa

aqui previstas, não foi encontrado registro ou menção da identidade visual da escola antes dessa proposta.

Hoje em dia nós não temos mais como dizer que todo mundo é igual, nunca foi na verdade, [...] mais ainda especificamente aqui na Sommer que a diferença era super gritante de alunos, de famílias, né? Então vinham famílias desde muito pobres, muito miseráveis também, com crianças precisando de toda atenção possível [...] até famílias assim bem estruturadas também. Então assim, nós tínhamos muitas, muitas diferenças, e todas eram respeitadas, sempre, né? Então, em cima disso foi feito o trabalho [...] eu gosto de uma cor, tu gostas de outra cor, fulana gosta de outra... Então assim, nesse sentido [...] a gente quis mostrar que aqui, nessa escola, existe sim o respeito às diferenças. (PD5, 2022.)

A F2 também menciona em seu relato o diferencial das cores na escola: “[...] naquele tempo já era sempre dito que aquelas cores coloridas era assim um incentivo às crianças. Criança gosta de colorido, né?”. Ainda que sem a complexidade de entendimento da diversidade metaforizada pelas cores, fica claro que se tratava de um respeito à infância e um incentivo ao sentir-se parte daquele grupo escolar.

4.2.2.5 Origem do nome

O nome é, a priori, uma marca de identidade. Segundo Candau (2019, p. 68), “[...] é sempre uma questão identitária e memorial”. A primeira parte do nome - Escola Municipal de Ensino Fundamental - indica a etapa máxima de ensino oferecida na instituição e a rede de ensino a qual pertence e por quem é mantida. O restante é o que a diferencia das demais escolas semelhantes no município - Professor Guilherme Sommer, e, ao pontuar essa diferença em relação às outras, a identifica. Durante os relatos, percebi que nem todas as entrevistadas conhecem a origem do nome da escola e referem-se a ela apenas como Sommer, fenômeno fortemente observável na etapa dos questionários digitais.

Ainda assim, pelo próprio título no nome – professor – duas das entrevistadas pressupõem ser uma homenagem a um educador importante na história do município, mas desconhecem sua relação com a comunidade escolar da Vila Popular onde a escola está inserida. PD5, no entanto, mostra mais conhecimento sobre a escolha do educador, por sua família ter tido contato com a família do professor Guilherme Sommer no passado:

[...] o Guilherme Sommer, ele foi professor lá na Boa Vista, uma figura muito importante na comunidade. [...] Na época sempre os professores eram vistos como muito importantes [...] pegavam eles como conselheiros da comunidade. Então muitas vezes o que eles diziam era lei, era o certo [...] e faziam o que ele dizia. Então assim, o Guilherme Sommer realmente foi um grande professor. (PD5, 2022)

De fato, o homenageado não possui vínculo direto com a escola objeto deste estudo e exerceu sua carreira docente cerca de cem anos antes da existência da escola que leva seu nome ser construída. Ainda assim, seu trabalho na educação do município está documentado na história e foi motivo da homenagem prestada pela administração municipal à época da instituição da escola. Não é possível, pelos dados coletados, informar se a designação utilizada pelas entrevistadas trata-se de um não reconhecimento da relevância do trabalho do educador ou apenas abreviação do nome para fins de facilidade comunicativa, mas transparece a forma como os membros da comunidade, geralmente, referem-se a ela: apenas Sommer.

Diante do exposto nas reflexões deste capítulo e entendendo que o discurso da instituição compreende o discurso de quem a compõe (OLIVEIRA, 2008), podemos elencar como marcas identitárias da EMEF Professor Guilherme Sommer: a precariedade dos primeiros tempos, a carência do público atendido, a estigmatização da vila, o esforço coletivo e o trabalho em equipe, as cores da diversidade e do respeito, a transformação, a acolhida e o pertencimento, o constructo de família, a ponte como elo de ligação entre as instituições escola e família, o nome referência - Sommer, os uniformes coloridos, as festividades ou momentos semelhantes de aproximação com a comunidade. Essas marcas identitárias, relevadas nas narrativas memoriais dos sujeitos da pesquisa tanto na etapa oral quanto escrita, serviram de substrato para a concepção da instalação artística, bem como para a seleção dos objetos e elementos que fariam parte da obra.

4.3 A instalação: da concepção à execução

A instalação é uma manifestação artística em que a obra é composta de elementos organizados em um ambiente, relacionando os objetos artísticos com o lugar e com o público, que muitas vezes interage com a obra. Na percepção de Oliveira (2018, p. 04), “[...] a instalação foi se consolidando como um arranjo específico de objetos em unidades próprias e compartilhadas num espaço [...]” de tal forma que

“[...] sua configuração é dependente do próprio espaço que ocupa”. Para Silva (2011, p. 08), “[...] é algo que acontece em tempo e espaço determinados, onde a espacialização se materializa através da obra”. A instalação artística aqui apresentada compõe o produto final desta pesquisa de mestrado.

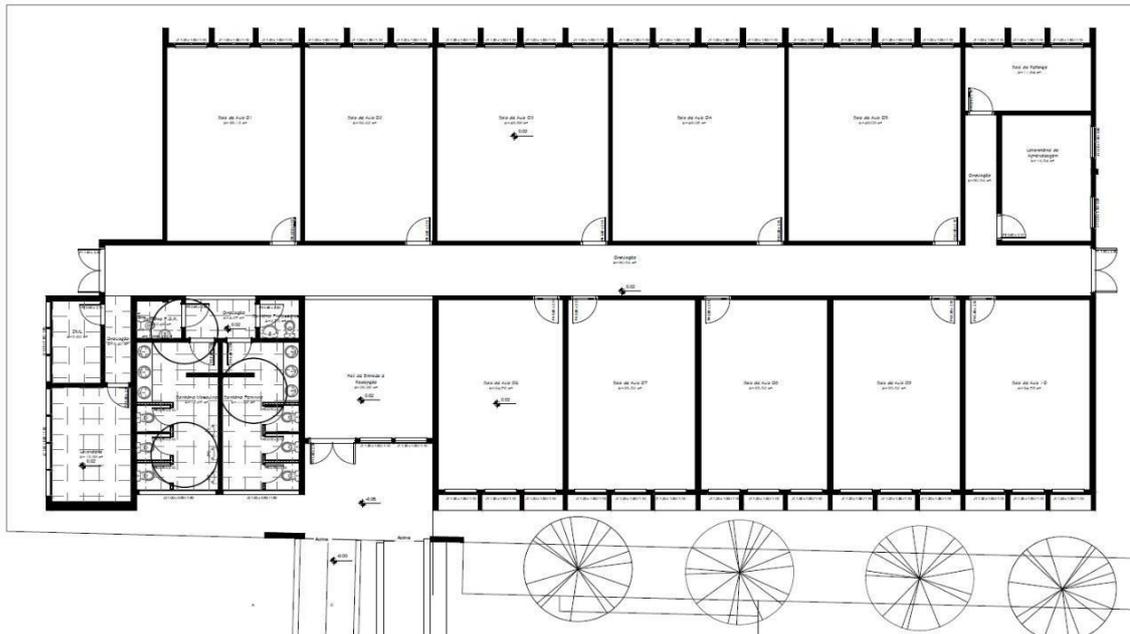
A escolha dos objetos que compuseram a obra esteve diretamente ligada às memórias da trajetória do educandário e aos atores envolvidos nesse processo para que, de fato, se reconhecessem como parte da formação da identidade e se sentissem imersos nesse contexto. Ao mesmo tempo em que representam memórias coletadas, esses objetos e elementos selecionados evocam outra gama de memórias durante a visitação. É preciso lembrar que a escola é um local de memória e um espaço de recordação, “[...] que entretece presença e ausência, o presente sensorial e o passado histórico”, conforme reflete Assmann (2011, p. 359).

4.3.1 O espaço, elemento fundamental

Uma instalação que verse sobre a identidade da instituição, entendo, não poderia ocorrer em espaço mais significativo do que nas dependências da escola, onde essa identidade diariamente se constitui. Sendo assim, a opção por realizar o projeto no próprio espaço escolar pareceu-me a opção mais acertada, tanto por possibilitar o uso do prédio como um dos elementos da obra como também por considerar e valorizar a habitual participação da comunidade escolar no educandário em momentos festivos ou de eventos pedagógicos. A presença do público-alvo estaria, assim, garantida pelo histórico de envolvimento da comunidade com sua escola em eventos locais.

A instalação foi projetada no corredor central da nova edificação escolar, ilustrada na planta abaixo (FIGURA 8), que foi entregue no ano de 2020, quando a EMEF Professor Guilherme Sommer celebrou trinta anos de história. Devido à pandemia de coronavírus, não houve uma solenidade de entrega para a comunidade escolar, de forma que a maioria das famílias ainda desconheciam o novo ambiente. A ideia foi que os visitantes transitassem por toda sua extensão, andando num sentido apenas, ao entrar por uma das portas e sair pela porta paralelamente oposta ao final do corredor, de forma que fossem absorvidos pelo espaço visual ali composto.

Figura 8 - Planta baixa da nova edificação escolar



Fonte: Prefeitura Municipal de Teutônia/Setor de Engenharia (2021).

O corredor (FOTOGRAFIA 2), cujas dimensões são de 2,3 m x 36,6 m e totaliza cerca de 85 m² de área de circulação, atravessa o prédio de um lado ao outro, sendo o caminho diário de acesso à maior parte das salas de aula do educandário. As paredes são brancas, havendo apenas um mural de isopor revestido de TNT verde e duas ripas para fixação de cartazes ou trabalhos, em um lado de suas paredes. A iluminação natural é excelente, pois conta com janelas amplas, próximas ao teto, garantindo a entrada de claridade suficiente, sem a necessidade do uso de energia elétrica durante o período do dia.

Fotografia 2 - Corredor, o sítio da instalação artística



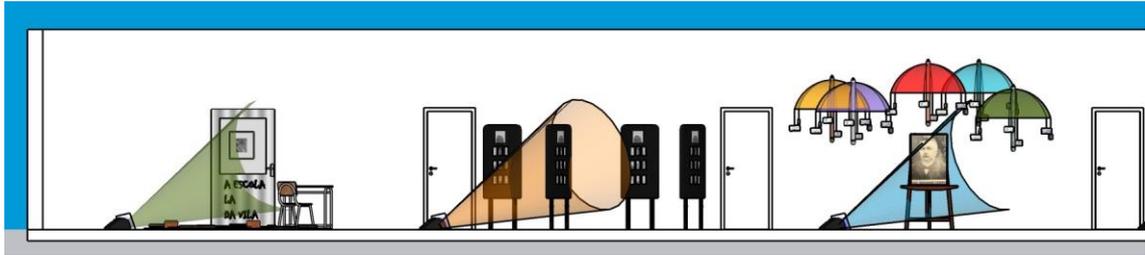
Fonte: Acervo da autora (2021).

O maior desafio do projeto foi manter a instalação sem atrapalhar o deslocamento dos alunos em seus turnos de aulas e, do mesmo modo, garantir que o trânsito deles não prejudicasse ou causasse danos aos objetos a ponto de comprometer a poética da obra. O planejamento, a seleção dos elementos e a coleta dos objetos foram feitos durante o mês de março de 2022.

4.3.2 A viabilidade do projeto

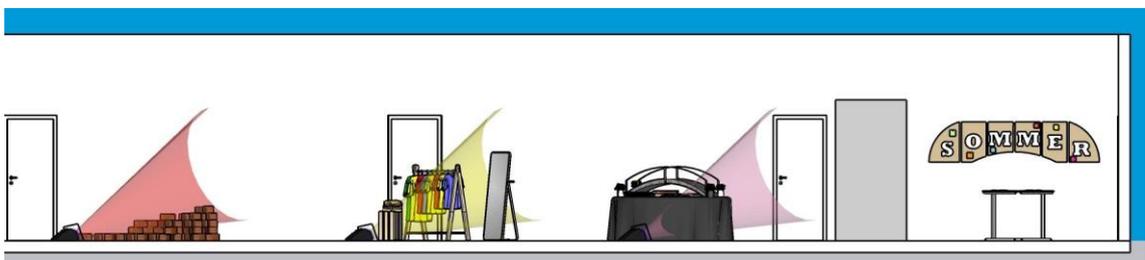
Para a execução do produto, a captação de recursos e serviços fez-se necessária. O projeto gráfico elaborado antes da montagem apresenta a dimensão da obra que seria instalada (FIGURAS 9 e 10) e serviu de vitrine para encontrar possíveis apoiadores e financiadores.

Figura 9 - Projeto gráfico da instalação (parte inicial)



Fonte: Elaborado por Letícia Bassanesi Veronese (2022).

Figura 10 - Projeto gráfico da instalação (parte final)



Fonte: Elaborado por Letícia Bassanesi Veronese (2022).

Cada estação teve foco em alguma marca ou elemento formador de identidade, dentre aqueles que mais apareceram nos discursos apresentados pelos sujeitos da pesquisa. Foram utilizados diferentes elementos em sua composição – sonoros, táteis, luminosos, de forma a proporcionar uma conexão com a memória afetiva do espectador.

Para a viabilidade do projeto, busquei apoiadores locais, dentre os quais se destacam a própria escola através do Círculo de Pais e Mestres, a Secretaria Municipal de Educação e a Assessoria de Imprensa da Prefeitura de Teutônia. Além deles, contei com parceiros voluntários sensibilizados com a proposta que, em sua maioria, são (ou foram) educadores da rede municipal de ensino. Não houve investimento financeiro da parte dos colaboradores, apenas prestação de serviços e empréstimos ou cedências de objetos e materiais. O quadro 5 apresenta a equipe de pessoas ou entidades responsáveis pela viabilidade do projeto.

Quadro 5 - Relação de apoiadores e/ou parceiros da instalação artística

Serviço	Apoiador ou Parceiro Voluntário
Execução do projeto gráfico	Arquiteta Letícia Bassanesi Veronese
Assessoria de criação artística e montagem da obra	Professor Lucas Josué Wickert
Assessoria de Imprensa	Prefeitura Municipal de Teutônia
Design do convite	Professora Leandra Gomes Gonçalves
Impressão do convite	Professora Shana Müller Vogel EMEF Professor Guilherme Sommer
Divulgação do evento	Prefeitura Municipal de Teutônia EMEF Professor Guilherme Sommer Professora Sabrina Henz
Locação (cedência) do espaço	EMEF Professor Guilherme Sommer
Empréstimo ou cedência de objetos	Star Decorações/Supervisora Zélia Maria D'Ávila EMEF Professor Guilherme Sommer EMEI Sonho de Criança EMEI Caminhos do Saber CEMEF Leonel de Moura Brizola Professora Fernanda Kerber Prefeitura Municipal de Teutônia Professora Sabrina Henz Alunos da EMEF Professor Guilherme Sommer
Transporte de objetos	Professora Sabrina Henz Secretaria Municipal de Educação
Iluminação	Star Decorações/Supervisora Zélia Maria D'Ávila Eletricista Élsio Júlio Becker
Limpeza e manutenção da obra	Colaboradores e professores da EMEF Professor Guilherme Sommer

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

4.3.3 Realização da obra

A instalação artística foi realizada no período de 09 a 14 de abril de 2022, conforme ilustra o convite para a inauguração enviado às autoridades e entidades (FIGURA 11). Para os demais convidados, a divulgação foi feita através de mídias

sociais oficiais da Prefeitura Municipal de Teutônia e da EMEF Professor Guilherme Sommer, além de mensagens nos grupos de WhatsApp da escola.

Figura 11 - Convite impresso para a inauguração da instalação artística



Fonte: Elaborado por Leandra Gomes Gonçalves (2022).

A inauguração da obra, como previsto no Plano de Negócios (APÊNDICE B), aconteceu associada a um tradicional evento escolar: o “Dia da Família na Escola”, num sábado. Nesse dia, segundo levantamento feito pela própria escola, cerca de 600 pessoas estiveram no local, entre membros da comunidade escolar, autoridades e visitantes externos. A data e o período de duração foram acordados com a equipe diretiva da EMEF Professor Guilherme Sommer, de forma a viabilizar o projeto sem prejudicar a dinâmica escolar por um longo tempo e garantindo a ampla participação da comunidade.

Durante a semana de permanência, passaram pela obra todos alunos de 8º e 9º anos do ensino fundamental da rede municipal de ensino, em horários previamente agendados, para que o corredor, espaço de acesso às salas de aula, comportasse a visita sem causar barulho excessivo aos estudantes em aula. Foram 504 estudantes, 32 professores e cinco outras escolas visitantes. Além desses jovens acompanhados por seus educadores, ex-diretoras, ex-professoras, ex-alunos, pais e uma comitiva de uma das grandes cooperativas do município prestigiaram a instalação. A fotografia 3 retrata uma das turmas recebidas, oriundas de uma escola de área rural do município de Teutônia.

Fotografia 3 - Alunos da EMEF Dom Pedro I em visitação à instalação artística⁶



Fonte: Acervo da autora (2022).

Findo o tempo de permanência da instalação, calcula-se que cerca de mil pessoas circularam pela obra e foram diretamente impactadas por ela. No entanto, estimo que o alcance foi muito superior a isso, visto que boa parte dos visitantes registraram em fotografias e vídeos de redes sociais sua experiência, que era compartilhada em tempo real.

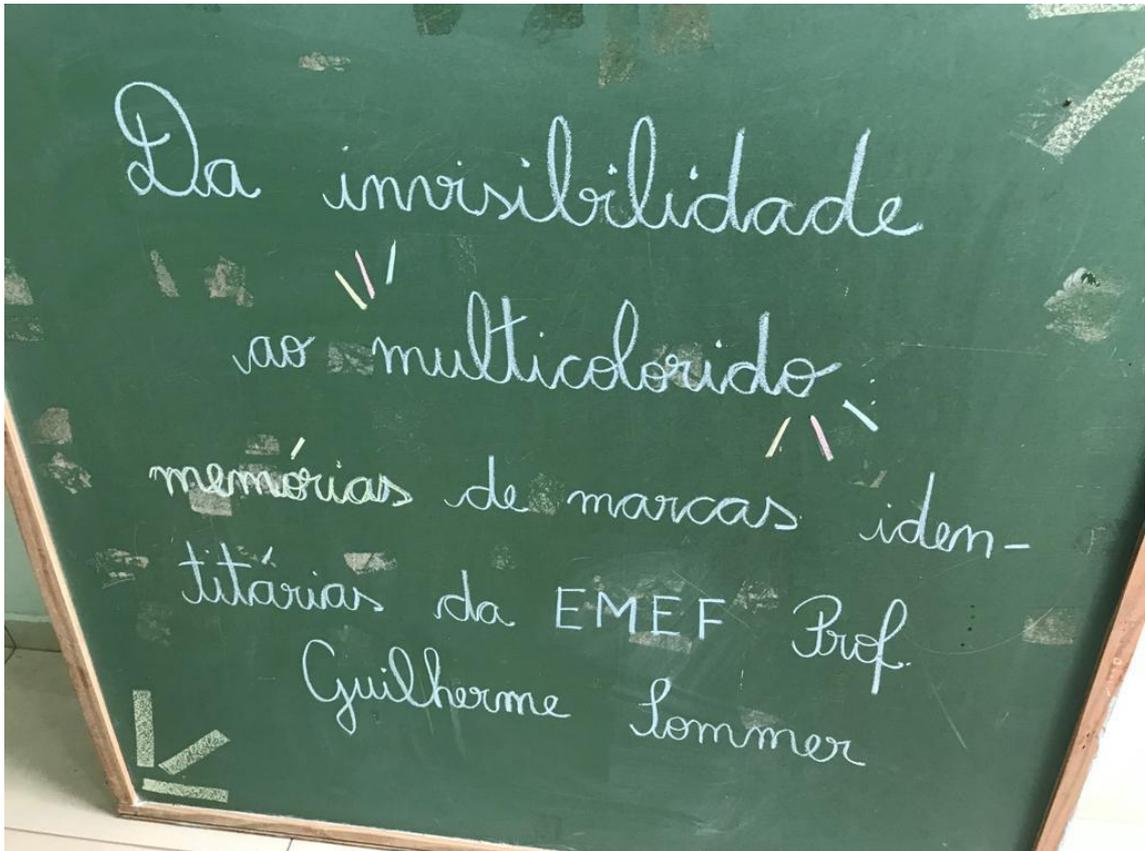
4.3.4 Por dentro da obra

Com o título “Da invisibilidade ao multicolorido: memórias de marcas identitárias da EMEF Professor Guilherme Sommer” (FOTOGRAFIA 4), a instalação artística foi

⁶ O direito do uso de imagem está assegurado por termo de consentimento assinado pelos responsáveis legais no ato da matrícula dos estudantes da rede municipal de Teutônia.

organizada em seis estações temáticas, cada uma de cor diferente, representando, em sua totalidade, a composição do logotipo da escola: uma ponte multicolorida onde se inscreve a palavra escola (FIGURA 12).

Fotografia 4 - Título da obra na entrada da instalação



Fonte: Acervo da autora (2022).

A obra buscou materializar as percepções da identidade da escola por parte de sua comunidade escolar. Em sua composição, houve a preocupação em representar a invisibilidade do início da trajetória da unidade escolar, através do uso de poucas cores – preto, cinza, branco e marrom – nos objetos das primeiras estações e, depois, ir colorindo gradativamente o seu percurso, até culminar com a explosão de cores da ponte no painel final.

Figura 12 - Ponte colorida, o logotipo da EMEF Professor Guilherme Sommer



Fonte: Acervo digital EMEF Professor Guilherme Sommer (2020).

Como já descrito, cada estação representou uma das cores da ponte multicolorida do logotipo da escola (FIGURA 12). Seus títulos são trechos dos depoimentos dos sujeitos da pesquisa alinhados à temática das estações. Para mostrar-se colorida, cada uma contou com um canhão de luz direcionado para seus objetos na cor que lhe coube. Além disso, para situar e contextualizar o visitante, cada estação apresentou um resumo poético do que representava, em cartaz afixado próximo aos objetos dispostos. Tomei o cuidado de deixar de um a dois metros de intervalo entre uma estação e outra, para que cada uma delas fosse experimentada em sua totalidade e plenitude.

O corredor da edificação, neste caso, foi elemento primordial na composição da obra (FIGURA 8; FOTOGRAFIA 2), representando o período de passagem e vivência no ambiente escolar. Essa experiência, ao mesmo tempo que delinea a identidade do educandário, constituiu etapa significativa no desenvolvimento da identidade de cada indivíduo que compartilha das vivências e histórias nessa instituição social.

4.3.4.1 Estação Verde - “A escola dos pobres lá da vila”

A primeira estação retratou a precariedade e, por vezes, o descaso com a pequena escola da Vila Popular. Representou também a marginalização a que a escola é submetida ao mesmo tempo em que compartilhou os desafios de sua existência/permanência. O quadro a seguir apresenta o texto explicativo ao visitante (QUADRO 6).

Quadro 6 - Descritivo da estação verde

No início, era mato e roça. Com o progresso da cidade, foi preciso construir casas populares para abrigar famílias migrantes e pessoas de baixa renda. Surge a Vila Popular e, com ela, a necessidade de construção de uma escola para atender os filhos desses novos moradores.

Do encontro de pessoas, progresso e terras disponíveis, nasce a Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Professor Guilherme Sommer.

Seja bem-vindo a esta experiência de visitação em que voc e fará parte da trajetória!

Esta estac o simboliza a origem de tudo.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Para compor essa imagem de precariedade, carências e dificuldades, usei elementos como terra, pedras, folhas secas pelo chão... Sobre elas, um mobiliário usado t pico de sala de aula - classe e cadeira - e uma porta de descarte para representar o prédio escolar. Na porta, foi grafitado o estigma: a escola dos pobres l  da Vila. Cópias de fotografias do tempo de sua implanta o, em cores s pia ou cinza, jogadas pela terra compuseram o cenário. Um canhão de luz verde iluminou tudo isso (FOTOGRAFIA 5).

Fotografia 5 - Estação verde



Fonte: Lucas Josué Wickert/Acervo pessoal (2022).

4.3.4.2 Estação Laranja - “Um sonho de escola, que nasceu e cresceu dentro da comunidade da Vila Popular”

A segunda estação trouxe um caminho de treliças em zig zag, revestidas de TNT preto e suporte para cópias de documentos, notícias e trechos impressos de depoimentos (narrativas memoriais) dos entrevistados. Esses murais foram estrategicamente dispostos para conduzir o visitante pela história da instituição e iluminados por um canhão de luz na cor laranja. O quadro 7 apresenta o texto compartilhado com os visitantes na entrada da estação.

Quadro 7 - Descritivo da estação laranja

A história está documentada. O ano era 1990. O mês era março. Era o primeiro dia do mês. Houve uma solenidade. Todos os adultos presentes – pais, autoridades, professoras, convidados – assinaram a ata de inauguração. Estava criada mais uma escola municipal. As portas da Sommer se abriram para a comunidade da Vila Popular e assim permanecem até hoje.

Heirich Friedrich Wihhelm Sommer, mais conhecido como Professor Guilherme Sommer, em reconhecimento aos mais de 45 anos dedicados à educação no município no início do século XX, foi escolhido como patrono da escola. E, assim, cedeu seu nome para identificar mais uma instituição escolar.

Esta estação apresenta uma linha do tempo da história desta escola, contada por documentos, fotografias, reportagens e depoimentos.

No início, era mato e roça. Com o progresso da cidade, foi preciso construir casas populares para abrigar famílias migrantes e pessoas de baixa renda. Surge a Vila Popular e, com ela, a necessidade de construção de uma escola para atender os filhos desses novos moradores.

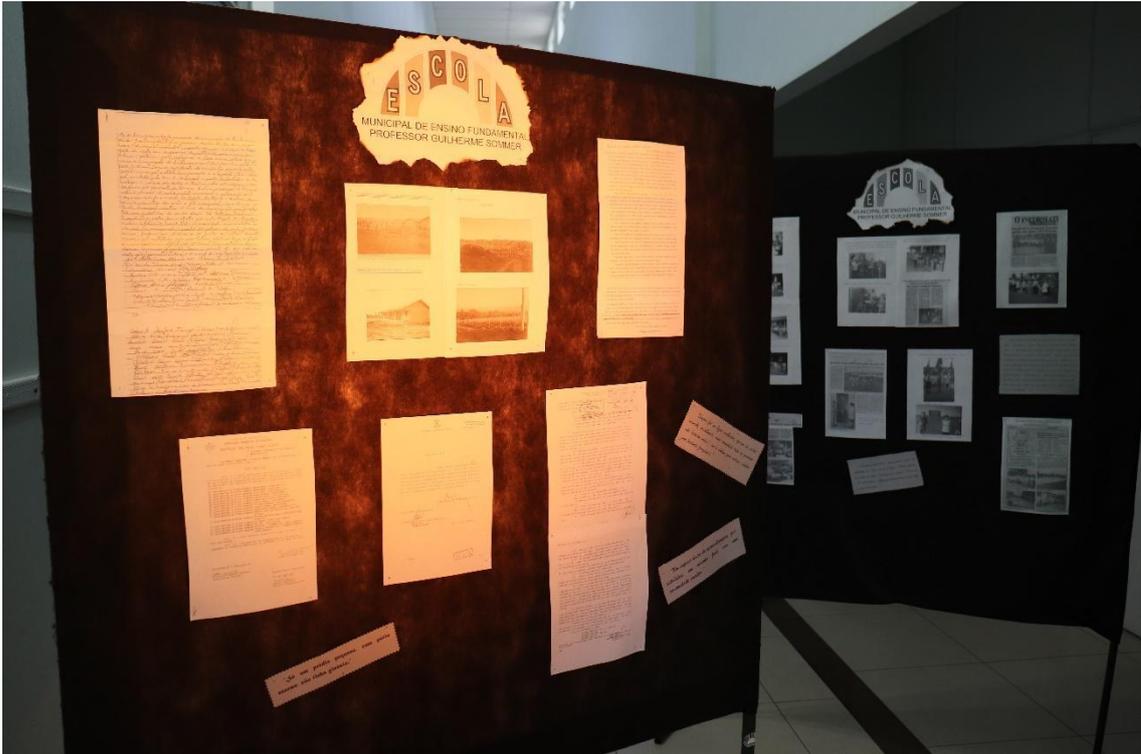
Do encontro de pessoas, progresso e terras disponíveis, nasce a Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Professor Guilherme Sommer.

Seja bem-vindo a esta experiência de visitação em que você fará parte da trajetória!

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Não existem memórias se não houver história, ou seja, sem fatos e acontecimentos para serem lembrados, revisitados e ressignificados com o passar do tempo. Os documentos oficiais (decretos, portarias, pareceres, resoluções, atas), as notícias e os depoimentos são registros de memória fundamentais para se compreender a origem dos elementos de identidade que se tornaram marcas com o passar dos anos. A fotografia 6 apresenta o resultado dessa segunda estação:

Fotografia 6 - Estação laranja



Fonte: Alana Vitkoski Gausmann Flores/Assessoria de Imprensa Prefeitura de Teutônia, 2022.

4.3.4.3 Estação Azul - “Todo mundo junto, trabalhando junto, todo mundo (importante) igual”

A terceira estação iniciou o processo de coloração do percurso da instalação. Até aqui, os objetos eram, predominantemente, nas cores preto, cinza e marrom. A estação azul apresentou os sujeitos constituintes das marcas identitárias, através de fotografias que capturaram suas ações no ambiente escolar.

A organização dos objetos aqui explorou o espaço aéreo (FOTOGRAFIA 7). Fios de nylon atravessaram o corredor de um lado ao outro, servindo como suporte para móveis feitos de guarda-chuvas multicoloridos. Esses guarda-chuvas, por sua vez, trouxeram penduradas em seus arames dez fotografias significativas da trajetória da unidade escolar, em que apareciam seus sujeitos históricos.

Além das fotografias, havia cinco espelhos suspensos entre os guarda-chuvas, para que os visitantes se deparassem com sua imagem e, assim, se sentissem pertencentes ao espaço de criação da obra ou se reconhecessem como atores nesse processo em outros períodos de sua vida. No chão, sobre um cavalete, estava o

quadro com a imagem do patrono da escola, o professor Guilherme Sommer, iluminado por um canhão de luz na cor azul.

Fotografia 7 - Estação azul



Fonte: Alana Vitkoski Gausmann Flores/Assessoria de Imprensa da Prefeitura de Teutônia (2022).

As fotografias foram minuciosamente escolhidas dentre os álbuns e mídias digitais existentes no arquivo escolar, havendo, pelo menos, uma imagem de cada ano de existência da instituição. Tive o cuidado para que as imagens explicitassem as memórias narradas nas etapas de entrevista e, portanto, aspectos da identidade. Essa estação representou o trabalho em equipe, o coleguismo, a comunidade atuante, o constructo de família. E, ao fazer isso, denotou o esforço coletivo de um grupo em construir a identidade da instituição a que pertence.

O quadro a seguir (QUADRO 8) transcreve a orientação dada ao visitante, para a melhor compreensão do contexto.

Quadro 8 - Descritivo da estação azul

Construída a primeira edificação e fundada a instituição, nota-se, desde sempre, o intuito de se aproximar os moradores das casas populares do ambiente escolar de seus filhos.

Para além das questões pedagógicas, inúmeros são os registros e relatos da comunidade envolvida em questões de ajardinamento, reformas e melhorias do ambiente escolar, preservação do meio ambiente, organização de momentos culturais, participação em eventos sociais...

A Sommer foi (e é) construída por MUITOS: alunos, professores, funcionários, equipes diretivas, pais... Pela comunidade! Um projeto coletivo em que cada indivíduo, independente da sua função, importa e pertence.

Você, hoje, também faz parte de um capítulo desta história em contínua construção. Note que, ao transitar por este espaço de memórias, VOCÊ também se constitui um ator da Sommer.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

4.3.4.4 Estação Vermelha - “Uma nova escola surgia naquele dia”

Uma das características das instalações é a imersão do visitante com papel ativo na composição da obra, isto é, propondo uma relação de interatividade entre o observador e os elementos ali dispostos. A quarta estação trouxe explícita essa marca ao apresentar uma coleção de tijolos de barro em miniatura (FOTOGRAFIA 8), dispostos inicialmente como a construção inacabada de um alicerce ou uma parede de sustentação, apoiada sobre classes escolares. No entorno da construção, foram agrupados mais tijolos disponíveis. E tudo isso apareceu iluminado por um canhão de luz na cor vermelha.

Fotografia 8 - Estação vermelha



Fonte: Alana Vitkoski Gausmann Flores/Assessoria de Imprensa da Prefeitura de Teutônia, 2022.

O objetivo foi desafiar o visitante a desconstruir, construir ou reconstruir uma estrutura com os tijolos, como expressa o Quadro 9. A estação vermelha, assim, teve como propósito simbolizar a mudança, a transformação, o impacto na comunidade através da ação educativa e da história tramada coletivamente pelos sujeitos da unidade escolar.

Quadro 9 - Descritivo da estação vermelha

Muitos foram os desafios na história da Guilherme Sommer. A estrutura simples do início e precária nos anos seguintes, a carência de algumas famílias, os conflitos e a indisciplina no ambiente escolar, as depredações em alguns momentos, as dificuldades de ensino e de aprendizagem...

Desafios que estimularam o estreitamento de vínculos, a acolhida das famílias, a união do grupo em prol de um mesmo objetivo: a mudança.

Houve estudo, houve escuta, houve visitas às famílias, houve um PROJETO! Ano após ano, estratégia atrás de estratégia, ideias pensadas e executadas, houve uma construção! E ela é constante, contínua, permanente.

Os tijolos aqui dispostos simbolizam esse contínuo movimento de (re)construir. Ajude na construção: movimente-os, modifique, construa, destrua, reconstrua conosco a metáfora da transformação!

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Para que o visitante de fato interagisse com a obra, coleí um bilhete com a seguinte orientação no canto de uma das mesas: Você também será um construtor. Sinta-se à vontade para manusear os tijolos, montar, desmontar, modificar ou (re)construir uma formação que represente a base deste trabalho coletivo que é a identidade da Sommer.

4.3.4.5 Estação Amarela - “Colorida por causa da diversidade”

Uma explosão de cores, expressas em camisetas do uniforme escolar, foi a temática da quinta estação da instalação artística, para retratar o respeito e a valorização da diversidade. É o reconhecimento de cada indivíduo nas suas singularidades, é a possibilidade de ser feliz na assunção de quem se é. Se o princípio do uniforme, em seu significado original, é atenuar as diferenças e padronizar uma representação ou marca de identidade, na EMEF Professor Guilherme o uniforme “padroniza” a multiplicidade de seres, gostos, identidades individuais, existências. O Quadro 10 esclarece isso aos visitantes.

Quadro 10 - Descritivo da estação amarela

As pessoas são todas diferentes. As pessoas têm gostos diferentes. As pessoas se identificam com cores diferentes. Cada indivíduo é único e diferente de todos os outros.

As cores da ponte, das paredes, dos brinquedos do pátio, destas estações que você visita, dos uniformes evidenciam a liberdade e o respeito de ser quem se é. As diferenças existem e devem ser celebradas, como nesta escola.

A arara colorida dos uniformes materializa esse movimento iniciado na metade da trajetória da escola e que, ainda hoje, a diferencia de todas as demais escolas da rede.

E você, com qual cor se identifica? Proponho-lhe organizar nosso arco-íris de uniformes na arara da diversidade. E, mais, desafio você a vestir a camiseta que o representa, a se olhar no espelho, a se reconhecer, a se valorizar, a se sentir pertencente à atmosfera desta obra... É momento de experienciar-se nesta multiplicidade de cores e significados da Sommer.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Composta por arara de roupas com 15 cabides acomodando camisetas de uniformes escolares de cores distintas, um espelho fixo na parede e mobiliário pequeno para apoio de mais camisetas, o espaço instigou o visitante a vestir o uniforme e, se quisesse, compartilhar a experiência através das suas redes sociais.

Um canhão de luz amarela caracterizou a cor da estação (FOTOGRAFIA 9) no contexto global.

Fotografia 9 - Estação amarela



Fonte: Alana Vitkoski Gausmann Flores/Assessoria de Imprensa da Prefeitura de Teutônia (2022).

4.3.4.6 Estação Rosa - “O saber como ponte para a transformação”

A sexta estação foi composta por duas partes: a primeira com disposição de objetos e a segunda com um painel em construção. No início dela, o texto (QUADRO 11) anunciava o propósito:

Quadro 11 - Descritivo da estação rosa

A ponte da Sommer, elo de ligação entre a família e a comunidade. A ponte que simboliza a transformação social que a educação pode (e deve) proporcionar para quem passa por esta escola. A ponte que é, ao mesmo tempo, conhecimento e caminho entre dois mundos, dois universos, duas versões de si mesmo. É preciso cruzar a ponte para passar de um estágio ao outro.

A ponte multicolorida, símbolo desta escola, carrega o poder da escola na vida em sociedade. É composta por seis partes, cada uma de cor e letras diferentes para compor a palavra ESCOLA.

Nesta última estação, celebra-se esta marca identitária tão distinta por suas muitas cores e propõe-se uma releitura sua. A ponte deste painel compõe a palavra SOMMER, forma como a maioria das pessoas referem-se ao educandário. Juntos, vamos colorir esta releitura do logotipo com palavras que expressem memórias, impressões, desejos ou inspirações, sentidas ou vivenciadas ao longo desta visitação.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Na primeira parte dessa última estação, houve uma mesa redonda no centro do corredor como suporte para uma ponte metálica (FOTOGRAFIA 10). Sob a ponte, foram espalhados livros didáticos de todos anos escolares e de pensadores da educação, representando a fonte do saber e do conhecimento. Flores simbolizando o renascimento estavam dispostas nas extremidades da ponte. Além dos elementos táteis e visuais, um elemento sonoro compôs a cena: a música “Vamos Construir - Instrumental”⁷ tocou num aparelho portátil escondido sob a ponte. Essa música foi escolhida e utilizada pela equipe diretiva e docente para apresentar a identidade da ponte multicolorida à população no ano de sua criação. Um canhão de luz rosa esteve direcionado aos objetos.

⁷ Música utilizada na apresentação da identidade visual da escola em 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zlze3jr8UvM>. Acesso em: 23 mar. 2022.

Fotografia 10 - Estação rosa (primeira parte)



Fonte: Alana Vitkoski Gausmann Flores/Assessoria de Imprensa da Prefeitura de Teutônia (2022).

Essa composição foi a materialização do lema da escola. A ponte, como já explicitado nos depoimentos dos sujeitos da pesquisa, significou o elo de ligação entre família e escola que, através do saber (estudo), possibilita a mudança e a transformação social. As flores representaram o renascer à luz dos conhecimentos, e os livros indicaram o caminho para a busca do saber. A música, ao mesmo tempo em que remeteu à necessidade de mais construção de pontes nas relações pessoais, embalou o processo de transformação.

Dando continuidade ao movimento da mudança, a segunda parte da estação rosa propôs a construção conjunta e ressignificada da ponte-logotipo da EMEF Professor Guilherme Sommer (FOTOGRAFIA 11). Ela foi formada por um grande painel fixado na parede com as seis partes da ponte, porém, agora, cada uma guardando uma das letras da palavra Sommer. Ou seja, trazendo para o logotipo da escola o termo habitualmente utilizado para referir-se à unidade escolar, como ilustrado nos depoimentos. Além do desenho da ponte, havia canetas disponíveis e *post-it* das seis cores do logotipo (verde, laranja, azul, vermelho, amarelo e rosa), sobre classes dispostas no centro do corredor, para que os visitantes deixassem

registradas suas memórias ou impressões da visitação. Esses *post-it* foram colados no painel após preenchidos, ressignificando o logotipo a partir da vivência da visitação.

Fotografia 11 - Estac o rosa (segunda parte)



Fonte: Alana Vitkoski Gausmann Flores/Assessoria de Imprensa da Prefeitura de Teutônia (2022).

4.3.4 Perspectivas p s-instalação

A instalação artística “Da invisibilidade ao multicolorido: memórias de marcas identitárias da EMEF Professor Guilherme Sommer” teve seu tempo de montagem reduzido em relação ao período previsto no Plano de Negócios (APÊNDICE B) devido à dinâmica do funcionamento da escola. Foi um desafio conciliar a manutenção da obra no sítio que não era exclusivo para este fim, afinal era o corredor de acesso às salas de aulas dos estudantes, logo, de fluxo intenso de transeuntes.

Ainda assim, a obra ficou exposta e aberta   visitação por uma semana letiva, nos horários regulares de funcionamento da instituição - manhã e tarde. Nesse período, mais de mil pessoas foram impactadas diretamente pela obra, incluindo estudantes da rede municipal, ex-alunos, professores, ex-professores, funcionários, ex-funcionários, familiares, diretores, ex-diretores, autoridades locais, empreendedores e outros tantos membros da sociedade civil. Boa parte dos

visitantes, presume-se pelos registros fotográficos e depoimentos compartilhados após a experiência, deixaram-se absorver pela obra, interagindo e ajudando a compô-la, como ilustrado na figura a seguir (FIGURA 13).

Figura 13 - Foto montagem da visitação à instalação artística



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O impacto indireto, causado pelo compartilhamento de imagens ou vídeos em tempo real através das redes sociais oficiais da escola e da Administração Municipal não pôde ser mensurado, bem como não se tem o mapeamento do alcance das publicações feitas pelos próprios visitantes durante a interação. Isso devido ao fato de não existir acesso público às contas privadas de quem passou pela instalação para monitorar o alcance de suas publicações particulares. Ainda que, para cumprir seu propósito estético e artístico, a obra precise ser experimentada *in loco* por se tratar de uma experiência multissensorial e não apenas visual (CARVALHO, 2005; SILVA, 2012), a visibilidade nas mídias sociais pode contribuir para atingir o objetivo de potencializar aspectos positivos da imagem da instituição na sociedade teutoniense.

O que se pode calcular, para já se ter uma perspectiva do alcance digital, é o registro de visualizações dos vídeos publicados nos canais oficiais da Prefeitura de Teutônia cuja publicação permanece na página, como feed do Instagram e linha do tempo do Facebook. Ali, computa-se 2.158 visualizações⁸ na página da Prefeitura de Teutônia do Facebook e 860 na página @prefeitureteutonia do Instagram. Também foi possível calcular o total de insights⁹ da página da escola no Facebook/Voz da Sommer – há duas publicações na Linha do Tempo que, juntas, tiveram um alcance de 1.008 perfis de rede. Os dados de alcance das publicações feitas no perfil oficial da escola no Facebook – Emef ProfGuilherme Sommer [sic] – e Instagram – @emefsommer¹⁰ – não estão disponíveis na plataforma, mas é possível verificar o número de curtidas totais: 108.

Embora esses registros visuais da obra sejam incapazes de absorver toda a experiência e os números de visualizações e curtidas não signifiquem a apreciação visual total do que foi compartilhado, esse material digital assume importância documental, e os dados coletados denotam a repercussão virtual da instalação. Inclusive, os poucos comentários voluntários deixados pelos visitantes nas publicações permanentes servem como depoimentos passíveis de análise.

É o caso do texto de uma pessoa publicado na página Facebook/Voz da Sommer, no qual relata ter revivido momentos inesquecíveis na unidade escolar e sentir-se pertencente durante a visita: “*Que saudade dessa escola*”. “*Como queria voltar no tempo*” é o comentário de outra visitante, interagindo com a publicação da página. Lembranças que despertam a curiosidade das “[...] *crianças que não conheciam a história da Sommer*” é outra contribuição significativa na mesma publicação. Esses três comentários selecionados entre os cinco ainda visíveis já indicam que, para esses visitantes, os objetivos de suscitar memórias e despertar o sentimento de pertencimento foi alcançado. Cabe esclarecer que não houve comentários depreciativos.

⁸ O vídeo analisado foi publicado nas páginas oficiais da Prefeitura Municipal de Teutônia em 12 de abril de 2022. Os dados aqui apresentados são da quantidade de visualizações até o dia da produção deste texto. Disponível em: <https://www.facebook.com/prefeitureteutonia/videos/480180990511838> e <https://www.instagram.com/reel/CcQjS96Jrjh/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/831165393621065>. Acesso em: 23 jul. 2022.

¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100057235106917&sk=about> e <https://www.instagram.com/emefsommer/>. Acesso em: 23 jul. 2022.

Outra fonte de dados para compreender os efeitos imediatos da instalação são os textos deixados nos *post-it* da Estação Rosa, durante a resignificação do logo (FIGURA 12). Para isso, ao longo da instalação, fiz fotografias da maior parte dos bilhetes, uma vez que o painel ficou para exposição na escola após o final da obra e considerando a possibilidade de bilhetes descolarem e serem perdidos. As impressões ali deixadas sugerem que a obra atingiu seu propósito em apresentar marcas identitárias e evocar memórias de quem a visitou, além de servir como importante registro da história do educandário.

Fotografia 12 - Resignificação da ponte-logotipo



Fonte: Acervo da autora (2022).

Analisando as mensagens, observei que muitos daqueles que fizeram parte da história da escola registraram palavras como saudade, gratidão, afeto, acolhida, transformação e família em seus recados; enquanto os que a visitaram pela primeira vez na ocasião da instalação, em geral, relataram a importância do registro da história, parabenizaram o trabalho realizado pela instituição, expressaram surpresa e a satisfação em conhecer a escola e deixaram votos de sucesso na continuidade da atuação.

Como o público estudantil externo foi composto de jovens de, em média, 13 a 15 anos, houve bilhetes em que apenas havia seu perfil do Instagram ou provocações

dirigidas aos alunos da mesma faixa etária da EMEF Professor Guilherme Sommer. Esses bilhetes, cujo tema não se alinhou diretamente ao proposto na estação, não apresentaram significado para a análise aqui feita, mas permaneceram no painel por fazer parte da interação do visitante com a obra.

“Muito importante preservar a história da escola.” “Gratidão por relembrar memórias da infância.” “Que continue transformando e colorindo vidas.” “Que essa história continue a marcar nossa comunidade com a certeza de que é possível acreditar em tempos e uma sociedade melhor.” “Que bom fazer parte da família somer” [sic]. “Mistura sentimento de saudade da nossa infância e felicidade para o futuro!” “A Sommer não é só escola [sic] é família.” “Uma escola em constante transformação.” “Um lugar especial [sic] cheio de memórias, vida e histórias.” “Achei que a escola era uma [...], mas realmente me surpreendi.” “Querida sair mas agora quero voltar.” “A parte mais bonita da minha história foi aqui dentro. E eu sei que independentemente da situação seremos a família da Sommer.” “Uma escola que me acolheu com muito carinho! Uma vez SOMMER sempre SOMMER!” “Como [ex] estudante daqui posso dizer que passei momentos incríveis aqui e sempre é bom voltar para casa!” Esses são alguns dos inúmeros depoimentos deixados no painel final.

As centenas de depoimentos deixados no painel variam quanto ao conteúdo do texto, mas, quando mais robustos no sentido de compartilhar a relação do visitante com a escola no passado, comprovam que a memória apresenta o que fomos (passado) articulado ao que somos (presente) para prospectar o que seremos (futuro), como apontava Oliveira (2008). Do mesmo modo, fortes marcas identitárias também foram registradas nas mensagens deixadas (noção de família, acolhida, vinculação afetiva, transformação), confirmando aspectos evidenciados pela pesquisa e ratificando que a identidade, de fato, é constituída através da coletividade e expressa nas memórias da maior parte dos integrantes do grupo, como evidenciado por Halbwachs (1990) e Candau (2019) em seus estudos.

Apenas a longo prazo saberemos se a instalação artística, de fato, contribuiu para a consolidação de uma imagem ainda mais positiva da instituição na esfera municipal e alçou a escola num espaço referencial em termos de promoção de cultura. Porém, isso não diminui a importância que a obra teve para os membros da comunidade escolar, que se mostraram emocionados e orgulhosos em conversas

informais com a autora e educadores da escola ao final da visitação e em manifestações escritas em redes sociais.

A obra foi de tal forma significativa que, no mês de maio, a escola, ao participar de uma exposição na feira municipal de aniversário de Teutônia (Festa de Maio 2022), propôs uma recriação parcial da instalação, em miniatura, no seu estande (FOTOGRAFIA 13). Ou seja, a representou para cerca de quarenta mil pessoas que circularam pelo evento. Além disso, no momento da montagem, fui informada pela diretora que a escola ressignificará seu logotipo junto a sua comunidade, substituindo a palavra “escola” inscrita na ponte por “Sommer”, tal qual a proposta do encerramento da instalação artística. Isso comprova que a obra conseguiu provocar sensações e mobilizar ações no público impactado (ou ao menos em parte dele).

Fotografia 13 - Representação da instalação no estande da Festa de Maio 2022



Fonte: Acervo da autora (2022).

Outra manifestação oral espontânea aconteceu em 15 de julho de 2022, quando visitei a EMEF Professor Guilherme Sommer para fins de trabalho e fui abordada pela professora de Arte. A professora em questão visitou a instalação artística acompanhando um grupo de alunos de outra escola da rede onde também trabalha e fez questão de compartilhar comigo as impressões dos jovens daquela outra escola, a pedido deles. Conforme a educadora, os jovens solicitaram que eu realizasse mais trabalhos em que eles pudessem vir para a EMEF Professor Guilherme Sommer, para a conhecerem melhor. Disseram que não conheciam a escola e que ficaram impressionados com a beleza, organização e limpeza do lugar. Falaram ainda que, como não a conheciam, imaginavam-na muito diferente e tinham preconceito com os estudantes. Concluíram que estavam equivocados e que é preciso conhecer lugares e pessoas antes de imaginar situações.

Se cada visitante que desconhecia a escola, sua história e suas marcas identitárias saiu com o olhar transformado sobre a imagem da instituição como esses jovens estudantes, o objetivo desta pesquisa foi atingido com sucesso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo surgiu do desejo pessoal, mas concebido coletivamente no ambiente de trabalho, de uma professora que, percebendo situações de depreciação e desajuste de sua escola e comunidade escolar no cenário municipal, decidiu investigar memórias para narrar histórias. Ao investigar as memórias de membros internos, elucidou marcas de identidade e projetou um acontecimento para apresentá-las ao público externo no intuito de melhorar, tanto quanto possível, a imagem que paira da escola no senso comum.

O processo criativo da obra foi laborioso: durou cerca de 17 meses desde a organização do Plano de Negócios (APÊNDICE B) em novembro de 2020 até a realização da instalação artística em abril de 2022. A ideia surgiu da problemática de como coletar os dados de pesquisa e apresentar os achados da pesquisa para a comunidade (etapa da preparação), passando pelo período de análise dos dados e possibilidade de representação (etapa da incubação) até a projeção e montagem da obra propriamente dita (etapa de iluminação e verificação).

Dito isso, esta pesquisa teve o intuito identificar as marcas identitárias emergentes das memórias de representantes da comunidade escolar, para comunicar de forma significativa e inovadora – através de uma instalação artística – à população teutoniense. A memória, como já concluído por Pollak (1992), constitui a identidade do grupo ou, mais precisamente, o sentimento de identidade que seus membros desenvolvem, mantendo a unidade e a coesão e selecionando as narrativas que se fazem de si.

Sem esquecer o caráter seletivo e representativo das memórias, a busca dessas narrativas com membros da comunidade escolar priorizou dar escuta aos atores que compõem a escola de tempos em tempos. Assim, optei por investigar marcas de identidade a partir da percepção interna do grupo, ao longo de toda a trajetória da escola, valorizando o significado da sua experiência como defendido por Alberti (2013). Antes disso, porém, analisei os documentos oficiais que delineiam as etapas de construção identitária da instituição, atentando com criticidade principalmente aos PPPs, pela condição de elaboração colaborativa.

Conforme evidenciado pelos Projetos Políticos Pedagógicos (2007; 2014; 2019), a acolhida e o pertencimento são aspectos relevantes da identidade do educandário escolar, ratificados pelos depoimentos dos participantes da pesquisa e pelos registros

escritos deixados nos *post-it* ao final da instalação artística. Em se tratando da estrutura física e reconhecimento social, a escola saiu de uma situação de precariedade e invisibilidade para, com o passar dos anos e ações realizadas, um ambiente adequado às necessidades, amplo e bem cuidado, e para um maior prestígio na sociedade teutoniense. Conforme o relato de E3 (2022), é notória a transformação do ambiente que continuamente passava por melhorias, mas a surpreende mesmo a mudança na percepção da comunidade externa: “*o que mais me chama a atenção de que [sic], desde que eu entrei aqui na escola há muitos anos atrás, mudou o conceito em relação à população da escola, da Guilherme Sommer, hoje eles veem de [sic] outros olhos, parece*”.

O depoimento de F2 (2022) corrobora com esse apontamento de E3. A mudança no conceito da escola, para ela, começou quando as pessoas passaram a conhecer a EMEF Professor Guilherme Sommer: “[Houve] *Uma mudança! É que eu acho que o pessoal, assim que com o comentário e com ‘ah, o filho da vizinha tá lá e fala bem e tudo’, aí começou a mudar bastante.*” Essas duas constatações evidenciam dois aspectos relevantes desta pesquisa: primeiro, a imagem da escola na comunidade externa, ainda que parcialmente, já vinha (e segue) sofrendo alterações positivas antes mesmo desta proposição de estudo; e, segundo, foi assertiva a ideia de criar um produto técnico visual de abrangência à diversidade do público, para tornar a escola conhecida pelo maior número de pessoas possíveis. Quanto maior o conhecimento sobre a instituição, podemos inferir que menor a chance de “pré-conceitos” equivocados.

A integração com a comunidade, a propósito, sempre foi uma preocupação da Direção e dos Professores, e, visivelmente, o vínculo foi se estreitando com o passar dos anos, a ponto de muitos membros considerarem o ambiente escolar como uma família. Desafios de aprendizagem, carências afetivas e financeiras, arbitrariedades no espaço físico e pouca participação de uma parcela dos familiares são dificuldades da jornada relatadas pelos participantes, mas o desejo da melhora e da mudança, expresso no lema do educandário, serviu de motivação para o grupo. “*No meio da dificuldade encontra-se uma oportunidade*” (P4, 2021) sintetiza a impressão ao final da pesquisa. Ou, como escreveu P1 (2021), “*entre perdas e ganhos, posso dizer que minhas memórias se [sic] afeto superam as lembranças tristes*”.

As cores e a ponte são símbolos carregados de intenção e sentimento. Materializam o projeto de transformação social arquitetado pelo grupo, estreitando o

vínculo entre as instituições família e escola, bem como acolhendo e respeitando a pluralidade dos indivíduos que pela escola circulam. Mais do que isso, consolidaram respeito à diversidade, acolhida e integração com a comunidade escolar como marcas identitárias duradouras e singulares. E são resultado de um esforço coletivo e fomentado por uma equipe diretiva disposta a dialogar com alunos e professores, o que entusiasmou a todos, segundo relato de P1.

Além dessas marcas evidentes da identidade visual da escola (logotipo), o nome também figura em local de destaque. Afinal, é, possivelmente, a primeira marca identitária socialmente constituída. Ao nomear uma instituição certifica-se sua existência. Mas mais do que isso, pontua Candau (2019), é uma questão memorial. O nome, assim, homenageia um professor com forte legado histórico na educação do município, mas pouco reconhecido pelos sujeitos da pesquisa. Aliás, tanto os depoimentos escritos como orais esclareceram que a identidade nominal incorporada e mais utilizada é somente Sommer. Essa observação, apresentada no painel da última estação da instalação artística, levou o grupo escolar a repensar seu logotipo. Neste momento, a escola realiza um movimento de ressignificação da palavra inscrita na ponte, propondo a alteração do termo “escola” por “Sommer”, pois parece fazer mais sentido, conforme depoimento da diretora da escola após a instalação.

Embora apenas a longo prazo poderemos avaliar o impacto dessa ação na imagem externa da instituição, o que se pode afirmar é que a instalação artística causou um movimento reflexivo interno acerca de aspectos da identidade da escola e da importância da preservação das memórias como conservação da história, gênese identitária e mecanismo de coesão do grupo. Esse movimento, gestado em grupo e no grupo, denota o esforço coletivo que fazem os indivíduos ou grupos na contínua construção da imagem de si. A narrativa de identidade aqui esmiuçada, selecionada pelo grupo entrevistado e que serviu de base para a organização da instalação artística, denota uma trajetória da escola que saiu da invisibilidade (ou marginalização) ascendendo para a transformação e, espera-se, a ampliação de seu reconhecimento social. Assim, posso concluir que também a instalação artística entregue constitui-se uma ponte para a transformação.

Termino este estudo de campo ciente de que a memória, fonte da pesquisa para encontrar as marcas identitárias, é uma representação. De tal forma que, quando não for mais do interesse do grupo sustentar as memórias aqui compartilhadas e outras emergirem, as marcas identitárias possivelmente serão outras. Apesar disso, também

compreendo que marcas mais fortes e significativas (aquelas com colaboração de afetos) tenderão a persistir por longo tempo. É preciso atentar que a identidade está em contínuo processo de construção.

Ainda que completo quanto ao seu propósito de destacar e comunicar marcas identitárias, cabe a ampliação e complexificação desta pesquisa em novos estudos e outras perspectivas. Surgem como possibilidades: a) investigar a percepção da identidade da EMEF Professor Guilherme Sommer pelo público externo, comparando com a percepção interna, realizando uma análise qualitativa multinível; b) fazer um estudo longitudinal somente da percepção externa para avaliar as nuances na percepção da identidade ao longo do tempo e verificar se a instalação artística agregou valor no processo; c) aprofundar a investigação da identidade institucional a partir de diferentes vieses – cultural, sociopolítico e pedagógico; d) ou ainda, estudar essa identidade comparada às outras instituições da mesma natureza no sistema de ensino.

Em se tratando desta pesquisa do campo da memória social, não posso encerrar este último capítulo sem firmar meu compromisso em deixar documentado para a EMEF Professor Guilherme Sommer, através de um pequeno vídeo¹¹ e um relatório impresso com texto e imagens, a realização da instalação artística aqui apresentada. Esse material será um valioso registro memorial para o futuro, além de uma maneira de armazenamento permanente de uma obra de caráter transitório. Finalizo esta dissertação, e este capítulo da minha vida acadêmica, transcrevendo uma frase escrita com letras garrafais num *post-it* vermelho do painel da instalação: “Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias (Galeano¹²)”, e memórias!

¹¹ O vídeo, com duração de 2 minutos e 13 segundos, foi entregue à escola em junho de 2022 e integra seu arquivo digital. Também está disponível publicamente na página do Youtube da Secretaria Municipal de Teutônia, através do link <https://youtu.be/r-QDdC621xw>. Acesso em: 30 set. 2022.

¹² Embora atribuída a Galeano, a autoria da frase é de Muriel Rukeyser, conforme explicado pelo escritor numa entrevista de 2011. Disponível em: <https://maisqueousual.wordpress.com/2011/03/29/entrevista-eduardo-galeano/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Unicamp, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília/DF: Brasil, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 out. 2020.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2019.

CARVALHO, Ana Maria Albani de. **Instalação como problemática artística contemporânea**: os modos de espacialização e a especificidade do sítio. 2005. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10864>. Acesso em: 25 jan. 2022.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória institucional**: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica. 1997. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <https://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/686/1/icleiacosta1997.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2021.

CÍRCULO de Pais e Mestres da EMEF Professor Guilherme Sommer. **Livro de Atas Nº 1**. Teutônia: CPM EMEF Professor Guilherme Sommer, 1990.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 51-66.

EMEF Professor Guilherme Sommer. **Projeto Político Pedagógico**. Teutônia: EMEF Professor Guilherme Sommer, 2019.

EMEF Professor Guilherme Sommer. **Projeto Político Pedagógico**. Teutônia: EMEF Professor Guilherme Sommer, 2014.

EMEF Professor Guilherme Sommer. **Projeto Político Pedagógico**. Teutônia: EMEF Professor Guilherme Sommer, 2007.

FABRIS, Marcos. Instalação e *Site Specific Works*: arte como oposição. **Porto Arte**. Porto Alegre: PPGAV/UFRGS, v. 21, n. 35, maio 2016, p. 57- 66. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/73713>. Acesso em: 16 jul. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. São Paulo: Cortez, 2001.

GRAEFF, Lucas; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Maurice Halbwachs: dos quadros sociais à memória coletiva. *In*: BERND, Zilá; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes (org.). **Memória Social: revisitando autores e conceitos**. Canoas: Unilasalle, 2018, p. 55-70.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LAROSSA, Jorge (org.). **Elogio da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MEDEIROS, Eduardo Decorte; BASTOS JÚNIOR, Edmundo José de. Memória Institucional: uma reflexão sobre sua importância para a polícia militar de Santa Catarina. **Revista Ordem Pública e Defesa Social**. Florianópolis: ACORS, 2015. v. 8, n. 2, jul./dez., p. 211- 231, 2015. Disponível em: <https://rop.emnuvens.com.br/rop/article/view/140>. Acesso em: 10 dez. 2021.

NARDIN, Heliana Ometto. **Objeto e Instalação: itinerários de criação e compreensão em artes plásticas**. 2004. Relato de Pesquisa (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/252514>. Acesso em: 15 jul. 2021.

OLIVEIRA, Carmen Irene de. Memória e identidade institucional: um estudo de caso. **Vivência: Revista de Antropologia**. v. 1, n. 34, p. 91-111 (2008). Natal: UFRN/DAN/PPGAS, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/11304671/Mem%C3%B3ria_e_identidade_institucional_um_estudo_de_caso. Acesso em: 24 mar. 2022.

OLIVEIRA, Emerson Dionisio Gomes de. Reapresentação e documentação de instalações de arte em três museus brasileiros. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, Nova Série, v. 26, p. 1-30, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/152225>. Acesso em: 24 out. 2020.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-13, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RIO GRANDE DO SUL. Conselho Estadual de Educação. Comissão de Ensino de 1º Grau. **Parecer nº 1.274, de 15 de dezembro de 1988**. Autorização para o funcionamento, a partir de 1989, da Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Professor Guilherme Sommer, localizada no Bairro Canabarro, em Teutônia.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de educação. Portaria Nº 757, de 1º de junho de 1990. [...] Autoriza o funcionamento da Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Professor Guilherme Sommer [...]. **Diário Oficial Estado do Rio Grande do Sul**: Porto Alegre, RS, ano 158, n. 108, p. 18, 07 jun. 1990. Disponível em: <https://www.diariooficial.rs.gov.br/diario?td=DOE&dt=1990-06-07&pg=1>. Acesso em: 02 mar. 2022.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 13, n. 38, p. 151-165, out 1998.

SANTOS, Otávio Luis. As etapas do processo criativo propostas por Graham Wallas identificadas em processos de criação em ambientes digitais. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v. 5, n. 7, p. 9490-9498 jul. 2019.

SCHNEIDER, Izabel Cristina Martins da Rosa. **Escola Estadual de Ensino Fundamental 20 de Maio: memória e identidade**. 2020. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unilasalle.edu.br/handle/11690/1667>. Acesso em: 14 mar. 2022.

SILVA, Luciana Bosco e. **Instalação: espaço e tempo**. 2012. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/JSSS-8R8LVY>. Acesso em: 24 out. 2020.

SILVEIRA, Greice Antolini. **Imersão: sensação redimensionada pelas tecnologias digitais na arte contemporânea**. 2011. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/5199>. Acesso em 10 jul. 2021.

TEUTÔNIA. **Decreto Nº 215, de 17 de maio de 1988**. Cria e denomina escola municipal. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/t/teutonia/decreto/1988/22/215/decreto-n-215-1988-cria-e-denomina-escola-municipal?q=%22Decreto+N%C2%BA+215%22>. Acesso em: 16 fev. 2022.

TEUTÔNIA. **Decreto Nº 340, de 10 de maio de 1990**. Outorga regimento às escolas municipais. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/t/teutonia/decreto/1990/34/340/decreto-n-340-1990-outorga-regimentos-as-escolas-municipais?q=Decreto+n%C2%BA+340>. Acesso em: 16 fev. 2022.

TEUTÔNIA. **Decreto Nº 791, de 18 de janeiro de 2000**. Denomina escola municipal. Disponível em:

<https://leismunicipais.com.br/a1/rs/t/teutonia/decreto/2000/80/791/decreto-n-791-2000-denomina-escola-municipal?q=Decreto+n%C2%BA+791>. Acesso em: 16 fev. 2022.

TEUTÔNIA. Secretaria de Educação. **Ata de inauguração**. Livro [1?], f. 8, de 03 de março de 1990. Teutônia, 1990.

TEVES, Nilda. O imaginário na configuração da realidade social. *In*: TEVES, Nilda (org.). **Imaginário Social e Educação**. Rio de Janeiro: Gryphus: Faculdade de Educação da UFRJ, 1992, p. 3 -33.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2017.

WALLAUER, Cliza Bronstrup. **[Origem do nome da escola Professor Guilherme Sommer]**. Teutônia, 1990.

WASING, Kornelia Veronika. **Colégio Espírito Santo: narrativas de memória**. 2020. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unilasalle.edu.br/handle/11690/1602>. Acesso em: 14 mar. 2022.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

APÊNDICE A - Questionário de pesquisa

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA (VIA GOOGLE FORMS) APLICADO AO PÚBLICO DA AMOSTRA - ESTUDANTES, PROFESSORES, DIRETORES E FUNCIONÁRIOS QUE PASSARAM PELA EMEF PROFESSOR GUILHERME SOMMER - TEUTÔNIA/RS

Seção 1: Este questionário é parte de uma pesquisa de mestrado aplicada em Memória Social e Bens Culturais (Unilasalle - RS), sobre as memórias de identidade da EMEF Professor Guilherme Sommer, e foi elaborado pela mestranda Sabrina Henz, juntamente com as suas orientadoras Prof^a. Dra. Lúcia R. L. da Rosa e Prof^a. Dra. Rute H. da S. Ferreira. Você precisará de 5 a 10 minutos para responder as questões. É preciso responder todas para concluir. Os dados aqui coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados, mantendo seu nome em sigilo. Ao responder este questionário, entende-se que você aceitou participar, de forma voluntária, desta pesquisa acadêmica e foi informado sobre seu objetivo. Alguns dos participantes desta etapa poderão ser convidados, futuramente, para uma entrevista.

Seção 2:

1. Escreva seu nome completo:
2. Escreva sua idade:
3. Marque seu(s) vínculo(s) com a escola no(s) período(s) em que você a frequentou:
 Estudante Professor Diretor e vice-diretor Funcionário
4. Escreva o(s) período(s) em que você esteve na escola (ano em que você entrou e o ano em que você saiu cada vez):
5. Marque o período TOTAL de anos da sua vida que você já passou na EMEF Professor Guilherme Sommer:

- 0 a 4 anos 5 a 8 anos 9 a 12 anos 13 a 16 anos
 17 a 20 anos Mais de 20 anos

Seção 3:

6. Escreva 5 características da escola que vêm a sua mente quando você lembra da EMEF Professor Guilherme Sommer, em ordem de importância:

7. Descreva como era/é a EMEF Professor Guilherme Sommer no tempo que você fazia/faz parte dela:

8. Escreva uma frase que defina uma dificuldade vivenciada na EMEF Professor Guilherme Sommer. Quando ocorreu e como foi resolvida?

9. Pense uma história ou episódio inesquecível que você vivenciou na EMEF Professor Guilherme Sommer. Quando isso ocorreu? Relate aqui como foi.

Seção 4: Você concluiu o questionário!

Grata pela sua participação voluntária nesta pesquisa.

Sabrina Henz - Mestranda do PPG em Memória Social e Bens Culturais - Unilasalle - Canoas - RS.

APÊNDICE B - Plano de negócio

PLANO DE NEGÓCIO ELABORADO DE SETEMBRO DE 2020 A FEVEREIRO DE 2021, COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA DISCIPLINA OFICINA DE PRODUÇÃO E GESTÃO CULTURAL

1. APRESENTAÇÃO

O produto aqui exposto, como trabalho final para a obtenção de título de Mestra em Memória Social e Bens Culturais da Unilasalle, será uma Instalação Artística, cujo título é “Da invisibilidade ao Multicolorido: a trajetória de construção de identidade da EMEF Professor Guilherme Sommer”, feita a partir das memórias que constituem a identidade dessa escola, da cidade de Teutônia-RS, nas próprias dependências do educandário.

Considerando que a identidade está sempre em movimento, em contínua (re)construção, buscou-se um produto que, em sua essência, remetesse a essa transitoriedade. Conforme Candau (2019, p. 77), o sentimento de identidade é alimentado por “um tecido memorial coletivo” que, no caso da escola, é tramado, principalmente, pelos atores que a compõem: professores e demais profissionais da educação, funcionários, estudantes e suas famílias.

A opção por este produto considera justamente a diversidade do público-alvo, formada pela comunidade escolar, atentando para as distintas faixas etárias e graus de instrução de quem a integra e buscando aproximar a pesquisa acadêmica do universo pedagógico, ao projetar recursos já utilizados pela escola para comunicar temas em estudo. Assim, cheguei ao conceito de uma instalação artística, algo que ainda não foi feito na escola mas remete às mostras pedagógicas e exposições de trabalhos de alunos já realizadas no educandário em outros momentos, quando os estudantes divulgam seus estudos, trabalhos e pesquisas através de diferentes recursos: murais, painéis, cartazes, portfólios, maquetes, vídeos, obras de artes visuais ou mesmo em momentos de comunicação oral.

A Instalação é uma manifestação artística em que a obra é composta de elementos organizados em um ambiente, relacionando os objetos artísticos com o lugar e com o público, que muitas vezes interage com a obra. Na percepção de Oliveira (2018, p. 04), “a instalação foi se consolidando como um arranjo específico

de objetos em unidades próprias e compartilhadas num espaço” de tal forma que “sua configuração é dependente do próprio espaço que ocupa”. Planejo realizar a instalação no corredor principal da nova edificação escolar (Figura 1), entregue no ano de 2020, quando a EMEF Professor Guilherme Sommer celebrou seus 30 anos de história.

O corredor, cujas dimensões são, aproximadamente, 3m x 50m, atravessa o prédio de um lado ao outro, sendo o caminho diário de acesso a maior parte das salas de aula do educandário. As paredes são brancas, não havendo, por enquanto, murais ou ripas para fixação de cartazes em suas paredes. A iluminação natural é excelente pois conta com janelas amplas, próximas ao teto, garantindo a entrada da claridade suficiente sem a necessidade de energia elétrica em dias de céu claro. A instalação artística estará organizada em sete estações temáticas, com objetos variados, a serem especificadas mais adiante.

FIGURA 1 - EDIFICAÇÃO DA EMEF PROFESSOR GUILHERME SOMMER, EM CUJO INTERIOR LOCALIZA-SE O CORREDOR QUE SERÁ O AMBIENTE DA INSTALAÇÃO



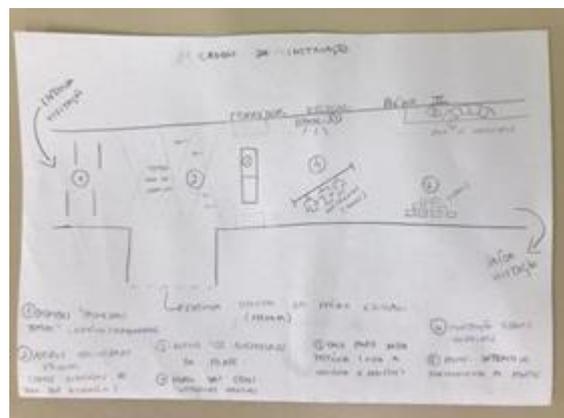
Fonte: Acervo da autora, 2020.

A ideia é que os visitantes transitem por toda a extensão do corredor (FIGURA 2), andando num sentido apenas ao entrar por uma das portas e sair pela porta paralelamente oposta ao final do corredor, passando e interagindo por sete estações temáticas que comuniquem a identidade do educandário ao longo de sua história e através das memórias pesquisadas, de forma que o espectador seja absorvido pelo espaço visual ali composto (FIGURAS 3 e 4).

FIGURA 2 - CORREDOR DA INSTALAÇÃO FIGURA 3 - CROQUI MANUAL DA INSTALAÇÃO

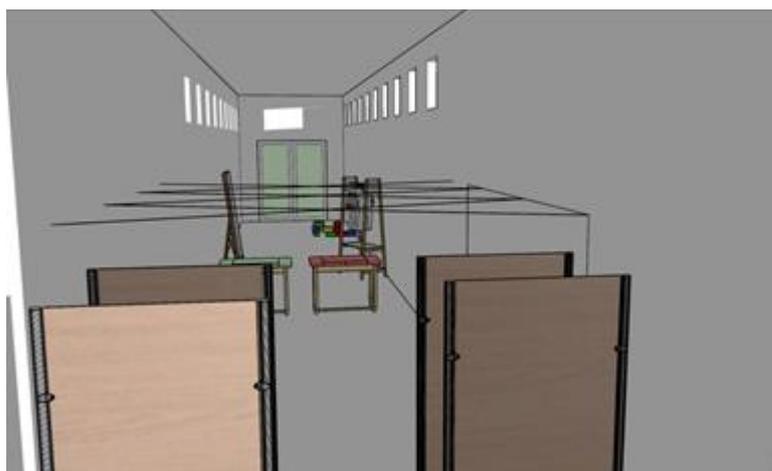


Fonte: Acervo da autora, 2020.



Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

FIGURA 3 – PRIMEIRA VERSÃO DO PROJETO GRÁFICO DA INSTALAÇÃO



Fonte: Elaborado por Juliane Fortes da Silveira Bitencourt, 2021.

Conforme o croqui inicial, a instalação contará com sete estações com diferentes objetos dispostos ao longo do corredor, conforme o quadro a seguir:

QUADRO 1 - AS ESTAÇÕES DA INSTALAÇÃO

Estação	Descrição
Estação 1	Biombos metálicos zigzagueando o caminho do visitante entre cópias de notícias em preto e branco e trechos impressos de depoimentos (narrativas) dos entrevistados.
Estação 2	Emaranhado de fios simulando uma teia, a 2m do solo, para suspender as fotografias dos rostos dos atores que compõem a comunidade escolar.
Estação 3	2 classes escolares com edição dos livretos “Os guerreiros da Ponte”, apresentando os profissionais da educação em distintos momentos
Estação 4	Arara com camisetas do uniforme da escola com 12 cores diferentes, dispostas conforme a interação do visitante.
Estação 5	Espelho de 1,8m com algumas camisetas de uniforme ao lado para o visitante “vestir a camiseta do educandário” e registrar com seu fone e publicar em sua rede social marcando a escola, se quiser.
Estação 6	Tijolos coloridos simulando o início de uma construção e muitos tijolos soltos próximos pelo chão para que o visitante continue a construção.
Estação 7	Painel de papel na parede com o desenho da ponte do logo da escola, para os visitantes colorirem colando post-it coloridos disponíveis para deixarem uma mensagem sobre o educandário ou sua experiência na visitação da obra.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

O corredor da edificação, neste caso, também será elemento que compõe a obra, significando o período de passagem e vivência no ambiente escolar que, ao mesmo tempo que delinea a identidade do educandário, constituiu etapa significativa no desenvolvimento da identidade de cada indivíduo que compartilha das vivências e histórias nessa instituição social.

A instalação será planejada e associada a algum evento ou festividade regular do calendário escolar, quando já se tem um engajamento para trazer as famílias para escola, como o Dia da Família na Escola ou o Piquenique de Integração, no primeiro trimestre de 2022, quando, estima-se, o distanciamento social imposto pela pandemia de coronavírus já tenha abrandado. Habitualmente, esses eventos aconteciam em sábados não chuvosos, e, projeta-se, seja a data de inauguração da instalação.

A durabilidade prevista para exibição pública da instalação é de 10 a 12 dias, para possibilitar a visita de estudantes de outras escolas sem comprometer por tempo demais a mobilidade dos alunos da EMEF Professor Guilherme Sommer. Para fins de registro e documentação do evento para além da sua durabilidade real, serão feitas fotografias e vídeos para a organização de um portfólio virtual que fará parte do acervo escolar.

2. PERSONA E PÚBLICO-ALVO

A persona e o público alvo desta instalação é a comunidade escolar, composta pelos alunos e seus familiares e os trabalhadores da educação (professores, supervisor escolar, orientador escolar, funcionários e estagiários). Escolho aqui como persona uma trabalhadora da educação – professora, neste caso – por entender que, dentre tantos atores que formam a comunidade escolar, é quem tem mais capacidade de alcance e multiplicação dos resultados, além de ser possivelmente o membro mais duradouro da comunidade escolar da EMEF Professor Guilherme Sommer, devido à estabilidade do emprego e pelo histórico de pouca rotatividade para os professores lotados na escola.

O público-alvo direto impacta cerca de 1000 pessoas dessa comunidade escolar. Como será um evento público, almeja-se atingir também, por extensão, autoridades locais, representantes do Executivo e Legislativo Municipal, membros de organizações culturais e artísticas da região, imprensa local, demais munícipes de Teutônia e visitantes de outras cidades da região.

3. VALORAÇÃO

3.1 Para persona e público-alvo

O objetivo principal deste produto, embasado por uma pesquisa de memória social, é consolidar uma imagem positiva do educandário ao comunicar sua trajetória para quem desconhece sua história. Para quem já faz parte da comunidade escolar há algum tempo, nota-se reconhecimento e um certo orgulho de pertencimento de compor aquele grupo; contudo aos “novatos” ou para o senso comum, que pouco conhece a instituição e apresenta muitas vezes uma imagem depreciativa por se tratar de uma escola de periferia, faz-se necessário este produto.

Assim sendo, o valor deste produto está em comunicar para além dos muros da escola sua trajetória identitária, fortalecendo o sentimento de pertencimento, reconhecimento e valorização de quem integra este grupo e prima por sua boa imagem. Grosso modo, dar vez, voz e nome aos menos favorecidos do padrão da rede municipal de ensino.

3.2 Para financiadores

Em se tratando da própria escola e, por extensão, da Secretaria Municipal de Educação, o valor do produto implica diretamente na divulgação e reconhecimento social da instituição para além da esfera local.

Em se tratando dos outros possíveis financiadores, ao divulgar sua marca, ceder espaço para comunicação do cliente no dia da abertura da Instalação e atrair novos clientes potenciais.

No caso específico da Associação Cultural, aproximar a comunidade da entidade para que prestigie e participe, futuramente, de outros eventos e quiçá atraia investidores ou patrocinadores para isso também.

4. MATRIZ FOFA

É preciso pensar nos aspectos favoráveis e desfavoráveis da instalação, para melhor desenvolvimento das estratégias de eficiência e competitividade do negócio, o que está expresso na matriz F.O.F.A. a seguir (QUADRO 2).

QUADRO 2 – MATRIZ F.O.F.A. DA INSTALAÇÃO ARTÍSTICA

FORÇAS	OPORTUNIDADES
<p>Originalidade ao mesmo tempo em que estabelece proximidade com outras exposições do universo escolar.</p> <p>Inauguração combinada a um evento já existente no calendário escolar, pois implicará valorização e aumento de público para o evento.</p> <p>Participação maciça da comunidade em eventos escolares.</p> <p>Direção de Arte com profissional especializado, docente da escola.</p> <p>Interação do público com a obra.</p> <p>Gratuidade da maior parte dos serviços e materiais, oferecidos pelo ente público (mantenedora).</p>	<p>Localização estratégica do evento.</p> <p>Poucos concorrentes na região.</p> <p>Visibilidade da escola para além dos limites municipais.</p> <p>Atração de estudantes de outras redes ou mesmo visitantes externos para conhecer a escola da Vila Popular.</p> <p>Valorização de obra artística inspirada na escola e enaltecimento da carreira docente por meio de vínculo escola-universidade</p>
FRAQUEZAS	AMEAÇAS
<p>Comprometimento parcial da mobilidade e circulação do corredor principal do prédio durante a realização da instalação.</p> <p>Possibilidade de prejuízos estéticos ou danos a objetos da instalação, devido à circulação diária no local</p> <p>Falta de experiência no ramo.</p> <p>Redisposição dos objetos da instalação para facilitar a circulação.</p> <p>Número de profissionais reduzidos na organização e realização do produto.</p> <p>Curto espaço de tempo entre o início do calendário letivo e a entrega do produto, para viabilizar toda a organização com auxílio da mantenedora.</p> <p>Horário reduzido para visita externa, limitado ao tempo de funcionamento da escola.</p>	<p>Permanência de medidas de distanciamento controlado como prevenção ao coronavírus, limitando ou escalonando o público do evento.</p> <p>Desinteresse por atividades artísticas e culturais em locais com grande número de pessoas, devido ao abalo emocional pós-pandemia.</p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

5. CUSTO TOTAL E FINANCIAMENTO

Visto que o produto se assemelha em organização e produção a outros eventos já realizados anualmente na escola da rede municipal, como as Mostras Pedagógicas, por exemplo, muitos dos custos acabam dissolvidos em acordos e parcerias estabelecidos pelo ente público com algumas empresas locais, através de processos licitatórios, de empenho ou convênios, e pela própria oferta de serviços da Prefeitura Municipal de Teutônia, para as escolas da sua rede de ensino. Assim sendo, conforme descrição do Quadro 3, o valor total a ser investido será de R\$ 3.700,00.

Entretanto, será preciso angariar fundos de investimento para a impressão de convites em gráfica especializada, etapa importante da divulgação do produto, e compra de materiais para a organização da instalação, caso não haja disponível na escola nem na Secretaria Municipal de Educação, pois o restante será financiado pela mantenedora ou voluntariado de conhecidos.

QUADRO 3 – CUSTOS TOTAIS E FINANCIAMENTO DA INSTALAÇÃO

SERVIÇO	VALOR	FINANCIAMENTO
Locação	R\$ 1.000,00	Prefeitura Municipal
Materiais Diversos (fios, papéis, tecido, caixas, etc)	R\$ 300,00	Escola e/ou patrocinadores locais
Mão de obra	R\$ 300,00	Prefeitura Municipal
Transporte de materiais	R\$ 200,00	Prefeitura Municipal e autora do projeto
Curadoria/Direção de Arte	R\$ 500,00	Trabalho Voluntário (ARCA e Lucas Wickert)
Divulgação Impressa (convites)	R\$ 400,00	Patrocinadores locais
Divulgação Digital	R\$ 300,00	Prefeitura Municipal
Cobertura de Imprensa	R\$ 300,00	Prefeitura Municipal e Grupo Folha Popular
Registros fotográficos e vídeos	R\$ 300,00	Trabalho Voluntário (autora e convidados)
Portfólio Virtual Póstumo (PPT/PDF)	R\$ 100,00	Trabalho Voluntário (autora)
CUSTO TOTAL ESTIMADO	R\$ 3.700,00	

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

O produto será financiado pela própria escola EMEF Professor Guilherme Sommer e Secretaria Municipal de Educação, ao fornecer as dependências e, possivelmente, muitos dos materiais e serviços utilizados para a organização da Instalação e abertura do evento. O senhor Lucas Wickert, professor de Arte da escola, será o Diretor de Arte da instalação, exercendo o trabalho de forma voluntária.

Para a impressão dos convites e arrecadação de fundos para gastos extras com materiais (se houver), buscar-se-á patrocínio junto ao seguintes (prováveis) financiadores locais, que habitualmente apoiam os projetos da escola: Livraria e Papelaria Wessel, Livraria Armazém, Grupo Folha Popular (imprensa local), Gráfica Dallas, Magia Malhas, ARCA – Associação Regional Cultural e Artística. Para convencê-los do investimento, será lançada a proposta “Instale-se na Sommer”, em que se disponibilizará um espaço (estande) de 4 metros quadrados no pátio escolar ou saguão de entrada do prédio II (área externa) para divulgação e comercialização de seus produtos ou serviços durante o período da evento.

Embora a possibilidade da mantenedora não apoiar ou financiar a maior parte do projeto seja praticamente nula, visto que é praxe investir nas promoções culturais e eventos festivos das escolas de sua rede, para não ficar dependente de uma única fonte de financiamento apenas e, assim, comprometer a realização do evento no prazo estipulado, pretendo buscar e inscrever o projeto em leis de fomento à cultura para pessoas físicas, como o Pró-cultura RS FAC, por exemplo, se houver editais disponíveis em 2021.

6. RECEITA

A instalação artística “Da invisibilidade ao Multicolorido: a trajetória de construção de identidade da EMEF Professor Guilherme Sommer” nas dependências da escola será aberta e gratuita ao público em geral, integrando parte de um evento ou festividade rotineira da escola (possivelmente, no mês de aniversário da instituição), não gerando receita direta no ato da visita, mas prevendo benefícios significativos aos envolvidos no projeto.

7. RESULTADO ESPERADO

A EMEF Professor Guilherme Sommer, situada no coração da Vila Popular e conhecida pelas muitas cores do seu logotipo, apresenta-se, para seus membros, como símbolo de diversidade, pertença e transformação no âmbito educacional da rede municipal, ainda que seu reconhecimento nas diferentes esferas sociais do município seja controverso. O resultado esperado é atingir o maior número de visitantes no período da Instalação para comunicar a trajetória de construção de identidade da escola, de forma que diminua ou elimine, futuramente, o preconceito em relação à instituição, muitas vezes oriundo de indivíduos que desconhecem a íntegra da sua história e suas características identitárias.

O benefício gerado com o produto, assim, implica no reconhecimento e fortalecimento da identidade do educandário na sociedade teutoniense, o que pode motivar, futuramente, um aumento no número de matrículas, havendo vacância para além dos critérios de zoneamento, e, quiçá, um crescimento na participação de contribuições espontâneas e doações para o Círculo de Pais e Mestres.

Além disso, este produto pode projetar a escola para um espaço referencial na rede municipal em termos de promoção e produção de cultura, garantindo uma prática significativa para o desenvolvimento da terceira competência geral de Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 09) que versa sobre o repertório cultural e determina “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais.” Com isso, dar mais visibilidade ao educandário como importante ator cultural no cenário regional, inspirando outras escolas, principalmente públicas, a extrapolarem as fronteiras educacionais para o vasto universo artístico e cultural.

Estima-se, ainda como benefício indireto, que as empresas locais patrocinadoras e possivelmente presentes com estandes no evento apresentem aumento da receita mensal prevista no período subsequente ao da instalação. A projeção de aumento de receita, todavia, não pode ser calculada com tanta antecedência e varia conforme o faturamento de cada investidor.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília/DF: Brasil, 2017.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2019.

OLIVEIRA, Emerson Dionisio Gomes de. Reapresentação e documentação de instalações de arte em três museus brasileiros. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: Nova Série, vol. 26, p. 1-30, 2018.